

DANIEL BARROS

ENTERRO SEM DEFUNTO

R o m a n c e



Ler[®]
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ENTERRO SEM DEFUNTO

Brasília, 2013

ENTERRO
SEM DEFUNTO
romance

Daniel Barros

Copyright © Daniel Barros, 2013

M&B Editora

Contato com o autor:

danielbarros45@gmail.com

Revisão

João Carlos Taveira

Autor

Daniel Barros

Capa

Thiago Sarandy

Foto da capa

© fotosearch.br

Agradecimentos

Lindoberto Ribeiro, Márcio Ferreira, André Raposo,

Márcio Zanoni e Ricardo Mendonça

Diagramação

Henry Costa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Barros, Daniel 1968

Enterro sem defunto / Daniel Barros; Brasília: LER Editora, 2013.

240 p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-1502455413

1. Literatura brasileira. 2. Romance policial. I. Título.

CDU: 821.111(73)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para dois imortais, poetas e mentores, Ivan Marinho e João Carlos Taveira, grandes incentivadores e ferrenhos críticos, sem os quais eu não teria continuado esta árdua, mas prazerosa labuta.

“Todos os bons livros se parecem: são mais reais do que se tivessem acontecido de verdade.”

Ernest Hemingway

NOTA: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, situações e incidentes são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, localidade.

DEDICATÓRIA

Este romance é uma homenagem a todos, homens e mulheres, que dedicam suas vidas em defesa do próximo, muitas vezes sacrificando a própria vida para que tenhamos uma sociedade mais justa. E quase sempre não reconhecidos por essa mesma sociedade. Muitos deles ficaram pelo caminho para proteger àqueles que nem mesmo conheciam.

Aos que sofrem as mazelas terríveis da corrupção e dos crimes que dominam nossa sociedade em todos os níveis.

Àqueles que acreditam que, não só na carreira profissional, como na vida, devemos nos pautar em duas coisas: honestidade e valentia. O resto se aprende.

“... nós, romancistas do Nordeste, denunciadores incômodos e incorrigíveis da pobreza e da injustiça, dos pesadelos e das calamidades, sempre nos distinguimos de nossos confrades do Centro e do Sul pelo nosso ar de estrangeiros, de emissários dessa interminável Oriente que é a nossa terra natal.”

Lêdo Ivo

CAPÍTULO I

Fazia um belo dia de sol, apesar de ter chovido durante a noite e parte da manhã. As ruas ainda estavam molhadas, mas o tempo estava bom, não obstante um leve calor.

Alcides não era um homem grande, mas tinha braços fortes, pois trabalhara algum tempo na fazenda de seu avô materno quando adolescente. Tinha pele branca, cabelos castanhos e olhos verdes azulados. Com quase trinta anos, cabelos pouco acima dos ombros, já usava barba. Era da terceira geração de policiais da sua família paterna.

Resolvera aceitar a herança já meio tarde. Iniciara sua carreira profissional como fotojornalista, tendo trabalhado quase cinco anos na profissão e convivido com situações espantosas. Cobria a zona rural e pôde constatar de perto a exploração dos trabalhadores nos canaviais do Nordeste, quando aprofundou seu interesse na política de distribuição de recursos públicos designados à agricultura. Recursos públicos que deveriam ser reservados aos pequenos produtores, e que eram destinados à criação de gado e produção familiar, eram desviados para grandes usineiros da região. As circunstâncias o fizeram ingressar na polícia. Suas fotos de denúncia quase nunca eram publicadas. Passou então a fazer fotos publicitárias e publicá-las como fotógrafo independente.

Na polícia fora lotado na Divisão de Entorpecente. Era início da tarde quando se apresentou. Fora informado que a princípio daria apoio à equipe do chefe, para que este pudesse conhecê-lo melhor, enquanto formaria a sua própria equipe ou entraria em alguma outra que estivesse incompleta. Na entrada da divisão havia uma pequena antessala e, logo depois, uma recepção.

Após a recepção, havia uma porta de madeira, sempre fechada, que separava a antessala das seções dos investigadores dos demais gabinetes. Havia também um corredor com sala de ambos os lados; eram três seções de investigações, mais cartório, sala de rádio, duas salas para delegados, o depósito de provas que ficava ao lado do gabinete do delegado-chefe, e finalmente o banheiro e a copa.

Foi indicado para a seção I. Um policial da recepção se encarregou de levá-lo a sua sala. O sujeito era de altura mediana, branco, cabeça raspada e usava óculos de grau, sisudo, porém muito educado.

— Pediu pra trabalhar com droga ou te mandaram? – falou o policial da recepção que o acompanhava.

— Na realidade... – pensou, “será que esse cara tá me testando? Ah, foda-se!” – solicitei minha lotação na homicídios, mas...

— Já sei, devem ter vindo com a baboseira de que “nós” temos que trabalhar onde a polícia precisa e não aonde temos afinidade. Blá blá blá...

— Foi exatamente o que o delegado que me atendeu falou – respondeu sorrindo e já simpatizando com o colega.

— Olhe, parceiro, você se deu bem. Esta seção é muito boa, o chefe é trabalhador e é honesto pra caramba!

— Bom, então.

O seu pai o havia prevenido sobre ter cautela com os colegas, mas deixar bem claro, desde o início, que era honesto. Afinal os corruptos não gostam de trabalhar com os honestos, e assim que os identificam mantêm certa distância. Entretanto, tinha visto sinceridade naquele policial.

— Francisco, esse é... Qual é mesmo seu nome?

— Alcides Teixeira.

— Caramba! Alcides, nem me apresentei; meu nome é Heitor! – rindo – Esse é Francisco, chefe da seção. Francisco, este é Alcides. Muito prazer.

— O prazer foi meu, Heitor. Muito prazer, Francisco – e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— Bom, este é meu parceiro, Mendes – disse Francisco –, apontando para um colega ao seu lado.

— Mas você não tem cara de Alcides, não – Mendes falou com um sorriso irônico.

Mendes era um sujeito baixo, cabelo curto, moreno claro, vestia camisa de botão vinho de mangas curtas e camiseta de malha branca por baixo. Francisco vestia roupa igual, camisa social de mangas curtas, preta, e camiseta cinza. Era também baixo, porém forte, cabelos pretos bem lisos e pele branca. Francisco era sério, porém muito falante e simpático. Já o Mendes era calado, e sempre com um sorriso irônico no rosto.

— Alcides? Como gostaria de ser chamado? – perguntou Mendes.

— Alcides Teixeira, este é meu nome.

— Alcides, vamos checar uma informação. As equipes já estão na rua, então hoje você vai com a gente – falou Francisco.

Saíram da delegacia, e por três vezes Mendes chamou Alcides de Rubens. Após a terceira vez, Alcides retrucou:

— Meu nome é Alcides!

Mendes olhou para ele e falou:

— Mas tem cara de Rubens.

E todos riram. Entraram num conjunto de apartamentos. Francisco falou que estavam investigando um traficante de maconha da região, mas não sabiam onde ele morava. Achavam que era próximo, mas não tinham certeza. O informante sabia que naquela tarde ele, o traficante, faria uma entrega no Cruzeiro Novo. Então chegaram os três. O traficante deveria fazer a entrega perto dos blocos; Francisco e Mendes ficariam mais próximos, Alcides ficaria do outro lado, onde poderia ser um ponto de fuga. Viu um quiosque onde podia ficar. Pediu uma cerveja e pagou antecipadamente, já que poderia precisar sair rápido. E pensou: “Esses caras são doidos ou estão querendo me testar... Deixaram-me como única opção um boteco!”

Passada mais ou menos uma hora, chegou um homem negro, calça jeans, camiseta e boné pretos. Aproximou-se dos blocos e quase que imediatamente um jovem branco, de bermuda florida e camiseta regata verde, foi ao seu encontro. Tirou algo da carteira e o entregou. Pegou algo, cheirou, colocou no bolso e saiu. Alcides de pronto levantou-se para ir em direção aos dois, mas logo percebeu que Mendes fez um sinal para ele ficar. O rapaz foi para trás do bloco e o negro veio em sua direção. Estava nervoso, não sabia o que fazer, mas não viu nenhuma reação dos parceiros, que sumiram em direção ao final dos blocos, atrás do jovem. O negro passou por ele e continuou andando; ele resolveu então segui-lo. Ficou extremamente preocupado, pois não conhecia nada no bairro, mas prosseguiu mesmo assim. Seguiu-o por uma longa distância. Já estava pensando seriamente em abordá-lo só, como era um negro forte seria uma boa luta. De repente seu celular tocou. Era Mendes, falando-lhe que estava bem atrás dele. Ele olhou para a esquina e viu Mendes a uns trinta metros dele. Falou também que o cara de verde já estava na “mão”. E que Francisco esperava o apoio para levar o jovem para a delegacia.

Chegaram ao fim do conjunto de apartamentos e entraram em um conjunto só de casas. O homem continuava caminhando. Sem perceber que estava sendo seguido, sorria e cantarolava. Após

uma pequena praça dobrou a esquerda, passou por umas quatro casas e parou na porta onde havia um senhor com umas gaiolas de passarinhos. Sentou-se em um banquinho e ficou a olhar o senhor cuidar dos pássaros. Alcides olhou para Mendes que, passando por ele, saiu da visão do traficante. Alcides percebeu que, da parada de ônibus, podia observar melhor o traficante. No momento não entendeu porque Mendes se dirigiu para a rua de trás da casa em que o traficante estava, mas sem sair da visão de Alcides. Logo depois chegou um jovem ruivo, falou com o negro, e, ato contínuo, entrou pela lateral da casa. Só então, ele percebeu que ao lado da casa havia um beco, e esse beco dava para a rua em que Mendes estava observando, ou melhor, campanando^[1]. O traficante fez um sinal mandando o ruivo ir para o beco, e entrou na casa. Nesse momento Francisco chegou.

— “Moleque!” Passa pela rua em que o Mendes está e fica na outra extremidade.

— Como assim? Não vou ver o cara sair.

— A casa é vazada e é provável que ele saia pelos fundos pra entregar a droga ao ruivo.

— Então você cuida da frente? – perguntou Alcides e pensou: “Como ele viu o cara ruivo, se nem estava aqui?!”

— Vai “moleque”, deixe que cuida da frente da casa. Ah! Se liga no negão!

Alcides contornou a rua e se posicionou do outro lado. Quando se encostou a um muro para observar os fundos da casa, viu o ruivo esperando atrás da casa e logo em seguida o traficante saiu ao seu encontro. Só que de repente o cachorro da casa em que ele estava encostado começou a latir. Ele não tinha percebido que havia cachorro na casa e, imediatamente, se escondeu, quando ouviu um grito: “*PARADO, POLICIA!*” Olhou e viu Mendes correndo

atrás do negão, que entrava na casa, enquanto o ruivo corria pelo beco. Lembrou: “*se liga no negão!*” Então correu em apoio a Mendes, seguido por Francisco. O negão passou pela sala e correu para o quarto, com os três em seu encalço. Quando entrou na sala, duas mulheres gritavam. Passou direto para o quarto atrás do negão, junto com Mendes. No quarto o pegaram; ele resistia para não ser algemado, enquanto as mulheres gritavam na porta, e eram impedidas por Francisco de entrar no quarto.

A essa altura, Francisco já tinha pedido apoio a outras equipes que haviam chegado ao local. Estava um verdadeiro tumulto. As mulheres faziam o maior escândalo. Mas, após terem algemado o indivíduo, os policiais iniciaram uma rápida busca e logo em baixo da cama encontraram uma porção de maconha, que havia sido jogada pelo traficante na hora que entrou. Mendes pediu a Alcides que desse uma olhada no banheiro, pois, quando o negão entrou no quarto, sua intenção era chegar ao banheiro. Alcides encontrou um pacote por trás da pia do banheiro, mas Mendes pediu para ele deixar lá enquanto arrolavam “testemunhas do povo” para realizarem a busca. Era algo que deixou Alcides pasmo. Como o próprio Estado necessitava de “testemunhas do povo” para fiscalizá-lo? Afinal eles representavam o Estado, isso significava que o Estado não confiava no próprio Estado.

— Eu vou processar vocês! – gritava histericamente a mãe do traficante.

Enquanto isso, Francisco calmamente explicava à senhora o procedimento. E ela gritava: “mas eu quero saber o nome de cada um de vocês!” Ela pegava e balançava os distintivos que os policiais tinham pendurados no pescoço. E ninguém falava nada. Nisso, chegou Henrique, um dos policiais que veio em apoio, foi logo dizendo com seu sotaque sulista:

— A senhora não toca em mim não, que a meto no “grampo ^[2]”.

A velha se dirigiu agora para Alcides: *e você?! Fala! Qual seu nome? E insistiu, fala qual o seu nome!* E de repente ele gritou: *MEU NOME É RUBENS!* Foi uma verdadeira algazarra, todos os policiais riram e a velha não entendeu nada. *Não falei! Você tem cara de Rubens.* Falou baixinho Mendes com ar de brincadeira para Alcides, que também sorria com sua própria resposta.

Alcides chegou a casa já de madrugada. Os procedimentos na delegacia eram absurdos. Uma papelada danada, mil repetições e, o pior de tudo, só podia se iniciar o flagrante com a chegada do delegado, que a única coisa que fazia era assinar o “bendito flagrante”, pois o fundamentado^[3] ele só faria em outro dia. Estava cansado, mas feliz com o resultado da operação. Tinham tirado um traficante das ruas; e pior, era um ex-policial militar, o que deixou Alcides ainda mais contente, já que este traficante havia sido expulso da PM. A justiça não o condenara e com esta prisão suas chances de voltar à PM acabariam de uma vez por todas.

Ele morava com dois colegas, também vindos do Nordeste, e que trabalhavam em outras unidades. Estavam dormindo quando ele chegou. Pegou um copo, colocou quatro pedras de gelo e serviu uísque até a altura das pedras. Preparou um cachimbo e sentou na varanda nos fundos da casa para fumar e relaxar um pouco. E pensou: “até pouco tempo atrás minha vida era outra”.

CAPÍTULO II

Há três anos estava em uma lanchonete na praia de Jatiúca, em Maceió, esperando uma cliente, que pretendia contratá-lo para fazer as fotos do aniversário do filho. Alcides não fazia esse tipo de trabalho, mas tinha sido um pedido de um colega, que estaria viajando e não poderia fazê-lo, e ele nunca deixava de atender a seus amigos. Tinha conversado com a moça por telefone e o que havia era uma vaga descrição: só sabia que era morena e de cabelos curtos.

Era final de tarde e o mar estava calmo. Jangadas com suas velas enroladas descansavam na areia. O céu estava com poucas nuvens, sombreando o mar e deixando-o com manchas de um azul profundo, contrastando com o verde intenso do mar de Jatiúca. Pessoas caminhavam, outras corriam, e algumas andavam de bicicleta pela ciclovia e calçadas que margeavam toda a orla, desde o início da Pajuçara, passando pela Ponta Verde, até terminar no pequeno lago do hotel Jatiúca.

Pediu um chope e ficou a observar as belas mulheres que “desfilavam” naquela deslumbrante passarela. Quando, de repente, viu chegar uma mulher: cabelos castanhos longos, branquinha, vestida de jeans escuros e blusa verde sem mangas. A calça justa acentuava sua bunda e pernas. Trazia uma bolsa a tiracolo e carregava uma pasta junto ao corpo. “Nossa! Bem que podia ser essa mulher, mas a que estou esperando é morena. Que pena que não seja é essa!” A garota não quis sentar, ficou em pé como se esperasse alguém. Já havia passado 15 minutos do horário marcado, e Alcides já estava impaciente e meio arrependido de ter aceitado fazer o favor para seu amigo. A pessoa que a garota

esperava também devia estar atrasada. Ela estava inquieta. Tirou o celular da bolsa e começou a teclar, na mesma hora em que o celular dele tocou. Ela se voltou na direção dele enquanto ele atendia: “Alô, pois não!” Eles se olharam e sorriram um para o outro.

— Boa tarde, você deve ser o Alcides...

— E você, Isabelle! É um prazer – disse, estendendo-lhe a mão.

— O prazer é meu, nossa! O Henry me falou que você era gordo e calvo – Isabelle falou sorrindo.

— Eu devia ter imaginado, o Henry é um brincalhão. Falou para mim que você era morena e de cabelos louros – ambos sorriram.

— Se não tivesse anotado seu celular, nunca o reconheceria.

— É, mas valeu a surpresa, você é linda!

Alcides pôde observar quando a cumprimentou que ela não usava nenhum tipo de aliança. “Nossa!” pensou ele. E como eram lindas suas mãos, dedos finos e compridos, delicada e macia como uma seda.

— Obrigada! – respondeu. Seu rosto branco corou, e sorriu envergonhada, abaixando a cabeça.

Perguntou então o que ela gostaria para a festa do menino. Ele sugeriu fazer umas fotos antes do dia do aniversário. Começaria o trabalho com o garoto brincando com os amigos na praia, na escola, etc. Ela adorou a ideia.

CAPÍTULO III

Alcides costumava beber em um *pub* próximo a sua casa. Era um local bem agradável. A entrada era um longo corredor margeado por jardim em um canteiro. Logo em frente à entrada havia um balcão em L, onde ficava um barman e também o caixa. O bar tinha dois ambientes, um com mesas de madeira escura e o outro onde ficavam máquinas de fliperama e duas mesas de sinuca. Ali também havia uma antiga máquina de música, onde só se tocavam *blues* e *jazz*. Nas paredes alguns pôsteres de filmes e os clássicos músicos de jazz, com luzes que os iluminava. Sobre as mesas de sinuca, luzes brancas que apenas as clareavam. O que deixava o lugar um tanto sombrio. Era um bar frequentado por pessoas “alternativas”, e Alcides pôde perceber a presença de alguns possíveis usuários de drogas. Sendo assim, ele, além de divertir, poderia também colher informações. Percebeu que na frente do bar toda a noite sempre ficava um casal, que pouco entrava no bar. Quando o fazia era apenas para usar o banheiro. Então resolveu observar melhor aqueles dois. Após algumas noites, percebeu que não estavam ali por acaso, mas, sim, traficando entorpecente. Conversou então com seus parceiros, que resolveram montar uma campana para prender o casal. Alcides havia formado equipe com Alberto, Henrique e Heitor. Heitor agora não trabalhava mais na recepção. Comunicou ao seu chefe, que ofereceu duas equipes para apoiá-los. O comando ficaria com Alcides e sua equipe.

Normalmente o casal chegava por volta das vinte horas. Então começaram a se posicionar a partir das dezenove. Alcides e sua equipe ficariam dentro do bar e a princípio não participariam do

“bote” (abordagem) para não se “queimarem” e poderem realizar outras prisões lá. Colocou as equipes nas extremidades da rua. Tudo estava pronto. Só que deu vinte, vinte e uma horas... e nada do casal chegar. Alcides começou a se preocupar. Já que havia mobilizado outras equipes, e, se não desse certo, poderia ficar desacreditado. Vinte e duas horas e nada. Às vinte e três horas, Alcides resolveu suspender a operação. Francisco falou para que esperassem mais um pouco. Por volta da meia-noite viu o casal saindo do estacionamento lateral e se dirigir à porta do bar.

Estavam tendo dificuldades para prender os usuários que adquiriam a droga do casal, pois normalmente estes compravam e entravam para consumir a cocaína no banheiro do bar, o que complicava a abordagem, pois o traficante poderia perceber e fugir ou dispensar a droga. Alcides resolveu então que sua equipe faria a abordagem no banheiro e simultaneamente outra faria a dos traficantes. Pronto! Henrique, Heitor e Alberto abordaram o usuário no banheiro, achando com ele uma trouxinha de cocaína, enquanto Francisco e sua equipe abordaram o casal. Mas, apesar de encontrar com eles uma boa quantidade de dinheiro, acharam apenas uma pequena porção de cocaína com cada um. Começaram a fazer pressão para que o traficante falasse onde estaria o resto da droga. E ele não falava nada. Repetiam que eram usuários e que tinham comprado na praça do DI, que ficava próximo ao bar. Todos sabiam que era mentira, mas não estavam conseguindo achar o restante da droga. Foi então que Alberto resolveu procurar algum vestígio no estacionamento. Na hora da abordagem à mulher, ela tentou dispensar uma chave de carro em meio às plantas do canteiro, onde estavam sentados. De posse da chave, Heitor, Alberto e Henrique localizaram o carro do traficante e nele encontraram cerca de cento e sessenta trouxinhas de cocaína. Foi uma alegria total, todos comemoravam, menos, é claro, os traficantes. Na consulta a POLINTER^[4], não constava prisões anteriores, portanto Alberto achou muito estranho. O cara tinha tatuagens típicas de ex-presidiário. Então o levaram para que

pudesse ser identificado, no Instituto de Identificação. Confirmando as suspeitas de Alberto, o traficante havia apresentado documento falso, e com sua identificação correta descobriram que havia contra ele dois mandados de prisão por homicídio qualificado. Na delegacia, em entrevista com o traficante, descobriu o motivo do atraso do mesmo. É que ele estava assistindo a semifinal da Copa Libertadores da América entre Palmeiras e Corinthians.

Sua vida de fotógrafo em Maceió era bem diferente da que ele levava como policial em Brasília.

CAPÍTULO IV

As fotos ficaram muito boas. Isabelle adorou a ideia das fotografias externas. Aproveitando o momento de entregá-las, Alcides a convidou para ir a um show. *Skank* era uma boa banda e foi um espetáculo. Dançaram e se divertiram. Depois do show resolveram comer alguma coisa. Alcides a levou em um restaurante à beira-mar. Lá, serviam um delicioso camarão refogado na manteiga e ao molho de alcaparras. Ele pediu uma cerveja e um Martini para ela. Os camarões estavam macios e consistentes, e o sabor salgado de mar era acentuado pelo forte gosto das alcaparras.

Havia se separado há pouco tempo, e após a separação resolvera voltar a estudar. Apesar de ser engenheira civil, seu mestrado era em análise de sistemas, pois trabalhava com processamento de dados. A noite estava fresca e bem agradável, uma leve brisa colocava um frêmito em seus cabelos. Alcides os acariciou e a beijou, sentindo-a esmorecer em seus braços. Isabelle estava com um vestido de alças, azul, com pequenas flores amarelas, pouco acima dos joelhos. E ele pôde perceber seus seios excitados. Então, colocou a mão em sua coxa, por sob a mesa e muito calmamente foi subindo suas carícias, sendo impedido por ela de continuar o atrevimento.

Quando chegaram ao prédio dela, Alcides perguntou por seu filho e ela falou que o havia deixado na casa de sua mãe. Pediu então água, desculpa é claro para subir ao apartamento. Subiram, e ele se acomodou na sala, enquanto ela foi buscar a água.

¾ Não tenho cerveja. Você gostaria de tomar uísque? –
perguntou Isabelle

¾ Sim, obrigado.

¾ Como quer que sirva?

¾ Apenas com gelo, quatro pedras.

Ela voltou, e junto com o uísque trouxe também alguns petiscos, que colocou na mesinha de centro e sentou ao lado dele. Tomou um gole do uísque dele e o beijou. Ele deslizou a mão pelas costas dela, retribuindo suas carícias. Baixou uma alça do vestido, depois a outra e calmamente baixou o vestido. Ela tinha seios rosados, lindos! A pele branquinha sem nenhuma marca. Percorreu seu corpo, beijando-o a cada centímetro. Quando chegou ao seu sexo, ela gemia de prazer e se contorcia sobre o sofá. Fizeram amor ali mesmo. Ela adormecera e ele a acomodou no tapete da sala da melhor forma. Foi ao quarto, buscou um cobertor, voltou e, antes de cobri-la, contemplou seu corpo por alguns instantes. Deitou ao seu lado e adormeceu também.

Quando acordou, ela não estava ao seu lado, mas o cheiro de café denunciou o que estava fazendo. Ela percebeu que ele acordara e levou café para ele. Disse-lhe que podia tomar banho no banheiro do quarto dela. No banheiro havia uma toalha dobrada, uma escova de dente fechada. A banheira estava pronta com sais de banho, e um bilhete que, pelo que leu, devia ter sido escrito mais cedo.

Bom dia, querido.

Deixei seu banho pronto, fui à padaria, mas volto logo.

Não fique com muita saudade, tá?.

Adorei a noite!

Belle

— Oi, querido, fiz cuscuz e tem queijo coalho que meu pai traz do sertão.

— Gosto muito desse queijo. Está tudo ótimo.

— Quer ovos?

— Não, querida. Obrigado.

— Minha mãe ligou, falou que estava indo para a fazenda, e que levaria o Léo.

— Você quer ir também? – perguntou ele.

— Não, mas se você quiser podemos passar o dia juntos.

— Seria ótimo. Podíamos ir à praia. Que tal?

— Eu acho que deu pra notar que não sou muito de “pegar” sol - falou sorrindo.

— Tudo bem então, poderíamos ir à Massagueira.

— Ótimo! Mudando de assunto, gostaria de te perguntar uma coisa.

— Claro!

— Na realidade não é uma pergunta, é um pedido. Fiquei casada por cinco anos e meu ex-marido foi meu primeiro namorado. Você é a primeira pessoa com quem me relaciono depois da separação. Então estou meio perdida, não sei bem o que fazer.

— Minha querida, você é uma mulher maravilhosa! E essas coisas não têm receita, é deixar acontecer.

— Mas fico insegura.

— Isso é perfeitamente normal, acha que também não fico?

— Não, não acho que você fica inseguro, está sempre seguro, sabe aonde ir, o que vai pedir.

— Não é bem assim, também fico me perguntando se você vai gostar do meu perfume, se a camisa tá adequada para o local. Acredito que só com um tempo de convívio isto diminui.

— Mas uma coisa é certa, apesar da insegurança, estou adorando o que está acontecendo com a gente.

A Massagueira fica logo depois da segunda ponte, na saída de Maceió, rumo ao sul. Na entrada, do lado esquerdo, ficavam várias barraquinhas de madeira rústica vendendo doces, cocadas, suspiros e, na época de frutas, vendiam também mangas, mangabas e cajus. Mais adiante uma praça, do lado direito, um sítio de coqueiro encobrendo a lagoa. Depois da praça, a estrada fazia uma curva para a esquerda, e logo se podia ver a lagoa, bares e restaurantes com seus decks de madeira. Ele gostava de ficar num barzinho em frente à igreja. Na realidade não era bem em frente, havia um descampado com vários coqueiros na frente da igreja e do lado desse descampado ficava o barzinho.

Sentaram-se e pediram cerveja e duas caipirinhas. Ela pediu de mangaba e ele, de limão. As caipirinhas pareciam mais um sorvete; eram servidas em tulipas para serem “bebidas” inicialmente com colher. Bem geladas e cremosas, pouco se sentia a acidez do limão. Pediram para iniciar siris de coral, que eram servidos inteiros. Eles comiam primeiro as patinhas. Depois abriam o crustáceo, separavam o fel e iam comendo as ovas, que eram o principal. De coloração alaranjada, sabor airado, seco e ao mesmo

tempo consistente, o siri devia estar muito saboroso. Por último, a carne do corpo que tinha o sabor mais leve. Pediu mais uma caipirinha para ela e um uísque para ele, que sempre bebia o mesmo. No barzinho já havia sua garrafa, difícil de ser encontrada nos outros bares. Alcides bebia sempre *Justerini & Brooks*, o **J&B**.

Comeram Carapeba (Majorra^[5]) frita, peixe nobre de águas tropicais e típico da culinária alagoana. Finalizaram a refeição com uma bela peixada de "cavala" ao molho de camarão.

CAPÍTULO V

Os dois amigos que moravam com Alcides, um ex-professor e o outro ex-advogado, ambos policiais agora. O professor era um sujeito alto, magro, cabelo um pouco grisalho, e fumava muito. Muito culto, paralelamente à sua profissão de professor. O outro companheiro era mais baixo, forte, mais ou menos da altura de Alcides, cabelos curtos, e usava cavanhaque e bigode.

Era sábado e todos estavam de folga. José, o professor, resolvera lavar umas roupas, enquanto Pedro e Alcides foram lavar os carros na garagem.

Coincidência ou não, pelo calor que fazia naquele lindo dia de sol, sua vizinha de frente tivera a mesma ideia. Ela vestia um *shortinho* azul de malha, bem justo ao corpo e uma miniblusa cinza com gola larga, que deixava um ombro à mostra. Era morena, cabelos longos quase na cintura, “que cintura fininha!” Pensou Alcides, bundinha redonda e pernas grossas, como de atleta; os peitos eram pequenos e empinados.

— Alcides, olha que monumento! Você já a tinha visto?

— Nossa! Maravilhosa! Com uma menina dessa eu até caso.

— Só você? – riu Pedro – Mas nem vem, fui eu quem viu primeiro – brincou.

— Tá bom! Mas, no final, são elas que escolhem – sorriu Alcides. – Vou pegar umas cervejas, você quer?

— *Oxente!* Que pergunta. Claro que quero.

Alcides voltou com uma garrafa em um protetor térmico e dois copos. Encheu-os e entregou um a Pedro, brindaram a nova vida. Colocaram um disco de forró para tocar e ficaram lavando os carros, bebendo e, é claro, paquerando a vizinha. Ela parecia mesmo que queria provocá-los. Para lavar o teto do carro, ficava na ponta dos pés e esticava-se toda, levantando aquela linda bunda, com as popinhas de fora. E quando abaixava para molhar a flanela no balde com sabão, sua blusa declinava e bem discretamente podiam-se ver seus seios.

— Porra! Vocês tão na maior farra e nem me chamam – chegou brincando José.

— Pensei que tu estava bebendo lá atrás – falou Pedro.

— Se eu não tivesse vindo ver a deusa de que o Alcides falou, ia perder a farra – disse José.

— Ela entrou pra pegar alguma coisa, mas deve estar voltando, pois não terminou de lavar o carro.

José olhou em direção à casa da menina; ela havia voltado.

— Oi, Roberta! – E acenou para a vizinha. Ela respondeu o aceno e sorriu.

— Não acredito que você já conhece essa gata – falou Alcides.

— Não só conheço como já... Brincadeira.

— Meu amigo, tô apaixonado – falou Alcides.

— Ahahah, tu apaixonado de novo? – riu José.

— Chame-a pra tomar uma cerveja com a gente.

— Vou já, deixa-me tomar *uma*, primeiro – e foi buscar mais cerveja.

Quando voltou trouxe também um prato com azeitonas, queijo e jiló cozido. Depois dos carros lavados ficaram ali mesmo bebendo, conversando e ouvindo música. José falou que não ficava bem convidar a menina naquele momento. Três homens e apenas ela, não ficava bem. E que em outra oportunidade apresentaria a menina a eles, mas, quando José olhou para o portão, viu a moça se aproximando da casa; tinha algo nas mãos.

— Bom dia! – falou Roberta. – Gostaria de dar as boas-vindas.

— Bom dia! – todos responderam.

— Trouxe uns ovos de codorna cozidos; são da chácara da minha mãe.

— Muita gentileza sua – agradeceu Alcides.

— Senta com a gente – disse Pedro, puxando uma cadeira para ela. – Você gostaria de beber algo?

— Cerveja! É o que vocês estão bebendo?

— Sim, mas vou preparar um *Gin* com tônica e laranja. Você gostaria de um? – perguntou Alcides.

— Adoraria!

— Mais alguém aceita?

— Não, eu vou ficar na cervejinha mesmo – respondeu Pedro.

— Eu também vou ficar na cerveja – disse José.

Alcides preparou as doses em copos longos, muito gelo e uma rodela de laranja. E envolveu os copos em guardanapos. Voltou e entregou o copo a Roberta, que estava sentada ao lado de Pedro, enquanto José mudava o CD no aparelho de som. Alcides sentou ao lado de Pedro e na frente de Roberta. Ela provou a bebida, olhou para Alcides com uma expressão de surpresa e prazer, e elogiou a bebida, dizendo nunca ter tomado um *Gin* tão

bom. Estava muito quente e a bebida gelada aliviava o calor. Roberta continuava conversando com Pedro. José havia sentado entre Alcides e ela. Alcides conversava com José, mas percebia que, vez por outra, ela desviava o olhar da conversa com Pedro e olhava para ele. Por fim, antes de se despedirem, ela falou que a mãe estava na chácara, e que só voltaria na segunda-feira, uma amiga viria dormir em sua casa, pois tinha medo de dormir só. E convidou a todos para jantar na casa dela. José agradeceu o convite, mas não poderia ir, pois já tinha um compromisso. Pedro e Alcides aceitaram e ficou combinado que eles levariam bebidas.

Final da tarde saíram para comprar cervejas, uma garrafa de *vodka* e suco de laranja, caso as meninas não quisessem beber cerveja, e voltaram para casa. Permaneceram na sala, de onde podiam observar a entrada da casa de Roberta. Só iriam quando a amiga chegasse. Ficaram bebendo e aguardando. Por volta das oito da noite viram um carro parar em frente à casa e descer uma loura de cabelos cacheados, pele branca e peitos grandes. Vestia calça jeans escura e blusa branca. Não puderam vê-la bem, mas aparentava ser uma bela mulher. Esperaram um pouco para que elas pudessem comentar sobre eles e só então pegaram as bebidas e foram para a casa de Roberta.

CAPÍTULO VI

Alcides havia combinado de pegar Isabelle em seu apartamento. Tinham uma festa de aniversário de casamento de uma prima de Alcides. Quando chegou ela já o esperava. Estava linda, trajava vestido florido, com tons de verde, amarelo, azul e vermelho, pouco acima dos joelhos. A forma do decote deixava seus ombros à mostra. Suas pernas brancas contrastavam com o escuro do vestido.

Quando chegaram à festa, todos já estavam presentes; tias, primas, primos. Era uma oportunidade de apresentá-la a toda a família. Estavam conversando em voz alta, em dois grupos, o dos homens e o das mulheres. Mas Alcides sentou com o grupo das mulheres. Sempre preferia as conversas femininas, pois quase que invariavelmente os homens conversavam sobre futebol, carros, dinheiro, e quando as mulheres não estavam próximas, é claro, sobre mulheres, mas não era este o caso, elas estavam bem ali ao lado. Ele não pretendia deixar Isabelle só. Ela era tímida e ficaria sem jeito com pessoas que acabara de conhecer.

Percebeu que Belle estava meio amuada, mas pensou ser porque era tímida e não conhecia ninguém do grupo. Uma semana antes Alcides havia feito um ensaio fotográfico para uma jovem modelo. Parte do ensaio havia sido publicada em uma revista de moda. E era este o assunto no grupo. Mais uma vez Alcides percebeu Isabelle incomodada. "Talvez pelo assunto." Pensou: "Será?" Então Isabelle lhe falou baixinho que estava com dor de cabeça, e gostaria de ir embora. Ele não entendeu e ficou chateado; entretanto atendeu seu pedido e, juntos, foram embora,

o que causou surpresa geral. Alcides era sempre um dos últimos a sair das festas.

Alcides explicou a todos que Isabelle havia trabalhado muito naquele dia e estava com enxaqueca, precisando descansar. De pronto a mãe de Alcides ofereceu-lhe uma aspirina e chá de *capim-santo*, mas ela respondeu que não precisava e que só necessitava de descanso.

Quando entraram no carro, Isabelle falou que estava melhorando, que eles poderiam dar uma passadinha num barzinho de que Alcides gostava. Era um bar de nome Convés, porque era decorado com motivos náuticos. Até os garçons trajavam-se de marinheiros. Era um bar agradável, com um longo balcão de madeira, como se fosse lateral de um antigo barco. As portas dos banheiros tinham olhos-de-boi de vidro fosco, que permitiam apenas a passagem de luz. A iluminação era feita com lanternas náuticas. Achou estranha a súbita melhora e a questionou. Ela falou que não gosta de estar com pessoas desconhecidas e que queria ficar a sós com ele. Eles precisavam de mais tempo juntos.

Ele pediu sua garrafa de J&B, um balde de gelo e um Martini para ela. Comeram medalhão de peito de frango e conversaram sobre seus planos para o carnaval. Pretendiam ir a Pernambuco, e ele já reservara um hotel na praia. Durante o dia eles ficariam em Olinda e à noite no Recife antigo. Seria perfeito acordarem de frente para o mar, nadar um pouco quando acordassem e tomar café na varanda contemplando o oceano Atlântico.

Quando chegaram ao apartamento de Isabelle, foram direto para o quarto. Ela preparou um uísque para ele e um suco para ela, não quis beber mais. Colocou uma música para tocar e, enquanto isso, ele levantou e a abraçou, beijando-lhe a nuca, sentindo seu perfume entrar e percorrer todo seu corpo. À medida que o fazia, era como se um fogo percorresse suas veias. Com a mão esquerda acariciava-lhe os seios e com a outra por sobre o vestido tocava-lhe

o sexo. Ela acompanhava seus movimentos e gemia baixo. Ergueu suavemente seu vestido, e a virou para si. Seus seios rosados estavam excitados, a calcinha preta moldava perfeitamente seu bumbum. Ele foi aos poucos a conduzindo para a cama sem parar as carícias. Sentou-se na cama e passou a beijá-la nos seios e barriga, enquanto ela aflagava seus cabelos. Em seguida sentou em seu colo com as pernas abertas sobre as dele e passaram a beijar-se fervorosamente. Ela o fez deitar de costas, enquanto ele ainda permanecia com os pés no chão. Tirou a calcinha, deixando o sexo ao alcance da boca de Alcides. Ele passou a beijá-la. Isabelle com as mãos segurava a própria cabeça, erguendo o corpo. E a observava de baixo para cima. Já estava sem camisa, quando ela deslizou sobre ele e o despiu, beijando-lhe o sexo e contorcendo-se para tomarem a mesma posição. Alcides puxou as coxas de Isabelle para as laterais de sua cabeça. Ela deitou invertida sobre ele, que a beijou carinhosamente.

Quando acordou, ela já havia despertado e estava na sala lendo. Ele tomou um banho e foi fazer-lhe companhia.

— Preciso lhe falar uma coisa – disse ela.

— Algum problema?

— Não! Gostei muito de ver a sua seriedade quando trabalha, e de observar o mundo através das lentes de sua máquina. Confesso ter ficado um pouco enciumada – disse, afinal.

Ela o havia acompanhado no ensaio fotográfico que fora publicado na revista de moda.

— Não percebi que você estava com ciúmes.

— Como não ficaria? Ela é linda e aquelas fotos sensuais, as trocas de roupa em que ela ficava praticamente nua.

— Fico feliz em saber que confia em mim.

— Mas, de qualquer forma, como são poucos os trabalhos que você faz com modelos, eu prefiro acompanhá-lo – disse sorrindo.

— Por mim, sem problemas – respondeu ele também sorrindo.

Apesar das recusas de Isabelle de acompanhá-lo em eventos com seus amigos e familiares, tudo corria bem, até quando chegou a hora de viajarem para o carnaval. Inesperadamente, ela falou que não poderia ir, mas que não havia problema que ele fosse só. Ele ficou muito chateado: “não ir a um encontro com um amigo, vá lá”, pensou Alcides: “Mas passarem o carnaval separados, era o cúmulo!” Para ele era um absurdo! Como podia? Relutou, insistiu, mas nada! Ela não iria. Viajou muito desanimado com o rumo do relacionamento. Pensando se era aquilo mesmo que queria para si? Mas deixaria acontecer.

CAPÍTULO VII

Foram recebidos pela empregada da casa, com a informação de que as meninas estavam esperando no andar de cima. Quando subiram Roberta pegou Alcides pela mão e o apresentou a sua amiga e, em seguida, a Pedro, mas continuou segurando a mão de Alcides. Ele disse que havia deixado as bebidas com a empregada, para que fossem mantidas geladas. Elas já estavam bebendo *vodka* com energético. Eles preferiram continuar na cerveja.

Era uma casa grande e sombria. Na parte superior havia uma grande sala, com móveis antigos e escuros, dois grandes sofás formando um L e uma mesa de centro. A escada saía por trás dos sofás. Na parede à frente, uma longa estante de livros e à direita de quem subia, depois dos sofás, uma varanda com vista para a rua. Do lado esquerdo, um corredor antecedido por um banheiro e um lavabo e depois outro cômodo que parecia ser um quarto.

Sentaram na varanda para beber e conversar. A empregada pediu licença e entrou com uma bandeja de frios, e os colocou na mesinha da varanda informando que traria uma caixa térmica com gelo e cervejas.

— Não pude deixar de observar que às vezes algumas viaturas da polícia param na casa de vocês – falou Roberta.

— Então, José não lhe falou? – disse Pedro.

— Nossa! Vocês são bandidos? – exclamou Roberta, com uma expressão muito séria.

— Não acredito que você descobriu – respondeu Alcides, sorrindo.

— Meu Deus!

— Não! É brincadeira dele, somos policiais – disse Pedro.

Todos riram, menos Roberta.

— Amiga! – falou Bruna, a loura de cabelos cacheados – Não vê que ele estava brincando?

— Claro! Claro! – disse meio envergonhada.

— E vocês fazem o quê? – perguntou Alcides.

— Eu trabalho em uma faculdade aqui no centro e Roberta faz administração lá. Foi assim que nos conhecemos.

— Eh, mas acho que vou mudar de curso, fazer algo diferente.

— É? – perguntou Pedro – Pretende mudar para qual, então?

— Ah! Não sei, mas acho que algo ligado à moda, decoração – respondeu Roberta mexendo os cabelos longos e lisos.

— Você tem razão, moda deve ter tudo a ver com você, afinal sua beleza decora esse mundo e o faz mais belo – disse Alcides, pegando suas mãos e olhando em seus olhos.

A partir de então a conversa passou a ser entre Alcides e Roberta, Pedro e Bruna. Pedro mencionou que Bruna estava com um pouco de frio, e que eles ficariam na sala. Enquanto isso, Alcides e Roberta ficaram na varanda. Quando o amigo saiu, Alcides levantou-se e levou Roberta para a varanda, no momento em que viram quando José abrir o portão para sair. Olhou para eles, acenou, entrou no carro e se foi. Alcides virou Roberta e a beijou,

uma das mãos em sua cintura e a outra acariciando sua nuca. Sentiu os seios de Roberta se excitarem, pois os mamilos marcavam sua camiseta. Ela não usava sutiã. Descia a mão para o bumbum dela, quando o telefone tocou. Era a empregada interfonando para perguntar se podia servir o jantar.

Estava uma delícia o espaguete com cogumelos, alcaparra e lascas de salmão. O sabor maravilhoso do salmão com sua maciez e leveza, combinado com o sabor salgado e forte das alcaparras, era complementado por suculentos cogumelos. Eles continuaram bebendo cerveja durante o jantar e, após, voltaram para o andar de cima. Depois de uma meia hora, Bruna disse que desceria para pegar água, e perguntou se mais alguém precisava de algo. Pedro falou que desceria com ela. Alcides e Roberta disseram que não precisavam de nada.

Quando os dois desceram, Alcides a pegou em seus braços beijando-a fervorosamente e encostando-a na estante de livros, derrubando alguns. Ela tirou a blusa dele e beijou-lhe os peitos, descendo e abrindo a calça dele. De joelhos, beijava-o e o olhava, enquanto ele observava seus longos cabelos sobre as costas e sua boca em movimentos suaves e prazerosos. Ele a levantou e a colocou no sofá, não sem antes tirar-lhe toda a roupa e passar a beijá-la por inteiro. Fizeram amor ali e depois adormeceram.

CAPÍTULO VIII

Quando Alcides chegou à Olinda, a cidade estava em festa. Pessoas dançavam e cantavam nas ruas. Algumas em grupos vestiam as mesmas fantasias: eram enfermeiras, colegiais, caboclinhos e tantas outras. A alegria era contagiante. Alcides desceu a Ribeira e foi aos Quatro Cantos, seguindo um bloco. Parou em um boteco e bebeu um *Gin* com tônica, limão e muito gelo, o calor era muito forte. Comprou uma cerveja e seguiu pela 13 de Maio até a prefeitura.

Em frente da prefeitura percebeu uma "colombina" dançando ao seu lado. Mas nisso, um bloco de frevo cruza e o arrasta ladeira abaixo. Ele perdera a moça de vista, levado pelo bloco em direção à matriz de São Pedro. Para sua surpresa ela também havia sido levada e estava novamente ao seu lado, sorrindo e olhando para ele. Alcides coloca o braço no ombro da foliã e juntos seguem juntos para a matriz. O bloco parou. Ele a abraçou e a beijou na boca. Ela tinha olhos negros, pequenos e redondos, cabelos curtos rentes à nuca, o rosto maquiado de branco e uma lágrima pintada no lado direito do rosto, blusa branca com bolinhas pretas e saia de colombina. Súbito, pararam de acompanhar o bloco e foram comprar uma cerveja e conversar na Praça da Abolição. Coincidentemente ela era também de Maceió. Uma menina linda! A pele bronzeada contrastava com as marcas do biquíni. Tinha cabelos negros como os olhos, pernas torneadas e peitos pequenos. Não perceberam o tempo passar e já estava escurecendo. Ela explicou que precisava ir, estava hospedada em Recife e não queria voltar tarde. Ele a convidou para ficar, mas ela não aceitou.

Marcaram então para se encontrarem no dia seguinte, logo pela manhã nos Quatro Cantos. E assim ela partiu.

Na manhã seguinte acordou cedo. Foi tomar café na Prudente de Moraes, que desembocava nos Quatro Cantos e, portanto, próximo do local marcado. Comeu macaxeira cozida com charque frito, bebeu suco de mangaba e, por fim, café preto.

Desceu para os Quatro Cantos, pediu seu Gin, desta vez com laranja, e bastante gelo. Hora combinada, ela chegou! Mas junto com ela havia dois grandes blocos. Alcides pôde vê-la do outro lado da rua, só que, quando tentou atravessar, o bloco o levou no sentido contrário à troca em que ela estava, sem que ela pudesse vê-lo. Ele subiu pela Misericórdia e ela pela Presidente de Moraes. Assim que pôde se desvencilhar do bloco, Alcides voltou imediatamente para o local, entretanto ela não estava mais. Ele esperou, contudo ela não voltou e ele então resolveu procurá-la, mas não sem antes deixar um recado com o dono do boteco: se ela aparecesse era para dizer que ele voltaria. Percorreu os principais pontos de folia, mas nada. Foi à Praça da Abolição, pátio de São Pedro, prefeitura e nada. Então voltou aos Quatro Cantos. O boteco estava lotado; procurou, procurou, mas não a viu. Já ia embora quando resolveu beber um Gin. Aproximou-se do balcão, triste e cabisbaixo.

— Oi Alcides – falou o dono do boteco –, ela veio.

— O senhor falou pra ela? O que ela disse? – perguntou Alcides aperreado.

— Calma, rapaz! Calma, ela tá aqui.

— Aqui?! Onde?

— Ela pediu pra ir ao banheiro, e deve estar lá dentro conversando com minha mulher. Calma, ela já volta. E você tem razão, ela é linda mesmo – disse sorrindo o barman.

Passaram-se alguns minutos, mas parecera uma eternidade, quando ela surgiu. Ele não conseguiu entender o que estava acontecendo, estava ansioso, e um pouco nervoso. Ela o viu, abriu um lindo sorriso de surpresa e alegria e correu para seus braços. Beijaram-se apaixonadamente. Despediram-se dos donos do boteco e saíram porta afora.

Brincaram, dançaram e beberam. O dia passou sem que eles percebessem. A noite chegava, e com ela o momento de se separarem novamente. O que fazer? No dia anterior ele a chamara para ficar no hotel com ele. Mas ela não aceitara. E agora? Convidar de novo? Resolvera então convidá-la para jantar no hotel. Ela, para sua total surpresa, aceitou e juntos foram para lá.

No caminho ele contou que era fotógrafo, e que adoraria fotografar os maracatus. Porém este era um projeto futuro. E indagou se ela tinha algum projeto futuro; ela respondeu que, no futuro, gostaria de estar viva, mas que depois falariam sobre isso.

Comeram charque, ovos fritos, macaxeira cozida, que de tão nova desmanchava na boca, cortada em pedaços e untadas na manteiga. Antes de comer, beberam um belo vinho tinto *Syrah*, produzido ali mesmo em Pernambuco.

— Estou muito cansada – disse Catarina.

— Hoje nós não paramos o dia inteiro – disse Alcides. – Mas foi maravilhoso! Pensei que você não ia voltar, quando te vi indo embora naquela troça e não conseguia te alcançar.

— Pior. Pensei que você havia esquecido e não o veria nunca mais. Aí lembrei que você havia falado o nome do boteco, mas não lembrava.

— É verdade, falei o nome do boteco. E disse ainda que gostava de tomar *Gin* lá pela manhã.

— Na realidade foi sorte, pois perguntei ao homem do balcão se ele conhecia alguém que bebera *Gin* pela manhã.

— E o que ele falou?

— Ele sorriu e disse que você tinha estado lá há pouco, e que deixara um recado para a menina mais linda do mundo. Era para ela esperar, que ele voltaria – falou com um sorriso tímido de alegria.

— Eu te descrevi e falei que ele não teria dúvida, pois você era a menina mais linda do mundo!

— Não sei o que está acontecendo comigo. Só nos conhecemos ontem e estou totalmente segura e feliz ao seu lado. Nem parece amor de carnaval! – ela olhou no relógio na parede do restaurante e exclamou: – Meu Deus! Já é super tarde, tenho que ir.

— Não, não vá, fica!

— Estou na casa de uma amiga. Ela vai ficar preocupada.

— Podemos ligar pra ela e falar que você encontrou umas amigas, e que vai ficar com elas esta noite.

— Não posso, Alcides. Além do mais nos conhecemos ontem. Sei que é carnaval, mas... Não vim aqui para isso. Estou com uns problemas no trabalho e precisava me divertir longe de Maceió.

— Você tem razão, está super tarde, e é perigoso você voltar a esta hora sozinha. Quero muito que você fique, mas se não ficar vou levá-la a Recife.

— Não! Nunca! Você também está cansado; não seria justo.

— Então fica! Olhe, com certeza não há quartos vazios em toda Olinda, mas meu quarto é grande e posso dormir

tranquilamente no sofá.

— Vou ligar pra minha amiga, volto logo.

Levantou-se, aproximou do balcão e pediu o telefone.

— Garçom, por favor, mais um vinho – falou Alcides.

— O jantar estava como o senhor pediu?

— Sim, uma delícia!

— Vou trazer-lhe junto com o vinho uns bolinhos de macaxeira recheados com charque e queijo coalho, por conta da casa.

— Muito obrigado, meu amigo!

Ela demorou. Pareceu ter feito mais de uma ligação, e quando voltou estava com um sorriso contente. Disse que não teria problema e que ficaria, mas que dormiria no sofá. Alcides sorriu e lhe serviu uma taça do novo vinho.

O quarto era espaçoso, e havia uma sala, com um pequeno sofá e uma mesa ligada à parede com duas cadeiras de cada lado. O quarto propriamente dito tinha uma grande cama de casal, do lado esquerdo um banheiro e no direito uma porta de correr. E havia ali também uma varanda, com uma mesinha, voltada para o mar. Antes, quando estavam no restaurante, Alcides pediu a recepcionista do hotel que fossem colocadas mais tolhas e uma garrafa de vinho no gelo, a que estava sobre a mesa da sala. Informara ainda que sua namorada ia se hospedar com ele. Catarina tomou banho enquanto ele preparava a mesinha da varanda. Depois ele tomou banho e sentaram juntos para conversar e beber, ao som distante do carnaval.

Ela vestia uma camisa de mangas compridas dele, que lhe cobria até metade das coxas. E foi para a frente da varanda, encostando no parapeito. Uma leve brisa vinda do Atlântico colou a camisa em seus seios, e o frêmito em seus cabelos negros a deixou ainda mais encantadora. Em seguida, virou-se para Alcides, beijou-o e sorriu, voltando a olhar o mar. Ele foi até ela e a abraçou pelas costas, envolvendo sua cintura e beijando-lhe o cachaço. Sentiu o cheiro dos seus cabelos e o calor do seu corpo. Ela girou e envolveu o pescoço dele com seus braços, beijando-o ao tempo que lhe tirava a camisa, deixando-a cair ao chão. Ele agora acariciava suas costas e descia calmamente a outra mão para tocar-lhe o bumbum. Levou-a nos braços para a cama, deitando-a de bruços e beijando suas pernas, coxas e sua bundinha. A pele bronzeada contrastava com o branco das marquinhos deixadas pelo biquíni. Ele a virou e começou a tirar-lhe a camisa, botão a botão, começando pelos de cima e à medida que os abria beijava cada centímetro delicadamente, percorrendo os seios e a barriga. Era como se descobrisse, a cada beijo, um novo prazer, um palco de sonhos nunca vivido por ele, até chegar ao sexo, que estava intumescido e úmido. Ela dobrou as pernas comprimindo suas coxas na cabeça dele e permanecendo assim até atingir uma excitação incontrolável, e explodiu de prazer. Ele deitou ao lado e fechou os olhos, sentindo sobre ele a leveza daquele corpo. Os seios rijos dela sobre seu peito, e sua boca em seus lábios, ao tempo em que sentava sobre ele, gemendo baixinho. Ele acariciava seus seios pressionando levemente com o polegar e o indicador. Catarina colocou as mãos na cama, acima dos ombros dele, unindo seus corpos, beijando-o e sussurrando ao seu ouvido:

— Esta é a melhor noite da minha vida.

CAPÍTULO IX

Alcides chegou mais cedo à delegacia. Seus parceiros ainda não haviam chegado. Encontrou-se com Francisco saindo com Mendes, que o chamou. Iriam checar uma informação de tráfico, numa loja de “BIKE” no Sudoeste, bairro de classe média alta da capital da República.

Quando chegaram ao local, o informante já os esperava.

Francisco mandou então que o “camisa^[6]” fosse para a loja confirmar a veracidade do fato. Ficaria dentro da loja, e, se confirmado, a equipe se posicionaria para campanar o local. Confirmado! A equipe se posicionou. Mendes observaria a saída de possíveis usuários e por celular informaria qual a direção tomada. Se para a esquerda, era com Alcides; se para a direita, era com Francisco.

A loja ficava na primeira comercial do Sudoeste. Era uma avenida dupla separada por um canteiro. Dos dois lados havia lojas, que davam para a avenida, e lojas que davam para as quadras residenciais. A loja campanada ficava voltada para as quadras residenciais. O movimento era intenso, e logo no início Mendes ligou para Alcides, dando a descrição do possível usuário. Era magro, alto, bermuda vermelha, sem camisa e com um skate. Esse fato preocupou Alcides: se o rapaz subisse no skate, ficaria difícil pegá-lo. Mas não aconteceu. Ele saiu da loja e foi em direção à avenida central, tomando o rumo do bairro Cruzeiro. Atravessou o canteiro e passou pela outra comercial. Alcides apressou o passo, pois logo depois da comercial havia um descampado e ele poderia

ser notado. E foi o que aconteceu! O rapaz olhou para trás e viu Alcides, que estava a pouco mais de dez metros dele. Quando o rapaz olhou para a frente, Alcides correu para pegá-lo, antes que ele pudesse olhar novamente para trás. Pulou, agarrando com o braço esquerdo o pescoço e com o direito a mão direita do rapaz, onde estava a droga. Tombaram para o lado direito e sobre Alcides, que ficou com o braço direito preso entre a calçada e o gramado, perdendo assim a pegada da mão, mas mantendo o usuário preso pelo pescoço. Este imediatamente colocou a droga na boca. Alcides apertou seu pescoço e, agora com a mão direita livre, bateu na boca do usuário para que ele cuspsse a droga. Quando Francisco chegou e gritou: “Na manha, não bate, tá na mão.” Alcides não entendeu nada, mas parou de forçar, e ajudado por Francisco algemou o rapaz.

Colocaram-no na viatura que chegou para o apoio, e se dirigiram para a loja onde Mendes já estava para impedir a fuga do traficante. A abordagem havia sido fora do alcance de visão da loja, mas alguém que viu poderia avisar.

Ao chegarem à loja se identificaram para o proprietário, e pediram-lhe que entregasse a droga na boa, que eles não fariam estardalhaço; caso contrário, iriam bagunçar tudo em busca da mesma, o que chamaria a atenção dos vizinhos.

— Sou trabalhador, e aqui não tem nada de errado – falou o proprietário.

— Tudo bem! – falou Francisco. – Alcides ligue para a delegacia e pede para trazerem as testemunhas do povo.

— Porra, chefe, até aqui precisa desta merda de testemunhas? – disse Alcides.

— Não *moleque!* Mas é melhor pra garantir o flagrante – falou Mendes.

— Vocês são de que delegacia? – perguntou o proprietário.

— ENTORPENCENTE, PORRA! – respondeu Alcides já irritado. Esse negócio de testemunha o irritava.

— Ah, ah, tá!... Entorpecente? – falou surpreso o proprietário com uma expressão de nervosismo.

— É, TÁ MOUCO? – falou Alcides.

— Não, não eu falo. Vocês me levam *de boa*? Eu falo.

— Claro! – falou Mendes com seu sorriso irônico característico.

O traficante levantou um fundo falso debaixo do balcão e tirou de lá dois tijolos de maconha, aproximadamente 2kg. Questionado sobre por que resolvera falar, respondeu que: “Vocês são da entorpecente, iam achar mesmo, só que depois iam ficar ‘putos’, e passariam comigo algemado no maior estardalhaço pelo comércio, e se entrego vocês me tratam bem. Sei como vocês são. Já fui preso pela entorpecente.” Todos riram, apreenderam a droga, fecharam a loja e saíram discretamente.

O flagrante transcorreu normalmente. Horas numa coisa tão simples, fora o atraso do delegado, a má vontade do escrivão e a burocracia de papéis infintos. Tudo deu certo, e o reincidente traficante voltou às grades. Mesmo tráfico sendo um crime gravíssimo, os juízes sempre arrumam “brechas na lei” para libertá-los antes do cumprimento integral da pena.

CAPÍTULO X

Quando voltou do carnaval, sentiu que precisava conversar com Belle. Quase não tinham se falado durante aquele período. Quando estava nas ruas não levava o celular, e à noite estava sempre com Catarina; portanto, se mostrava sempre frio com Isabelle.

Tinha contado para Catarina sobre Isabelle. Ela disse que já esperava algo do tipo, mas se apaixonara e que, entenderia se ele não quisesse ficar com ela. Um amor de carnaval não era o que ela pretendia, mas aconteceu.

Voltaram para Maceió no carro de Alcides. Na estrada, já perto de Cruz das Almas, bairro na entrada de Maceió, de quem chega pelo litoral norte. Catarina ficou estranha e nervosa. Sempre olhando para trás. Ele pensou: "Será que ela também tem alguém?" Quando, de repente, ela sacou uma pistola da bolsa, no momento em que eram ultrapassados por um carro, que a tempo estava atrás deles. O carro passou e foi embora. Alcides não se sentia à vontade para perguntar nada sobre a vida particular dela, enquanto não resolvesse sua vida com Belle.

Ao chegarem à casa de Catarina, havia uma viatura da Polícia Federal em frente do prédio dela. Ela pediu para ele entrar pela garagem, e que ele precisava confiar nela; depois explicaria tudo. Só não quis fazê-lo antes para não estragar o carnaval deles.

Quando chegou ao apartamento, havia dois Policiais na porta do apartamento. Um mais novo e outro mais velho, que foi logo

dizendo:

— Doutora, com todo respeito, a senhora está louca? Como é que some assim?

— Desculpe, mas precisava de um tempo e vocês não me deixariam viajar sem escolta – respondeu Catarina.

— Doutora Catarina, não tem problema se a senhora quer morrer, mas se isto acontece enquanto estamos protegendo a senhora, a gente se lasca! – falou o policial mais novo.

— Vamos entrar logo, e comunicar que a senhora está bem – falou o mais velho.

— Desculpe, Alcides! Vamos entrar que te explico tudo – disse Catarina.

Foi uma longa conversa. Ela era Procuradora da República e estava trabalhando num caso investigado pela Polícia Federal, contra políticos locais e policiais que comandavam o crime em Alagoas. A “gangue de uniforme”, ligada a um oficial da Polícia Militar, havia tomado o comando do crime organizado de um delegado, matando-o. Ela chorou muito! E disse que havia pedido transferência de Alagoas, para não ser morta, e que a viagem para Olinda seria uma despedida do Nordeste, mas que o fato de tê-lo conhecido havia mudado tudo. Ela queria viver e amá-lo. Para Alcides, tudo aquilo parecia surreal.

Na manhã seguinte, ele foi se encontrar com Isabelle. Marcaram no apartamento dela e de lá saíram para almoçar. Quando chegou ela estava com algumas cartas para ele, e um tanto distante. Explicou que as cartas tinham sido escritas durante os dias de carnaval, mas que o tempo serviu para ela perceber que talvez o ritmo de vida deles fosse muito diferente, e que era melhor para ambos seguirem seus rumos. Foi um alívio para ele, Belle tomar a

decisão, pois estava sem coragem de contar o que acontecera entre ele e Catarina.

CAPÍTULO XI

O tempo estava muito quente, e um “céu de brigadeiro”. Fazia um calor sufocante que, aliado ao tempo seco, tornava o dia maçante. Alcides tinha que fazer uma campana na Asa Sul. O informe era de que um chaveiro estava vendendo maconha. Porém, o local era complicado para campanar, precisaria de uma viatura “tática” tipo furgão, improvisada para campanas veladas, onde um policial ficaria dentro “cantando” os usuários e observando os movimentos do traficante. Era um trabalho que ninguém gostava de fazer. Além de perder a ação, naquele dia por conta do calor, dentro da viatura (diferentemente dos filmes) era um total desconforto: não havia nem mesmo um ventilador. O policial ficava lá dentro só de cueca, sem blindagem de proteção, apenas sua arma e a confiança nos parceiros que lhe dariam cobertura. Levava uma garrafa de água, que depois de ser bebida era usada para urinar.

Chegaram por voltas das 9h, e, como ninguém se prontificou a assumir o posto de observação, Francisco assumiu. Todos se posicionaram: Alcides e Henrique ficariam na quadra residencial, responsáveis pelos usuários que saíssem na direção norte. Alberto e Heitor ficariam no pedal, ou seja, a pé. Mendes, Luiz e Hélio ficariam com os que saíssem para o sul.

O primeiro “movimento” ocorreu próximo das 10h. Foi feito dentro da quadra. O comprador caminhou em direção ao eixinho, e lá entrou num carro, não podendo ser seguido. Logo depois, um automóvel parou em frente ao chaveiro. Nenhum ocupante desceu. Falaram rapidamente com o traficante, que entrou no veículo. Foi um alvoroço geral. O chefe falava no rádio que não podiam perder esse carro e era para as duas equipes o seguirem. Mendes assumiu

a ponta, de tempos em tempos revezando com Henrique, para que não fossem percebidos. Tomaram o rumo do Guará, cidade-satélite próxima a Brasília, e pararam em uma comercial onde os andares superiores eram quitinetes. O traficante desceu só, mas com uma mochila vermelha às costas, mochila que ele não tinha quando entrou no carro. Pouco tempo depois retornou com a mesma mochila, entrou no carro, e com os outros tomou o rumo de Brasília. No meio do caminho as equipes o perderam e foi uma discussão geral pelo rádio. Foi quando Alcides sugeriu voltarem rapidamente para a Asa Sul. Provavelmente voltariam para deixar o traficante. Todos estavam decepcionados.

De repente o chefe falou afobado no rádio: "Eles voltaram, o chaveiro desceu e t sem a mochila. Vocês não podem perder esse carro, a 'parada' deve estar na mochila." Determinou que a equipe de Heitor e Alberto pegasse uma viatura e fosse também. E foram todos. Seguiram com muito cuidado o alvo, para não despertarem suspeitas, esperaram ele pegar o eixinho e se distanciar um pouco. Mas dessa vez não poderiam perdê-lo em hipótese alguma.

A abordagem foi perfeita! O alvo estava na margem direita da pista. Alberto se posicionou à frente, enquanto Henrique e Alcides ficaram do lado esquerdo do alvo. Hélio e Luiz pararam atrás, enquanto Mendes ficou dando cobertura a Francisco. Colocaram os sinalizadores luminosos e sonoros. Não tinha para onde ele fugir, a não ser que subisse na calçada. Mas foi tudo muito rápido: "Polícia, polícia, encosta!" Todos gritavam. Então Luiz bateu de leve na traseira no carro do alvo e este parou imediatamente.

Segundos depois da abordagem uma viatura do BOPE chegou para abordá-los, pressupondo ser um assalto. Alcides que estava com o distintivo pendurado no pescoço, tirou a carteira com sua identificao policial e a ergueu.

— Entorpecente, entorpecente! – falou aos PM's

— Tudo bem. Estão precisando de algo? – disse um deles.

— Não, tudo sob controle – respondeu Alcides.

— Vamos ficar mais um pouco, para que vocês não sejam abordados novamente, pois “cantou” no rádio que era sequestro.

— Valeu, parceiro. Obrigado! – respondeu Alcides.

Os colegas já estavam fazendo a busca no automóvel, mas ainda não haviam achado a mochila.

— Fala seu filho da puta! Onde está a mochila? – gritava Henrique.

— Que mochila, doutor? – perguntou o motorista.

— Doutor, uma porra! Cadê a porra da mochila? Dê-me a chave.

— Que chave?

— Filho da puta! A chave do seu c... Olha que vou dar-lhe uma porrada! – gritou Henrique já irritado. – A chave do porta-malas!

Henrique pegou a chave e, quando abriu o porta-malas, a mochila estava lá. Olhou a maravilha! Um quilo de fumo. Passaram um rádio para o chefe informando a situação e solicitando orientação, se iam esperar mais alguma compra ou já dariam o *bote* no chaveiro. Decidiram pegar mais alguns compradores, pois o chaveiro poderia alegar que era usuário, e que o traficante era o cara do carro abordado. O que era parcialmente correto, pois o motorista também era traficante, e, com aquela quantidade, era impossível ser usuário.

Já passava do meio-dia, quando o chaveiro fechou o quiosque e saiu. Francisco falou para a equipe do “pedal” segui-lo. Mas ele

havia ido almoçar, quando alguém perguntou no rádio:

— Chefe, ele está almoçando, que horas vamos almoçar?

— Almoçar? – respondeu o chefe. – Almoçar é pra *bicha*! – E todos riram da brincadeira.

Quando voltou do almoço, houve mais dois “movimentos”, porém de pequenas quantidades. Cerca de 50g e 80g com cada usuário preso. Caracterizado o tráfico por parte do chaveiro, resolveram abordá-lo, mas com tranquilidade, pois acabara de chegar uma loura maravilhosa! E estava com uma criança de colo, possivelmente esposa e filho do traficante. Aproximaram-se e, discretamente, Luiz se identificou e falou que revistaríamos o quiosque e a ele. Foi perguntado se tinha alguma droga, arma ou ilícito, e ele respondeu que não. Por trás do compressor foi encontrado em torno de 500g de maconha e uma faca com resquícios de maconha e, na posse do chaveiro, cerca de R\$1.850,00. Ele alegou que a maconha era para uso próprio e que comprava em quantidade para usar o mês inteiro. Mas quando fora indagado sobre onde morava, e se os policiais poderiam ir a sua residência, ele falou que morava em Taguatinga com sua mãe e que não teria problema em levá-los lá.

Quando estavam na via EPTG, rumo a Taguatinga, na altura do Guará, as viaturas entraram na satélite. Ele de pronto, disse, assustado, que os policiais tinham errado o caminho.

— Tá pensando que somos otários? – falou Luiz.

— Mas eu moro em Taguatinga – respondeu muito nervoso.

— Então vamos dar uma passada rápida aqui no Guará só pra ver uma quitinete – falou ironicamente Mendes.

— Ah, tá.

Quando parou em frente à quitinete do traficante, ele estava vermelho e suava feito um condenado. Era um sujeito branco, loiro e de olhos claros. Mas o nervosismo o deixou vermelho.

— Olhe, meu amigo, a casa caiu. Ou você fala onde tá o resto da merda da maconha, ou vamos desmontar seu apartamento – disse Luiz.

— Que apartamento? – respondeu o traficante.

— Ah! E tem mais, se acharmos a coisa sem sua ajuda, sua mulher entra no 12^[7] também. Sabemos que ela tá no esquema – disse Mendes.

— Aí, teu filho vai ser entregue ao S.O.S criança – disse Alcides.

— Amor, é melhor falar, não quero ficar presa – disse a loura.

— Tá bom, tá dentro da geladeira.

— Então vamos lá para mostrar. Heitor, pega lá uma testemunha – disse Alcides.

Na realidade a preocupação da equipe não era achar a droga, era saber qual a quitinete. Por isso toda a conversa para ele falar. Mas, como chegaram lá com facilidade, o traficante achou que eles sabiam qual era o apartamento. Quando a testemunha chegou, entraram na quitinete e perguntaram novamente, agora na frente da testemunha. Onde estava a droga e quanto havia? E ele respondeu que cinco.

— Cinco o quê? Fala! – disse Alberto.

— Cinco, tem cinco quilos de maconha na geladeira – respondeu o chaveiro.

— Vamos mostrar pra “testa”.

Todos riam de alegria e surpresa, não esperavam aquela quantidade toda. Pegaram a droga e contaram o dinheiro na

frente da testemunha. Colocando tudo em uma sacola.

— Mas o dinheiro vai ficar comigo, né? Eu falei pra ele colaborar – disse a esposa do chaveiro.

— Esquenta a cabeça, não. O dinheiro também vai ser apreendido; é prova. Não esquenta a cabeça não – disse Francisco.

Como combinado, a mulher não ficou presa. Todos foram para a delegacia e o flagrante foi um sucesso. Acima do esperado.

CAPÍTULO XII

Alcides chegou por volta das 20h para buscar Catarina. Havia combinado de encontrar uns amigos. O encontro seria no bairro de Jaraguá, região portuária de Maceió que havia sido revitalizada. A rua principal era formada por antigos armazéns de açúcar e, do lado oposto, velhos sobrados, onde outrora funcionavam cabarés de Maceió. A rua de paralelepípedos, iluminações antigas e os muitos bares davam um espírito boêmio ao lugar. Todas as vezes que saía com Catarina, ele usava o velho *Smith & Wesson* .38 especial, que fora do seu pai. Apesar da recomendação dos policiais que faziam a segurança de Catarina, de não irem, eles insistiram e foram.

Ficaram num dos primeiros bares, próximo à esquina da Sá e Albuquerque com a Rua dos Artistas. Sentaram-se em uma mesa na rua. Alguns amigos médicos e jornalistas companheiros de trabalho já estavam lá. Para a surpresa de Alcides, assim que chegou, uma jornalista amiga dele levantou-se e com muita intimidade abraçou Catarina. Ficou feliz em saber que Catarina conhecia alguém, só assim não ficaria deslocada com seus amigos.

— Que surpresa! Vocês já se conhecem – exclamou Alcides.

— É... Somos amigas de infância – disse Catarina.

— Nossos pais eram amigos e estudamos juntas, nos separamos na universidade. Eu fiz jornalismo e ela, direito – disse a amiga.

— Ambas queríamos mudar o mundo, fazer o que era certo — Catarina disse isso com uma expressão triste.

A conversa fluiu sobre assuntos diversos. Estava uma noite linda! O céu limpo. Como eles estavam sentados numa das mesas da rua, o ar ali estava fresco. Não jantaram, apenas petiscaram e beberam cerveja, pois não tinha o uísque que Alcides gostava de beber. Aos poucos, as pessoas iam embora. Os policiais que faziam a segurança acharam por bem eles também irem. Concordaram, mas quando chegaram ao apartamento resolveram liberar a escolta e voltaram escondidos para Jaraguá. Chegaram e a rua ainda estava lotada de gente. Queriam dançar forró, e então foram direto para um bar em que se tocava forró, **Virgulino**, que fica do lado oposto ao prédio da Associação Comercial, com suas quatro enormes colunas brancas precedidas por uma ampla escadaria. Alcides, antes de entrar no bar, parou para cumprimentar um conhecido que não via há muito tempo, momento em que foram vistos pela cunhada de um bandido investigado por Catarina. Eles não perceberam e seguiram com o programado.

Na entrada do bar havia um longo balcão, que seguia paralelo ao corredor com várias mesas. Ao final do balcão, os banheiros com bonecos de Lampião, no masculino, e Maria Bonita, no feminino. Logos após, uma área mais larga onde ficava o salão de danças e umas poucas mesas. Foi ali que Alcides e Catarina se sentaram, beberam e dançaram. Mesmo sendo um salão descoberto, o forró o fazia suar muito, sua camisa estava ensopada. Quando saíram do bar, a rua já estava vazia e resolveram não voltar para casa; decidiram ir a um motel.

No quarto, Alcides abriu uma cerveja e foi tomar banho, enquanto Catarina uma água e tentava colocar música no aparelho de som. Quando saiu do banho, foi a vez dela. Alcides entregou a ela uma cerveja para que bebesse durante o banho.

Estava deitado quando Catarina saiu do banho só de toalha e parou em frente à cama, soltando a toalha. Os olhos dele percorreram seu corpo, de baixo a cima, suas coxas torneadas, seu sexo emoldurado pelas marcas do biquíni, sua barriga lisinha, parando mais demoradamente em seus seios, pequenos mamilos excitados, lábios perfeitamente desenhados. Ele ajoelhou-se na cama e a beijou na boca, no rosto, no pescoço e, muito calmamente, nos seios. À medida que beijava um seio, o outro era acariciado com o indicador e o polegar, em movimentos circulares. Puxou-a para si, deitando-se sobre a cama. Ela não deitou. Seguiu de joelhos, indo para cima e colocando o sexo excitado na boca de Alcides que, beijando, lambendo, mordiscando suavemente, sentiu o umedecer e turgescer. Ela gemia e ronronava como uma gata. Não demorou a senti-la gozar, mas não parou. Ela então deslizou sobre ele, até que seus sexos se encontraram. Catarina o beijou e sentou-se sobre ele, esticando-se toda e, com as unhas, arranhando-lhe o peito. Bamboleava os quadris enquanto ele apertava suas nádegas e a puxava para si. Conteve o gozo ao máximo. Era lindo vê-la delirando de prazer. De repente sentiu o corpo de Catarina estremecer e explodir, num gemido acompanhado de um sussurro.

— Vai, vem, goza comigo... vai, por favor!

Nesse momento, Alcides sentiu o mundo parar, sua vista escureceu e entrou em êxtase. Seu corpo formigou dos pés à cabeça em direção a seu sexo, como se toda sua energia se direcionasse para lá. Explodiu num arrebatador orgasmo. Seus corpos queimaram de prazer e de amor profundo.

Quando acordou, pediu o café da manhã. Catarina continuava dormindo. Estava linda deitada de bruços! Abraçava um travesseiro e estava com uma perna semidobrada sobre a outra. A linha do seu corpo descia pelas costas até a cintura e voltava a subir no cóccix, dividindo-se na perna dobrada, e seguindo pela que estava esticada até seu pequeno pé.

— Bom dia, amor! – disse ela ao acordar, enquanto ele estava de costas arrumando a mesa do café.

— Bom dia! – respondeu ele.

— Sempre durmo muito bem ao seu lado.

— Então precisamos nos ver mais, para dormirmos melhor – falou ele sorrindo.

— Mas, com uma noite desta que tivemos juntos, como não relaxar?

— Venha comer alguma coisa.

— Estou morrendo de fome. Você me deixa faminta.

— Então venha.

Os dois se sentaram, ele só de toalha e ela nua.

— Amor, você lembra quando em Olinda demorei em fazer aquela ligação para minha amiga?

— Claro que lembro!

— É que, na realidade, não liguei só pra ela. Você me falou que era fotógrafo, então me lembrei daquela minha amiga de ontem, que é jornalista, e liguei pra ela também, para saber se ela o conhecia e se você era confiável – disse e sorriu.

— Ah! Por isso é que voltou sorrindo. E o que ela lhe falou? – perguntou ele.

— Que dependia.

— Dependia! – exclamou ele.

— É... Que você era um bom homem, mas... mulherengo que só! – falou sorrindo.

— Ah, bom! Bela amiga essa nossa. “Queimando meu filme” – brincou ele.

— Preto, preciso te falar mais uma coisa – disse mudando de expressão.

— Ai, meu Deus! O que vem agora – tornou a brincar.

— Pedi transferência de Alagoas.

— Pensei que...

— Foi antes de nos conhecermos. Mas agora que o pedido foi aprovado não sei o que fazer. Não quero me separar de você. E tive uma ideia! – já com uma expressão mais alegre.

— E qual é sua ideia?

— Você pode ir comigo para onde eu for. Ganho muito bem e você pode...

— Espera! Como assim? Você quer que eu viva às suas custas? Deve estar brincando, né?

— Você é alagoano; portanto, como poderia ser sustentado por uma mulher? – em tom irritado. – Mas é claro que não pode.

— É óbvio! Sou alagoano e isso é um absurdo!

— Não sei de onde você tirou essa história de alagoanos serem cavalheiros, honestos e elegantes. Fala isso pra esses “caras” que querem me matar. Eles também são alagoanos! – e começou a chorar.

— Desculpa. Não é o fato de ser... Deixa pra lá. — Alcides acariciou os cabelos dela e a abraçou. — Falaremos disso depois.

Ainda era muito cedo. Tomaram o café e se vestiram para ir embora, sem falar mais no assunto, quando o celular dela tocou. Sua expressão mudou radicalmente. Ela emudeceu e lágrimas surgiram. Ela concordou com algo que lhe foi dito, disse onde estava e desligou. Sentou na cama e começou a chorar. Ele a abraçou. E ela aos prantos:

— Não aguento mais viver assim.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— “Os meninos” estão vindo nos pegar — referindo-se aos Policiais Federais.

— Mas o que aconteceu, amor, para você ficar assim?

— Havia uns capangas me esperando no meu prédio, “os meninos” chegaram para me pegar e os encontraram, eles reagiram e houve troca de tiros...

— Alguns dos “meninos” foram feridos? — perguntou aflito.

— Não... Graças a Deus! Eles mataram os pistoleiros. Não aguento viver assim.

CAPÍTULO XIII

Quando chegou, a delegacia estava cheia de policiais de operações especiais. Perguntou o que estava acontecendo e descobriu que o filho de um ministro havia sido preso e o buchicho era geral.

— Que diabo está acontecendo? – perguntou Alcides a Francisco.

— “Moleque”, o bicho tá pegando, o delegado-chefe não tá querendo fazer o flagrante, mas o delegado de sobreaviso quer fazer.

— Claro! Agora só porque é importante não vai preso? Vou lá olhar o preso, aonde ele tá?

— Na sala do Doutor José Pipoca – respondeu Francisco.

— Na sala do delegado-chefe? Não acredito!

— Depois falamos. O delegado responsável pelo flagrante tá vindo aí.

O delegado Paulo Feitosa, que era o presidente do inquérito, estava vindo na direção deles.

— Fala, Francisco. Oi, Alcides. Olha! Esta porra de flagrante vai dar merda. Se esse filho da puta não ficar preso, quero que vocês continuem investigando ele, ok?

— Claro, Doutor – disse Francisco.

— Vou passar todos os dados pra vocês, para continuarem atrás dele.

O flagrante foi tumultuado o tempo todo. O preso se reservou o direito de só falar em juízo, e ficou na sala do delegado-chefe durante todo o tempo, quando terminou, houve outra confusão. José Pipoca não queria que o preso fosse recolhido na cela, mas os agentes se recusaram em ficar tomando conta do preso na delegacia. Então o preso ficou na sala dele, enquanto os advogados tentavam um *habeas corpus*. Isto revoltou a todos, mas fazer o quê? No dia seguinte, quando voltou à delegacia, Alcides ficou sabendo que o a *habeas corpus* fora concedido; “uma vergonha!” Mais de 2.500 comprimidos de *ecstasy*, e o traficante solto.

Passadas umas duas semanas, o delegado Paulo Feitosa foi transferido para uma delegacia de menor importância. Era o único delegado que participava das investigações, junto com os agentes e isso não era tolerado pelos outros delegados. Foi uma perda para os agentes a saída do delegado Paulo.

Tempos depois souberam que a saída do delegado foi uma exigência do novo procurador-geral, que tinha chegado ao cargo justamente porque conseguira que o delegado José Pipoca, delegado-chefe, mantivesse o preso em sua sala, enquanto os advogados impetravam o *habeas corpus*. Uma trama escusa entre polícia, ministério público e justiça, para manter um traficante rico e poderoso fora das grades. Ao final, um “laranja” assumiu a posse da droga e acabou fugindo do país, financiado pelo ministro. Mas

agora, sem que o delegado-chefe soubesse, a investigação estava na seção de Francisco.

Heitor sugeriu que o trabalho fosse muito bem elaborado. Que fossem feitas fotos das transações, escutas, etc. A investigação deveria ser iniciada com alguém que estivesse abaixo na hierarquia da organização do filho do político, pois se o nome dele aparecesse de início, poderia ser bloqueado quando fosse percebido. Francisco determinou que toda a seção se envolvesse no caso, e seria feita paralela às demais investigações, para não chamar a atenção dos delegados.

Chegou a casa já muito tarde, pois passou no *pub* perto dali para tomar um uísque e, quando estava entrando em casa, viu Roberta na varanda, como se o estivesse esperando. Logo depois seu telefone toca, era ela. Disse que a mãe já estava dormindo e perguntou se poderia ir para a casa dele. Respondeu que sim, só precisaria de um tempo para tomar um banho, mas que deixaria o portão e a porta dos fundos abertos, caso ela chegasse antes dele terminar o banho.

Quando saiu do banho, ela estava em pé ao lado da cama folheando um livro. Apesar de não estar frio, ela vestia um sobretudo bege. Ele estava só de toalha na cintura. Ela olhou para ele, soltou o livro sobre a cama e abriu o sobretudo. Estava completamente nua. Os cabelos longos cobriam parcialmente os seios. Ele caminhou em sua direção e já foi beijando-a e abraçando-a com fervor. Apertava-lhe as nádegas ao tempo que a beijava no pescoço e nos seios excitados. Tirou-lhe o sobretudo, virando-a de costas para ele. Ela apoiou os braços na cama formando com o corpo um ângulo reto. Aquela bunda com minúsculas marcas de biquíni o enlouqueceu. Ele a segurou pelas ancas e a penetrou. Roberta se curvou jogando os cabelos para trás e gritou:

— Vai! Adoro senti-lo dentro da minha... Vai puxa meu cabelo!

— Como?

— Sim, puxa meu cabelo e me bate. VAI! – gritou ela.

Ele enrobu o cabelo dela na mão, mas não bateu. Ela continuou pedindo, mas ele não o fez. Agora ele a puxava pelos cabelos para trás e com a outra mão palpava-lhe a bunda bronzeada. O corpo arqueado, ela gemia e gritava de prazer. Ele fazia movimentos rápidos. O suor escorria por sua barriga e barba, caindo na bunda e nas costas dela.

— Deixa-me ficar em cima de você – disse ela –, deita de frente pra mim.

Ele obedeceu e ela sentou sobre ele. A janela do quarto ficava atrás da cama e, nessa posição, a luz do quintal iluminava o corpo de Roberta. Ela ergueu os braços para enrolar os cabelos e os soltar nas costas, e continuou insistindo para ele bater.

— Bate! Vai, bate!

— Porra! Que merda é essa de bater. Tá louca?

— Vai, bate, que gosto.

Ele já não sabia mais o que fazer, e enfiou-lhe a mão na cara, com tanta força, que ela caiu da cama.

— Ai! Não era assim, não, era na bunda! – disse ela voltando para cima dele, desta vez de cócoras.

— Onde já se viu quem está apanhando escolher onde? – disse ele.

— Vai, continua, não para que vou gozar em cima de você.

Ela, agora de cócoras, “cavalgava” em cima dele.

— Vai, vai que vou gozar! — E explodiu num orgasmo selvagem. — Não goza, não goza... Quero que goze na minha boca.

Roberta pediu para ele encostar-se à cabeceira da cama, e ela de quatro de frente para ele. Baixou a cabeça e pôs o sexo dele na boca, mas manteve o bumbum para cima e, alternando movimentos lentos e rápidos, fê-lo feliz naquela noite.

CAPÍTULO XIV

A partir do tiroteio em frente ao seu apartamento, Catarina não voltou mais para casa e, por orientação da Polícia Federal, passou a morar em um hotel, enquanto era formalizada sua transferência. A situação ficou péssima para eles. Alcides não tinha como abandonar seus projetos e seguir com ela. Na última semana que passou em Maceió, Alcides ficou com ela no hotel, pois, se ele mantivesse a rotina normal, poderia ser seguido e assim descoberto o paradeiro dela.

Foi uma semana muito triste, apesar de nunca terem passado tanto tempo juntos assim, mas, como era o prelúdio de uma separação, não podia deixar de pensar que seria sua última semana com ela. A princípio não poderia viajar para encontrá-la, por uma questão de segurança. Teriam que passar um tempo sem se verem, e até mesmo se falarem.

Era baixa temporada e o hotel estava praticamente vazio; portanto, foram autorizados a jantar no restaurante do próprio hotel. Estava uma noite linda, não fazia calor e o restaurante ficava na cobertura, com uma vista deslumbrante do mar. Ele subira antes para o restaurante, para planejar o jantar junto com *cheff*. Alcides sentou em uma mesa que dava para o mar. O *maître* chegou e ele pediu que lhe preparasse um *Gin* com uma dose de *vodka*, uma de *Campari*, uma colher média de açúcar e um pouco de suco de laranja e muito gelo, e que batesse tudo na coqueteleira. Em seguida pediu para falar com o *cheff* sobre o jantar.

— Boa noite, senhor. Gostaria de falar comigo? – perguntou o *cheff* que vestia uma jaqueta branca, com duas fileiras de botões

dourados e um belo *toque blanc*.

— Boa noite. Sim, gostaria de uma jantar especial, bem alagoano, porém leve e saboroso.

— Claro, senhor. Poderia sugerir como entrada alguns mexilhões, acompanhados com pitus e casquinhas de siri.

— Está perfeito!

— E ainda torradinhas com ovas de siri. Para o prato principal poderia ser cavala ao molho de camarão, acompanhado com arroz branco, pirão, camarão e legumes cozidos. Que acha, senhor? Mas... – e foi interrompido por Alcides.

— É isto mesmo, formidável!

Catarina se aproximou da mesa, instante em que o *maître* servia a bebida. Estava fascinante! Com um vestido azul-marinho, decotado com suas alças amarradas atrás do pescoço, bem justo. O decote das costas descia até o cóccix. Ele se levantou, a beijou na face e puxou uma cadeira para ela sentar.

— Você está esplêndida!

— Obrigada – respondeu ela.

— O que gostaria de beber, antes do jantar?

— O que você está bebendo?

— “Esbrebol” – respondeu ele, sorrindo.

— O que é isto?

— Duas doses de *Gin*, uma de vodka, campari, açúcar e suco de laranja.

— Deve ser horrível! Eu prefiro um Martini.

Ele acenou para o garçom, pediu o Martini e comandou que fosse servida a entrada. O *maître d'hôtel* trouxe as torradinhas, cobertas com ovas de siri. Estava bem saborosa, com uma coloração alaranjada forte, um sabor áspero e seco. O garçom serviu o Martini e perguntou qual o vinho que eles gostariam de beber com o prato principal, para que ele pudesse colocar para esfriar.

— Qual a sua sugestão? – perguntou Alcides.

— Temos um excelente *Chardonnay*, de uma vinícola daqui do vale do São Francisco; ou se preferir um *Sauvignon Blanc* – respondeu garçom.

— Pode ser o *Sauvignon Blanc* que é mais leve e frutado. E coloque duas garrafas. Muito obrigado.

O garçom se retirou e, à medida que as torradas foram terminando, o ***maître d'hôtel*** chegou com os mexilhões, pítus e casquinhas de siri. Estava tudo muito gostoso.

— Meu querido, vamos... Precisamos ser muito fortes, a distância pode nos separar. E não sei como poderia viver sem seu amor, sem seus beijos e seus braços para me confortar.

— Não vamos nos separar, vamos fazer deste obstáculo algo que fortaleça nossa relação.

— Tenho muito medo que você deixe de me amar. E com todos estes problemas que estou vivendo, não sei o que seria de mim sem seu apoio.

— Eu te amo! E um grande amor, se é verdadeiramente amor, vive eternamente – disse ele.

— Nunca imaginei me apaixonar por você dessa maneira – e ela tirou um crucifixo de ouro. – Eu quero que você fique com isto, foi meu pai quem me deu, e eu quero que fique com você.

— Não, meu amor. Eu não posso aceitar.

— Mas eu quero que fique com você, para que sempre lembre que estou com você.

— Mas...

— É engraçado, porque tudo o que eu sempre imaginei em um homem, eu estou tendo agora com você! Está saindo tudo do jeito que eu sempre sonhei para ser feliz!

— É impressionante! Como também me sinto assim, como se todos os caminhos que percorri fossem simplesmente para chegar aqui, e estar ao seu lado. Eu te amo! – nesse momento eles se beijaram.

— Precisamos falar sobre como vamos nos encontrar. O chefe da minha segurança quer que passemos um bom tempo sem nos vermos, para que esses bandidos pensem que o nosso relacionamento não é sério, mas não quero isto, preciso muito de você.

— Para mim é fácil arrumar desculpa para viajar. Posso muito bem estar viajando para fazer algum trabalho.

— É, mas eles não querem que você vá direto para a cidade que eu esteja. Eles vão conversar com você, e explicar direitinho como será. – Nesse momento o garçom se aproximou, eles pararam de falar no assunto.

— O senhor gostaria de mais uma bebida? – perguntou o garçom.

O garçom era um sujeito simpático tanto quanto pode ser um homem, com um sorriso sincero que lhe vinha de dentro da alma, e que se espalhava pelo rosto. Tinha o nariz fino e comprido e um bigode pontiagudo e bem cuidado, cabelos pretos e penteados para trás. Ainda jovem, aparentava mais ou menos uns vinte e três anos.

— Sim, meu amigo. Agora pode servir o vinho, se já estiver na temperatura apropriada – respondeu Alcides.

— Claro, senhor! Está em torno de 10 a 12°C.

— Mais uma vez, muito obrigado – agradeceu Alcides, em seu eterno plano de ser um homem gentil, cordial e bom.

— Meu querido, estes pitus estão deliciosos! Tenros e saborosos, mas estas torradas com ovas estão uma loucura! Nunca havia provado algo assim.

— Vou sentir muito sua falta. Muita coisa gostaria de ter feito com você; nadarmos na Pajuçara, irmos ao “velho” São Luiz (cinema), comer ostra do seu Severino na praia do Francês, mas infelizmente com esses bandidos à solta será impossível – disse Alcides.

— Ah! E você sempre fala do acarajé da “dona” Maria e do *Mestre*. Onde fica mesmo? – perguntou ela.

— Na Ponta da Terra, entrando na farmácia Ana Paula. Você iria adorar, eu como só com o molho de camarão e pimenta.

— É verdade, meu amor, mas descobriremos outros locais maravilhosos; na realidade, seja qual for o lugar, estar ao seu lado é sempre maravilhoso.

A noite estava muito bonita, o céu estrelado e a lua começava a nascer no mar. E antes mesmo de aparecer já era denunciada pelo grande clarão que antecederia seu surgimento. Uma enorme lua surgiu iluminando o mar, como os cabelos de Iemanjá; assim são conhecidos esses rastros no Nordeste, e então se pôde ver os *currais no mar*^[8], despontando na maré baixa, e um pequeno barco se aproximando, provavelmente para retirar os peixes aprisionados na maré alta.

O jantar estava tão saboroso quantos as entradas. Não quiseram sobremesa. Após o jantar foram para o quarto, onde o *maître d'hôtel* havia preparado um balde, com partes iguais, de água e gelo, e deixado mais uma garrafa do excelente vinho, o mesmo do jantar com um pequeno bilhete: "Esta é por conta da casa, tenham uma noite maravilhosa!"

Alcides colocou uma música e começaram a dançar. As cortinas da varanda estavam abertas e as luzes apagadas, apenas o luar os iluminava, enchendo de magia aquele momento. Quando ele a beijou sentiu o sal de suas lágrimas: ela chorava. Despiram-se enquanto dançavam e fizeram amor como se fosse a última vez.

Amanhecera com o tempo totalmente nublado, muito diferente da noite estrelada e, quando saíram escoltados para o aeroporto Zumbi dos Palmares, chovia torrencialmente. Na chegada ao aeroporto o Policial Federal do plantão os esperava no saguão se apresentou: "Meu nome é André Barros e vou acompanhá-los até o embarque." Era um homem com uma barba cheia, olhos pequenos e castanhos como seus cabelos, e nariz afilado, cabelos penteados para trás, com um redemoinho do lado direito pendendo o cabelo para esquerda. Muito afável e cortês. No portão de embarque, Catarina parou para se despedir de Alcides, pois a partir dali a área era restrita. Mas o Policial colocou a mão sobre o ombro de Alcides e falou: "Meu amigo! Vou permitir que você entre e fique mais tempo com ela." Eles aguardaram juntos na sala *vip*. O dia estava muito triste, e a chuva o deixava ainda mais vexado.

CAPÍTULO XV

A equipe de Alcides trabalhou pela manhã coletando provas, para solicitação de escuta do filho do ministro. Heitor e Alcides ficariam responsáveis por fazer fotos das transações feitas por ele, enquanto Henrique e Alberto dariam apoio com a viatura. O informante falou que Sérgio Camaral, o alvo, faria uma entrega de cocaína na quadra 204 Norte. Então lá seria a campana. Quando chegaram, para surpresa de todos ali, a moto de Sérgio já estava lá. Uma Yamaha R1 preta. Todos se posicionaram. Alcides usava seu antigo colete de fotógrafo, como se tivesse fazendo uma reportagem sobre a quadra, tendo Heitor como seu companheiro. Assim puderam se misturar às pessoas. No final da manhã, Sérgio apareceu vindo de dentro da quadra. Por sorte, Alberto estava no bar em frente à moto bebendo uma cerveja, para disfarçar sua longa permanência ali, e viu quando Sérgio desceu de uma quitinete que ficava em cima do comércio. Sérgio olhou em volta, mas não notou a presença dos agentes. Desceu à calçada e encontrou-se com um gordinho que o esperava. Conversou, recebeu algo que colocou no bolso da calça, retirando do bolso interno da jaqueta algo que entregou ao gordinho. Sérgio já foi colocando o capacete. Alberto e Henrique se apressaram para segui-lo, deixando Alcides e Heitor para trás, pois não daria tempo de esperá-los. Por sua vez, eles conseguiram fazer boas fotos da transação.

Almoçaram juntos e foram para a delegacia. Encontraram Francisco e Mendes e relataram a situação. Falaram que precisariam de uma moto, pois de carro era impossível segui-lo. Apesar de todo esforço de Alberto e Henrique, não foi possível

acompanhá-lo, mas as fotos ficaram boas e Alberto conseguiu descobrir um possível local onde Sérgio guardava as drogas, a quitinete.

Foram informados que, naquela noite, prestariam apoio a Luiz e Hélio. Como era cedo ainda, Alberto e Heitor foram fazer o relatório, enquanto Alcides e Henrique iriam buscar as fotografias que haviam deixado para revelar. Aproveitando para tomar uma cervejinha até que as fotos ficassem prontas.

Final da tarde, já começando a escurecer, chegaram. Hélio era um sujeito novo, vinte e poucos anos, moreno, atlético, cabelos curtos e óculos de grau. Jovem risonho e tranquilo.

O trabalho era prender um traficante de lança-perfume. Hélio e Luiz tinham a informação de que a entrega seria feita em um posto de gasolina no caminho para o Núcleo Bandeirante. Portanto todos ficaram nas proximidades do primeiro posto do setor de motéis. Logo depois o informante liga; tudo tinha sido mudado, o alvo estava no posto da Candangolândia, sentido Plano Piloto/Núcleo Bandeirante. Pelo rádio Luiz comunicou a todos. Alcides estava na viatura com Luiz, Hélio e o parceiro deles. Quando estavam passando pelo lado oposto da avenida em que o alvo estava, o parceiro de Hélio, que era o policial mais antigo, disse que desceria e atravessaria a avenida a pé. Alcides não achou correto deixá-lo descer só, e resolveu acompanhá-lo. Atravessaram a avenida e foram em direção ao suspeito. Alcides não entendeu, pois o combinado era que a abordagem seria com os carros, mas continuou. Quando estavam se aproximando do suspeito, um frentista perguntou as horas ao colega de Alcides, que parou para responder. Alcides não sabia o que fazer e seguiu em frente, passando na frente do carro do suspeito. O motorista do carro percebeu algo e arrancou quase atropelando Alcides, que saltou para o lado, sacou a arma e atirou em direção ao pneu do veículo. O companheiro fez o mesmo e o carro saiu em disparada. Ouvindo os tiros, as equipes aceleraram. A primeira a passar foi a de Alberto

e Heitor. A pista estava em reforma e eles rodaram na areia da obra. Logo atrás vinham Hélio e Luiz que, por uma questão de centímetros, não bateram em Alberto. A poeira subiu e Alberto em meio à poeira manobrou e continuou.

Alberto não havia visto o carro do alvo, só ouvira os tiros. Quando conseguiu recuperar o controle, viu um automóvel com marcas de bala fugindo, e foi atrás dele. O veículo entrou em direção ao Núcleo Bandeirante, sendo seguido pela viatura de Alberto, mas, mesmo com os sinais sonoros e com [kojak](#)^[9], o carro não parou, sendo necessários alguns disparos nos pneus para que parasse. Quando feita a abordagem, não era o alvo, mas sim adolescentes sem habilitação. As marcas de balas eram adesivos de tiros colados na traseira do automóvel. Infeliz coincidência, para todos: os policiais perderam o suspeito, pois quando Luiz ouviu no rádio que Alberto seguia um carro alvejado, seguiu atrás e largou o caminho que fazia. Enquanto isso os garotos imploravam para não serem levados para a delegacia, afinal seus pais não sabiam que eles estavam com o carro. E é obvio que, depois de tamanha frustração, por não pegar o traficante, ninguém pretendia prender menores por dirigirem sem habilitação, muito menos ter que justificar os disparos.

Alcides foi para casa, arrasado! Não podia acreditar que havia estragado tudo por ter descido do carro antes. Ainda tinha discutido com Francisco, que achava que ele deveria ter atirado no motorista. Explicou que não atirou por não ter visto arma, e que a intenção do alvo era fugir e não atropelá-lo. Então se lembrou de uma conversa que teve uma vez com seu pai, que lhe falou para nunca se precipitar quando há fuga de um criminoso, pois "o bandido não vai deixar de ser bandido, e você não vai deixar de ser policial, e, mais na frente, vocês se encontram de novo."

Resolveu ligar para Luiz para se desculpar por ter se precipitado. Luiz explicou que não havia problema, e que todos

estavam bebendo para esquecer. Estavam no posto da 105 Norte e o convidou. Alcides aceitou, e a noite foi longa: três garrafas de uísque e tudo esquecido.

CAPÍTULO XVI

Era uma quarta-feira e Alcides esperava Henry para jantar no restaurante Divina Gula. Enquanto não chegava, pediu seu uísque e folheou um livro de poesias que acabara de comprar.

INTERVALO

*Sob a luz
da lamparina
nossos corpos
bailavam
na parede
feito lagartixas.*

*O que mais me fascinava
eram tuas pernas:
brancas lembranças*

amarelecendo em mim.^[10]

Não podia deixar de lembrar Isabelle, lendo esse poema. E pensar se tinha agido corretamente com ela. Não podia ter previsto que se apaixonaria por Catarina, não planejou! Simplesmente aconteceu. Mas aquela poesia o fez lembrar como eram belas as pernas brancas de Isabelle. E que, apesar do pouco tempo que passaram juntos, foi prazeroso.

— Doutor Alcides! – exclamou Henry.

— Meu amigo, o que aconteceu com você, que sumiu? – perguntou Alcides. – Estava com saudades das nossas conversas.

— É que estava viajando, fazendo uns trabalhos no exterior.

— Que bom!

^{3/4} Tentei te avisar, mas estava muito difícil falar com você por conta dos problemas de Catarina. E por falar nela, como está?

— Péssima! Na realidade estamos. Desde quando ela teve que partir.

— E como vocês vão resolver suas vidas? – perguntou Henry.

— Não sei ainda, meu amigo. Mas estou apaixonado por ela. É deslumbrante o que está acontecendo com a gente. Sinto que vou amá-la eternamente.

Beberam e comeram uma deliciosa picanha com legumes, arroz, farofa e vinagrete. E Alcides explicou que seria necessário

passar um tempo sem ver Catarina, era uma exigência da Polícia Federal. Mas que o prazo já estava terminando e provavelmente em breve a veria.

CAPÍTULO XVII

Os policiais estavam campanando a quitinete de Sérgio Camaral, pois ainda não sabiam onde realmente ele morava. E então faziam o monitoramento do único ponto conhecido por eles. Já era meio-dia, quando se preparavam para sair para almoçar, mas Alcides havia conhecido uma vendedora no comércio local e estavam conversando, por isso adiou o almoço, para sua sorte, pois exatamente às 12h10 Sérgio Camaral chegou! Parou sua R1 em frente ao Bar do Botafogo, ***Só Drinks***, onde cumprimentou um garçom e subiu para a quitinete. Todos se posicionaram; desta vez Heitor tinha vindo de moto, para poder segui-lo. Passados alguns instantes ele voltou, rapidamente subiu na moto e saiu, mas desta vez foi seguido por Heitor. Pegou a L2 e foi em direção a Esplanada dos Ministérios. Contornou e parou no estacionamento do Senado. Heitor parou fora, pois o estacionamento era exclusivo, entretanto o seguiu a pé. Ao tentar segui-lo dentro do Senado, foi impedido pelos seguranças, mesmo se identificando como policial, ficando então sem saber o destino do traficante. “Mais um absurdo do nosso Estado”, pensou Heitor. O traficante tem livre acesso para entrar com drogas, enquanto o policial é proibido por estar armado. Com os dados da moto, conseguiram um endereço. Bem diferente daquele informado quando da sua última prisão. Com dados novos, solicitaram a interceptação telefônica.

Chegando à delegacia, foram informados que haveria um MBA^[11] para ser cumprido no dia seguinte. Seria na estância Mestre D’armas, em Planaltina. Era uma investigação de Francisco e Mendes. Francisco falou que seria logo cedo, O alvo era uma traficante, que já tinha sido presa por eles. Contudo, estava

novamente solta, e também seus filhos que defendiam a chácara armados. Na prisão anterior foram encontradas drogas e armas. Sugeriu que todos limpassem as armas e brincou: "Com exceção dos que usavam Glock's." No caso, Alcides e Francisco usavam a G22, Luiz e Hélio, a G21, Alberto usava Beretta 92 e os demais usavam armas fornecidas pela polícia e que não eram muito confiáveis; portanto, necessitavam de uma manutenção permanente.

Na madrugada toda a seção se encontrou na delegacia para planejarem a entrada. Entrariam pela chácara vizinha, ou pelos fundos, pois era a rota provável de fuga e por onde os traficantes não esperavam serem abordados. Uma equipe estaria na frente da chácara, enquanto as equipes de Alcides e Francisco entrariam pelos fundos. Na hora da transposição de uma cerca de arame farpado, Alcides percebeu que não estava bastante firme. Então aproveitou uma árvore encostada na cerca, para se apoiar, enquanto outro policial, Fred, tentou passar pela própria cerca, que balançou e caiu, ficando ele com o tênis preso no arame. Alcides não podia esperá-lo, senão perderia o tempo da entrada, pondo a segurança da equipe em risco.

Estavam se aproximando, quando Mendes percebeu um homem atrás da casa limpando um peixe. Avançou com Francisco e quase que sussurrando: "Polícia, polícia... larga a faca, larga, larga..." Ele largou. "No chão, no chão". Alcides seguiu com sua equipe. A porta dos fundos estava fechada, e Alberto a arrombou com muita dificuldade, pois a porta tinha várias travas. Entraram e encontraram mais duas; combinaram por sinais para que Alberto e Alcides fossem para uma e Heitor e Henrique para a outra. Olharam-se e ao mesmo tempo: "Pow!" Pé na porta e: "Mão na cabeça, polícia, mão na cabeça! Polícia..."

Situação dominada, todos foram levados para a sala, e a equipe de apoio chegou com as *testemunhas do povo*, enquanto aguardava:

— De novo seu Mendes? – perguntou Rosane.

— Pois é, dona Rosane, a senhora não para – respondeu Mendes, com seu bom e velho sorriso irônico.

— Nem o senhor se esquece de mim.

Nesse momento Mendes deu um passo para o lado e sem querer pisou em um cachorrinho, que grunhiu.

— O senhor vai matar outro cachorro meu? – disse Rosane.

— Eu?! Tá louca?! – respondeu Mendes. – Nunca matei cachorro nenhum.

— Matou, sim. Lembra daquela carne que o senhor deu para o outro comer?

— É, lembro.

— Pois é, ele nunca tinha comido carne e aí morreu de indigestão.

E apesar de trágico, todos riram, menos Rosane. Na última prisão de Rosane, a droga estava em cima da casa do cachorro que estava acorrentado na porta da casinha e latia bravamente para os policiais, impedindo-os de pegar a droga. Então Mendes viu uma peça de carne que estava pronta para assar, pois quando chegaram os traficantes estavam fazendo um churrasco para comemorar a chegada da droga. Mendes a jogou dentro da casinha do cachorro. Quando o bicho entrou, Mendes a fechou com um carro de mão.

O resultado da operação foi um sucesso! Drogas, um .357 MAGNUM, uma espingarda calibre 12 MOSSBERG 500, e Rosane e seus filhos presos e devolvidos à justiça.

CAPÍTULO XVIII

Finalmente chegou o dia tão esperado por Alcides. Havia recebido autorização para visitar Catarina. Embarcou no aeroporto Zumbi dos Palmares com destino ao Rio de Janeiro. Nunca imaginou que ela pudesse estar morando lá. Para sua surpresa, quando chegou ao Rio, ela não o esperava no aeroporto, mas sim um Policial Federal, que o informou: Catarina estava em Belo Horizonte a 430km do Rio, e que fariam a viagem de carro. Pediu o celular dele, desligou e disse que, a partir daquele momento, Alcides não poderia mais utilizá-lo.

Quando chegou ao apartamento, ela já o esperava na frente do prédio. Estava fulgurante! Literalmente, o sorriso radiava felicidade. Trajava vestido preto acima dos joelhos e havia deixado o cabelo crescer. Quando desceu do carro, ela correu para seus braços, beijando-o e abraçando-o longamente. O mundo pareceu parar naquele momento.

No final da tarde, foram ao *Café da Travessa*, muito simpático, que ficava na Savassi. O café oferecia mesas no calçadão, algumas sob as sombras das árvores, onde as pessoas aproveitavam para conversar, ler, lanchar e ou beber algo. Era decorado com cópias de pinturas de Claude Monet, Édouard Manet, Edgar Degas e outros impressionistas.

Catarina estava fascinante! Seus olhos brilhavam e um sorriso verdadeiro e contagiante iluminava seu rosto. Havia deixado de trabalhar na vara criminal, e estava muito feliz por ter Alcides ao seu lado. Pediu dois sanduíches e cervejas.

— Meu trabalho está muito tranquilo, desde cheguei aqui – falou Catarina.

— Fico feliz por te ver tão feliz assim.

— Mas a saudade que sinto de você é enorme. E, nesse tempo que ficamos sem nos falar, tive muito medo de que você desistisse de esperar. Sei o quanto é difícil para você, do jeito que é boêmio, mas não ligo! Só não quero te perder.

— Pouco antes de vir para cá, jantei com Henry e falei para ele justamente sobre isto; o quanto estava sendo deslumbrante e apaixonante. Nunca pensei que o amor pudesse acontecer comigo desta forma.

— Eu te amo! – disse ela, beijando-lhe a boca e colocando todo amor que lhe era possível naquele beijo.

— Sinto que vou te amar eternamente. Apesar de ser algo grandioso, inesperado e totalmente desconhecido. E, portanto, amedrontador para a maioria das pessoas; não sinto medo, quero viver isto intensamente! Não tenho medo de te amar — disse Alcides.

— Tenho medo de te perder, e sei o quanto vou sofrer. Você não tem medo disso? – perguntou Catarina.

— Não! Nenhuma dor poderá ser maior que o amor que sinto, e que vivo por e com você.

— É impressionante como você me deixa segura quando estou ao seu lado. Parece que você completa o que falta em mim. E suas ideias são as respostas para as dúvidas que tenho.

Voltaram ao apartamento de Catarina, para trocar de roupa e saírem para jantar num bar e restaurante tradicional de BH, o **Tip Top**, fundado em 1926 e localizado na rua Rio de Janeiro. As cadeiras tipo mogno, tanto na calçada como dentro, as paredes revestidas de madeira até 1,2m, dando um ar elegante ao ambiente. Na parte de cima, fotos diversas da Antiga Belo Horizonte. Belíssimo Bar!

Sentaram na parte de dentro, já que pretendiam jantar, e pediram como entrada *salada de batata tip top* e, como prato principal, ele pediu um Joelho de Porco, chucrute e batata cozida, e ela *Bauern frühstück*, pequeno almoço tradicional alemão, bacon frito e cozido com batatas e ovos, pimenta do reino, leite e cebola picada. Para beber um belo *Cotes Du Rhone* francês. A noite estava perfeita!

O apartamento dela tinha a belíssima vista de uma serra. Sentaram na varanda para beber vinho e conversar. Ela colocou música e começaram a dançar. Alcides beijou-lhe a boca, mordiscando com seus lábios os lábios dela. Como era deslumbrante aquele beijo, prelúdio do amor! Uma mão acariciava as costas e a outra deslizava pelos cabelos agora crescidos. Sentia o corpo excitado colado ao dele e os braços envoltos no seu pescoço. Levou-a ao quarto e seus corpos em brasas foram se despindo e entrelaçando-se, incendiados de amor e paixão. Cada centímetro do corpo dela era beijado e a cada beijo a magia e o encantamento aumentava. Ela deitou e fizeram amor ardentemente.

Ficaram alguns dias juntos e foram dias maravilhosos. Belo Horizonte é uma cidade encantadora, boêmia e muito acolhedora. Quando Alcides foi embora, já viajara com saudade e desejo de

voltar aos braços de sua amada. Ela lhe deu um pequeno bilhete, que ele só abriu no avião.

Ao grande amor da minha vida, presente especial de Deus!!!

Obrigada por sua presença aqui em... (não posso escrever onde estou, desculpa) e me presentear com seu amor sincero! Amor que eu quero para o resto das nossas vidas. Tenho certeza que seremos muito felizes juntos! Te amo!

Sua Catarina

CAPÍTULO XIX

A interceptação telefônica de Sérgio foi surpreendente, seus compradores eram funcionários dos mais altos escalões dos governos Federal e Distrital, advogados, empresários... E um chefe de gabinete de um senador sempre ligava encomendando cocaína e *ecstasy*, droga conhecida como "pílula do amor". Em uma das interceptações foi observado uma conversa que falava não sobre drogas, mas sobre desvio de verbas públicas entre um ministério e uma ONG. O que foi imediatamente relatado e encaminhado à delegacia de combate ao crime organizado.

Alberto recebera um informe sobre tráfico em Santa Maria, cidade-satélite de Brasília. O informante dava hora, local e nomes dos traficantes: um casal; e que o "movimento" forte era à noite. Encontraram-se na divisão no final da tarde para pegar a viatura "tática" adaptada para campanas. Alberto posicionou a viatura em local adequado e foi para uma mercearia/bar há uns cinquenta metros da viatura, podendo assim dar cobertura ao policial que lá se encontrava. Estava vigorando nas cidades-satélites, e apenas nas satélites, por decreto do Governador, a lei seca, que estabelecia horário para fechamento dos bares e restaurantes. Portanto, Alberto não poderia ficar muito tempo lá, mas observou que em frente a este bar havia um grupo de pessoas jogando dominó. Aproximou-se e passou a observar e a dar opiniões. Até que se juntou a outro observador, que não tinha par e sentaram-se para jogar em dupla. Ganhando algumas e perdendo outras. Um disfarce perfeito para campanar sem ser percebido. Em certo momento entrou na quadra uma viatura da Polícia Militar e abordaram todos, tanto os que estavam no bar, como os que estavam jogando.

Alberto muito discretamente falou com o sargento, informando-o que era policial e que estavam ali realizando uma investigação sobre roubo de carros, e explicando que havia outros policiais espalhados pela área, pedindo-lhe ainda para evitar passar nesta quadra, para não "queimar o serviço". O sargento reuniu seus policiais e se foram, não passando mais pela quadra. Mas não antes de consultar a central pelo rádio se realmente havia alguma equipe investigando roubo de veículo na área. Alcides ouviu no rádio e respondeu a central que sim.

Voltando ao jogo, criou uma história-cobertura em que era policial militar e que estava de serviço no Plano Piloto, mas que havia dado uma escapadinha para encontrar uma amante, e que estava esperando ela chegar. Tinha que justificar sua conversa com o sargento. Porém, mesmo a Polícia Militar não passando mais, os traficantes ficaram assustados e, por isso, depois de algum tempo a campana foi suspensa.

Alguns dias se passaram para que voltassem ao local. Desta vez Alberto conseguiu convencer um vizinho dos traficantes a ceder-lhe a casa para que ele pudesse fazer a campana. A casa era um ótimo ponto de observação, e não teria necessidade de se utilizar a viatura de campana, que era extremamente desconfortável.

Alberto passou então a observar os movimentos e informar aos demais policiais os fatos mais recentes. Observou alguns movimentos, hora com a mulher, hora com o marido. Pessoas a pé e de bicicleta, mas que ficavam por ali mesmo, o que dificultava a abordagem. O ideal seria um usuário que comprasse e saísse da área, e foi o que aconteceu. Um carro azul chegou, conversou com o marido da traficante, que também traficava, mas nenhum movimento característico foi observado. Quando o carro foi embora, João, o marido da traficante, chamou um menino de nove a dez anos, conversou algo. Este pegou uma bicicleta e saiu em disparada pela quadra acima, voltando tempo depois com um embrulho envolto em uma sacola de plástico branco e entregando a Emília,

mulher de João. Ela entrou e logo em seguida João saiu e entregou algo ao garoto, que colocou no bolso da bermuda e foi embora. Nesse momento João sentou na calçada e fez uma ligação de seu celular. Minutos depois o Carro azul voltou e parou na porta de João. Este foi à janela do carro, entregou um embrulho ao motorista e recebeu algo em troca. Assim que o carro saiu, Alberto informou as características, a direção e o sentido tomado. A abordagem foi feita longe da quadra, para evitar que fosse vista pelos "olheiros" da "boca de fumo", que se posicionavam nas laterais da quadra. Na revista ao carro, o embrulho que o motorista recebeu de João foi encontrado, era maconha. Pronto! Era o que faltava para que fosse feita a prisão do casal de traficantes.

Nesse momento começou a chover forte, o que facilitaria a aproximação, já que as pessoas não ficariam na rua. Então foi dado o sinal para que fosse feita a entrada na casa e a prisão. Na equipe encontravam-se Alcides, Heitor, Francisco, Henrique e Pedro, que havia sido transferido e agora trabalhava na divisão com Alcides. Uma outra equipe levou o usuário para a delegacia.

Por conta da forte chuva, a aproximação dos policiais não foi percebida, apenas quando arrombaram a porta. Logo na entrada, à esquerda, ficava o banheiro. Assim que Alcides entrou viu João correndo para o banheiro, e junto com Heitor foi atrás dele. João tentou fechar a porta, mas Alcides a chutou. Como o banheiro era pequeno, a porta bateu em João, derrubando-o e não permitindo que desse descarga sobre a droga. Havia mais alguém na sala, que foi abordado por Henrique. Emília estava no quarto, que era muito pequeno e tinha um armário próximo à porta deixando um pequeno espaço para a entrada. Alcides ouviu Francisco e Pedro gritando para que ela pusesse as mãos na cabeça, quando olhou, viu que eles não conseguiam passar pela pequena abertura. Então deixou o preso com Heitor e correu para o quarto, como era mais magro passou fácil pela porta e prendeu Emília, após a adrenalina passar. Foi uma verdadeira gozação com Francisco e Pedro, provavelmente precisariam fazer uma dieta.

Mas a comédia não terminou por aí, ainda faltavam as *benditas* testemunhas do povo. Heitor e Alcides ficaram responsáveis por pegá-las. A chuva facilitara a aproximação, porém agora dificultava a convocação das testemunhas, pois não havia viva alma nas ruas. Quando encontravam algumas pessoas estas se negavam a acompanhá-los. E já estavam ficando sem paciência quando encontraram um sujeito que se prontificou a acompanhá-los e entrou na viatura.

— O senhor é daqui mesmo? – perguntou Heitor.

— Sim, senhor. Moro aqui há muitos anos – respondeu a testemunha.

— E o que faz na vida?

— Sou trabalhador.

— Sim, mas trabalha com quê? – perguntou Heitor.

— Sou servente de pedreiro.

— E tá trabalhando onde? Em firma ou particular?

— Trabalhando mesmo ainda não tô, não.

— Mas, como assim? Tá ruim de arrumar serviço? – perguntou Heitor.

— Não, “seu agente”; é que saí da cadeia ontem e ainda não tive tempo.

Heitor freou a viatura bruscamente, olhou com raiva para o sujeito e exclamou.

— O senhor tá doido? Como merda vou levar um detento pra fazer uma busca.

— Não pode não? – respondeu o sujeito.

— Só falta ser um “12” – Heitor falou para Alcides. E continuou: – E qual tua “bronca”?

— É, “seu agente”, foi um “12”, mas foi pouca coisa.

— LAVA! SOME DA MINHA FRENTE! DESCE E SOME! – exclamou Heitor, e o sujeito desceu e sumiu no meio da chuva.

Quando estavam voltando para o local da prisão, depararam com um motorista e um cobrador de ônibus que terminavam seu turno. Então rapidamente pediram seus documentos e explicaram bem por cima do que se tratava, e foram realizar a busca. Lá pelas tantas, quando a busca já estava por terminar, o cobrador virou para Heitor e perguntou:

— Senhor, será que posso ligar para minha mulher e dizer que eu estou preso?

— Como?! – exclamou Heitor.

— Falar que estou preso e não vou voltar.

— Não, moço! O senhor não está preso não.

E então Heitor explicou com detalhes o que estava acontecendo, e da necessidade legal da presença deles acompanhando a busca.

CAPÍTULO XX

Quando chegou a Maceió, Alcides ficou muito triste. Os dias que passou junto com Catarina foram impecáveis, e deixá-la estava sendo muito angustiante. Henry o buscara no aeroporto e de lá foram direto a um restaurante na Pajuçara. O mar estava calmo e algumas jangadas retornavam à praia. Sentaram e beberam cervejas e petiscaram camarão acebolado. Henry, que percebera a tristeza do amigo, pegou o telefone e ligou para uma amiga.

— O que está fazendo? – perguntou Alcides e continuou: – Estou apaixonado, acha que tenho cabeça pra isso?

— Isso o quê? Relaxa, doutor!

— Acabei deixar a Catarina, como vou...

— Eu só convidei uma amiga, pra nos fazer companhia, melhorar o clima. As mulheres sempre têm esta dádiva. Hoje você tá muito chato, triste, pra baixo.

As meninas demoraram um pouco para chegar. Sim, as meninas, pois não era “uma amiga”, eram duas. Uma mulata, alta, cabelos negros quase na cintura, rosto fino e olhos castanhos. Belo corpo, seios grandes, pernas musculosas e ancas largas. Vestia jeans claro e top amarelo, deixando à mostra sua barriguinha malhada e um pequeno *piercing* no umbigo. A outra amiga era uma lourinha, cabelos curtos, abertos ao meio e cortados em camadas, olhos azuis, nariz afilado e um belíssimo sorriso! Boca bem desenhada. Não era alta, tinha costas de nadadora, seios pequenos. Vestido de renda branco, acima dos joelhos e sandálias rasteiras. A pele levemente bronzeada contrastando com o vestido de alças finas que deixava as marquinhos do biquíni à vista. Ambos levantaram para receber as meninas.

— Demoramos muito? – perguntou a morena.

— Não. Alcides acabou de chegar de viagem e estávamos colocando a conversa em dia – respondeu Henry.

— Ah! Esta é minha amiga Maria Clara. – e voltando-se para Alcides: – Estava de férias?

— Não. Viagem de trabalho.

— Você faz o quê? – perguntou Clara.

$\frac{3}{4}$ Sou fotógrafo.

— Igual a Henry? – interrompeu a morena. – Vivo implorando para o Henry fazer um *book* para mim, mas ele nunca tem tempo. Olhe, Henry, vou acabar te traindo com seu amigo. Você faz o *book*? – perguntou para Alcides.

— Não, sou fotojornalista. – respondeu sorrindo.

$\frac{3}{4}$ Qual o seu nome? – perguntou Clara.

— Alcides.

$\frac{3}{4}$ Alcides Teixeira?

— Sim! Como sabe?

— Adoro suas fotos! Você as deixa com pouca profundidade de campo, o que destaca bem as pessoas, fazendo-as sobressair.

— Você também é fotógrafa?

— Não. Sou estudante de jornalismo; por isso conheço seus trabalhos.

— Mas pretende se especializar em fotojornalismo? – perguntou Alcides.

— Não tenho o menor talento. Adoro fotografia, mas infelizmente acho que fotografia, a boa mesmo, não se aprende, é um dom.

—Acredito verdadeiramente que fotografia é paciência, oportunidade, sensibilidade e um pouco de técnica. Entender um pouco de composição de cores, tons, luz, fazendo uma fotometria adequada, o que é simples. E só.

— Só? Isso é tudo! É que para quem tem o dom tudo é simples. E você, por que foi para o fotojornalismo?

— Na realidade minha paixão na fotografia são as paisagens, mas é muito difícil sobreviver no início da carreira com esse tipo de foto.

— Mas você já tem nome, já é reconhecido, agora é mais fácil – disse Clara.

— Tenho pensado muito em deixar o fotojornalismo.

— Não deixe, não! Seu trabalho é maravilha! Faz as duas coisas.

Clara, com sua doçura, alegria e jovialidade, estava deixando Alcides mais descontraído. Ele adorava falar sobre fotografia, e isso o alegrava. Clara tinha um belo sorriso, sempre sorrindo e a delicadeza de sua voz, fina e aguda, era muito agradável. A morena já era caso antigo de Henry, que era apaixonado por morenas. Já estavam aos beijos. A conversa entre Alcides e Clara fluía sobre fotografia. Ela conhecia o trabalho dele, e o admirava muito. Alcides manteve o controle do assunto, evitando levar para uma conversa pessoal. Sabia que ela estava encantada, e que isso poderia estar confundindo os sentimentos da menina. Porém o grande perigo não era este. Ele estava se deslumbrando por toda aquela beleza, juventude e alegria. As cervejas e agora os uísques já faziam efeito. E quando ela voltou do toalete, Alcides levantou para puxar a

cadeira para ela sentar, sentiu a mão dela sobre a dele. Mãos finas e delicadas aqueceram a sua, e eles se olharam. Ela tirou a mão e sentou-se. Porém aquele gesto, aquela mão macia sobre a dele, o sorriso interrompido no momento do olhar, despertou desejo e inquietação.

A conversa sobre fotografia retornara. Agora os olhares eram diferentes. Henry explicara que largara o jornalismo e agora se dedicava a fotografar eventos, e que estava tendo um bom retorno financeiro e tempo para dedicar-se ao que mais gostava, que era fotografar *still*^[12], pois nesta categoria podia testar toda a sua criatividade e técnica como fotógrafo. Nesse tipo de foto podia obter controle total do objeto fotografado, não só na luz, mas em toda a composição. Na realidade Henry era um fotógrafo extraordinário! Alcides nunca aceitou Henry entrar no ramo de fotografia de eventos, mas com certeza o que o levava era o mesmo que levava Alcides ao fotojornalismo, a sobrevivência. Já era muito tarde e o restaurante estava para fechar. Pagaram a conta e beberam mais uma saideira. Henry disse que iria para casa da morena, e para Alcides ficar com o carro dele e levar Clara em casa, que no dia seguinte pegaria o carro de volta. As meninas foram juntas ao toalete.

— Porra, Henry! Você sabe que estou com Catarina, e que estamos passando por problemas por estarmos distante.

— Alcides, você é como um irmão pra mim. Nunca te vi tão triste como hoje quando te busquei no aeroporto. E essa menina, Clara, mudou seu ânimo. Relaxa! Você não vai deixar de amar a Catarina por isso.

— Mas acabei de chegar de lá.

— Ah, tá! Agora quer dar uma de santinho? Nunca ficou com ninguém depois de estar com Catarina? Agora deu, apresento-lhe

uma gata, apesar de ser branca, e você fica dando uma de santinho.

— Estamos prontas, vamos? – falou a morena.

Entrou no carro e perguntou onde Clara morava. Ela disse que morava no bairro do Farol, perto do shopping Cidade. Mas havia um problema, ela morava com os pais e havia falado que dormiria na casa de uma colega da faculdade para estudar. Portanto, não poderia voltar àquela hora.

Em casa, Alcides serviu uma cerveja para Clara e um J&B para ele. Informou onde era a cozinha, caso ela estivesse com fome ou se acabasse a cerveja. E foi tomar um banho. Completou seu uísque e entrou no banheiro do quarto. Ela ficou na sala, mas, quando Alcides entrou no banho, ela foi para o quarto.

Quando saiu do banho, Maria Clara havia apagado a luz do quarto e estava nua de pé em frente à janela. Voltou-se para ele, a luminosidade vinda de fora circundava seu corpo, emoldurando-o. Caminhou até ela, deixou cair a toalha que trazia atada à cintura e a beijou. Acariciava suas costas, seus cabelos macios. Ela saltou e entrelaçou as pernas na cintura dele, ajeitando os quadris. Ele virou e a sentou na cama, sem largá-la, e permaneceram nesta posição por um longo tempo, até ela atingir o orgasmo.

Acordou e ela estava dormindo descoberta, uma mão sobre sexo e a outra com o dedo na boca. Seus seios pequenos e brancos eram contornados pelas marcas do bronzamento recente, as penugens douradas de sua barriguinha e pernas criavam uma imagem angelical.

CAPÍTULO XXI

Era uma reunião semanal que faziam, sempre alternando as casas, nesta quarta-feira, seria no apartamento de um médico no Sudoeste. Todos estavam com suas esposas ou namoradas. Alcides não estava namorando; portanto, fora só e foi o último a chegar. Eram cinco ou seis casais: as mulheres estavam na sala e os homens na varanda, que era ampla, com vista para o parque da cidade. Em certo momento, e depois de alguns vinhos, as mulheres estavam um tanto altas e propuseram uma dança. Entre eles havia um casal de advogados, novo no grupo. O marido, um homem baixo, branco e de cabelos claros, era muito tímido. Já sua esposa era o contrário, extrovertida, cabelos negros longos bem abaixo dos ombros, branca, de sobrancelhas marcantes, nariz afilado e rosto fino, sempre sorrindo, seios grandes e quadril largo. Estava muito empolgada e propôs que o próximo encontro seria na sua casa. Era sem dúvida a mais animada com a proposta de dançarem. Quando começou a dança seu marido se recusou a acompanhá-la e, como Alcides era o único que estava livre, ela o chamou, ao que ele prontamente se negou, dizendo que estava cansado e já havia bebido um pouco além do normal. Isso não era verdade, mas não pretendia dançar com uma mulher casada. Entretanto, ela insistiu tanto, e não só ela, o marido também, que Alcides não entendeu nada do que estava acontecendo, e não aceitou. Ela estava agitada e, algumas músicas depois, voltou a insistir; desta vez, ela já foi pegando a mão de Alcides, puxando-o e sendo incentivada pelo marido. Alcides já estava ficando chateado, mas acabou cedendo. Dançaria apenas uma música. Ela colocou os braços envoltos no pescoço de Alcides, seu corpo quente e sensual colado ao dele e,

para sua surpresa, encostou o rosto no dele e, bem junto, sussurrou baixinho.

— Você dança muito bem, estou adorando.

Ele pôde sentir o hálito dela em seu pescoço, e a excitação percorrer seus corpos. Ela acariciava sua cerviz, ele por sua vez sempre que ficava de costas para o marido, punha a mão por baixo da blusa dela e afagava suas costas. Era algo meio louco, pois o marido podia não ver, mas as outras pessoas sim. Voltaram para a mesa e lá Alcides colocou a mão na coxa dela. Alcides percebeu que o marido estava mais animado, falava mais e até brincava, afirmando sempre que na semana seguinte o encontro seria na casa deles. Os homens bebiam cerveja ou uísque. Marques, o marido, observou que Alcides não estava bebendo uísque.

— Alcides, você não bebe uísque? – perguntou.

— Bebo sim, mas não este que vocês estão bebendo – respondeu Alcides.

— Mas, por quê?

— Não é um uísque de boa qualidade; além do mais é muito falsificado e para mim “desce quadrado” tal qual sua garrafa – disse agora em tom de brincadeira.

— Mas é um uísque oito anos.

— Bom! Aí é que você se engana, pode verificar que em nenhum lugar no rótulo diz que é oito anos; na realidade ele tem no máximo dois anos.

— Não! Não é possível! – exclamou Marques.

— O irmão de uma ex-namorada minha é executivo da fábrica, e foi ele quem me falou.

— Então, qual o uísque que você gosta? – perguntou Renata, a esposa de Marques.

— Eu bebo preferencialmente J&B, é um uísque mais forte, porém de sabor agradável. Gosto também de Jack Daniel’s, mas é

quase um Bourbon.

— Então, pode ficar tranquilo, que vou comprar um J&B pra você quando for lá em casa semana que vem – disse Marques.

Já estava tarde e as pessoas já começavam a ir embora. Alcides como sempre era um dos últimos a sair das festas, ficando ele e mais dois casais. E apesar da insistência de Renata para voltarem a dançar, ele não aceitou. Mas, para sua surpresa, Marques foi dançar com a esposa.

Na manhã seguinte Alcides acordou pensando na loucura. Será que alguém ou mesmo a própria esposa teria falado algo para o marido? Encontrou na delegacia com Pedro que também estava na festa.

— Oi, Alcides. Cara, tu é muito doido! – disse Pedro.

— Meu amigo, deu pra notar? – perguntou Alcides.

— Vi quando passou a mão nas costas, depois na perna. Você já a conhecia?

— Claro que não. Achei que ela estava dando mole – respondeu Alcides.

— Alcides, eu realmente não a vi dando mole; ela é muita brincalhona, brinca com todo mundo.

— Porra, Pedro, será? Mas também o corno do marido que me ficou aperreando para dançar com ela.

— Bom, deixa pra lá. Pode ser que ninguém tenha visto. Mas que ela é gostosa é!

— Semana que vem será na casa deles, é claro que não vou. Mas aí você me fala o que vão comentar.

— Deixa comigo – disse Pedro.

A semana transcorreu normalmente, mas na quarta-feira, à noite, Alcides recebeu uma ligação.

— Alô, pois não! – atendeu.

— Gostaria de falar com Alcides – disse uma voz feminina.

— Quem gostaria?

— Renata.

— Oi, Renata, como você está?

— Não estou muito bem.

— Mas o que aconteceu? – perguntou Alcides, já pensando que o marido havia descoberto o seu atrevimento.

— Aconteceu que liguei para o Pedro para confirmar a reunião amanhã e para pegar o número de seu telefone e ele me disse que você não viria.

— Realmente não vou poder ir.

— Não acredito! Que você vai fazer? Este é o primeiro encontro aqui em casa e você não vai nos prestigiar.

— É que... – e foi interrompido por ela.

— Espera um pouco. Tem uma pessoa que quer falar com você – disse Renata.

— Alô, Alcides – uma voz masculina. – É o Marques. Renata, desde que soube que você não viria, está me atormentando para ligar pra você. Inclusive já comprou seu J&B. Você não vai decepcioná-la, não é?

— Então vamos fazer o seguinte: vou tentar desmarcar meu compromisso e te ligo amanhã; este celular é o seu? – perguntou Alcides.

— Não; é da Renata, mas pode ligar pra ela – respondeu Marques.

Acordou cedo com uma ligação. Era Renata: queria saber se ele já tinha resolvido. Alcides disse que sim e que chegaria um pouco mais tarde, mas que iria sim.

Esperou Pedro chegar e sondar se tudo estava em ordem, se alguém faria algum comentário na sua ausência. O casal morava na Asa Sul. Quando bateu à porta foi recebido por Renata, que já o cumprimentou com um beijo no canto da boca. Alcides pensou: “Isto vai dar merda!” Entrou, falou com todos e sentou ao lado de Pedro.

— Então, parceiro, tudo em ordem? – perguntou Alcides.

— Melhor é impossível. Acho que este Marques, além de corno, é bicha! – respondeu Pedro sorrindo.

— Por quê?

— Presta atenção como ele trata o Luiz, sempre querendo agradar. Além do mais já viu apartamento de homem ter cacto na decoração? Minha namorada, que é arquiteta, disse que é pra deixar a casa mais máscula. E qual o homem que precisa disto pra mostrar que é macho?

— É verdade – respondeu Alcides, gargalhando.

— O que foi de tão engraçado? – perguntou Renata.

— É que o Pedro gostou do seu cacto – falou Alcides para brincar com Pedro.

— É meu – respondeu rapidamente Marques. – Você quer um pra você, Pedro?

— Não. Claro que não. É brincadeira do Alcides; é ele que gosta dessas coisas – falou sorrindo Pedro.

A namorada de Pedro sorriu e ninguém entendeu nada.

Tarde da noite, só uns poucos ficaram até o fim, e Marques propôs jogarem cartas. Alcides aceitou. Renata sentou em frente dele. E assim que começou o jogo, ela o olhou, sorriu. Alcides sentiu quando ela colocou o pé entre suas pernas, assustou-se, mas manteve a discrição. Pensou: “Que mulher louca!” Jogaram algumas mãos e o tira-gosto terminou. Renata levantou para preparar algo, mas não sem antes pedir para Alcides ajudá-la. Ele já começava a acreditar que o marido sabia do comportamento da esposa e resolvera “chutar o balde”.

Na cozinha ela já o agarrou pelo pescoço e o beijou na boca loucamente. Estava de saia e blusa preta, e colocou a mão dele sob a saia. Estava excitada e tentou abrir o zíper dele, mas não conseguia. O celular de Alcides recebeu o sinal de mensagem: era Pedro. “Meu amigo, tu é doido? Para com isso”. Alcides então caiu em si. E convenceu Renata a parar, com a promessa que ligaria para ela outro dia. Voltaram para sala para terminar o jogo.

CAPÍTULO XXII

Pela manhã, Alcides levou Clara em casa e foi encontrar com Henry para entregar o carro. Henry brincou sobre a noite, se tinha sido boa, e se estava arrependido. Alcides não estava arrependido. Clara era uma menina maravilhosa e não tinha por que se arrepender. O fato não diminuía o que ele sentia por Catarina. E ter uma pessoa como Clara ao seu lado até o deixava mais à vontade para tomar uma decisão importante: deixar Alagoas. Pela primeira vez falou para alguém sua intenção de deixar o Estado. Havia dedicado um bom tempo fazendo algumas fotos nos canaviais de Alagoas e testemunhado a forma brutal e desumana como os trabalhadores rurais eram tratados. E, quando terminado o trabalho, nenhum jornal do Estado quis publicar, alegando que seus maiores patrocinadores não gostariam. Ficando evidente que essa coisa de imprensa livre, que leva a verdadeira informação ao seu público, é a maior lorota. Além do fato ocorrido com Catarina, que teve de sair do Estado forçada pelos mesmos grupos políticos que tinham o controle financeiro e político do governo. A eleição de um governador social democrata levava esperança a todos, mas na prática, quando assumiu o governo, as mesmas alianças foram mantidas e os usineiros, senhores do açúcar, continuaram mandando e desmandando.

Toda essa insatisfação viria a calhar com o que Henry tinha para propor a Alcides. Ele havia recebido um convite para fazer um trabalho, fotografar escolas e hospitais, mas que, devido a seus compromissos já agendados, não teria tempo.

— Meu amigo, você tá louco? – perguntou Alcides. – “Eles” não vão publicar isso nunca!

— Por que não?

— Esqueceu que aqui em Alagoas temos o maior índice de analfabetismo do Brasil? Escolas caindo aos pedaços e também a maior taxa de mortalidade infantil, hospitais super lotados, professores mal pagos...

— Quem falou que é aqui em Alagoas?

— Onde, então?

— CUBA!

— Você tá falando sério?

— Sério, doutor. Estou com um monte de eventos programados, e não posso me ausentar de Alagoas. Você sabe que os riquinhos daqui adoram casar e ostentar, no casamento, a grana que têm. Então, meu preço é caro, se não, eles não valorizam e, às vezes, ainda pego umas noivinhas – sorriu Henry. – E o trabalho em Cuba deve durar cerca de dois a quatro meses. Então você aceita? Tenho que dar uma resposta.

— E pra quando seria?

— Tenho que te indicar até o fim do mês, mas a viagem é só ano que vem.

— Pode dar meu nome, sim! Depois desse trabalho, com a grana vou embora de Alagoas.

— Tranquilo, meu amigo; já dei seu nome, sabia que aceitaria. – disse Henry e os amigos se abraçaram.

No fim de semana Clara ligou para Alcides convidando-o para acompanhá-la à inauguração de um novo barzinho. Alcides explicou que não gostava de sair nos fins de semanas, que saía no máximo até quinta e que nesta noite ficaria em casa, mas que podiam ir à praia no outro dia. Cinco minutos depois, Clara ligou novamente, dizendo que não estava muito interessada em ir à inauguração, e se podia dar uma passadinha na casa dele.

Chegou a casa dele por volta das oito da noite. Alcides bebia uísque e lia *vidas secas* de Graciliano Ramos. Clara era uma menina muito alegre, jovem e bonita. Não aceitou uísque, preferindo beber cerveja. Alcides precisava conversar sobre Catarina, não era justo que ela não soubesse e mantivesse alguma esperança de ter um relacionamento mais sério.

— Preciso te falar algo antes que continuemos com isso — disse Alcides.

— Aconteceu alguma coisa? Eu não deveria ter vindo?

— Não é isso. Quero que você saiba que tenho outra pessoa e que a amo.

— Também tenho algo a lhe dizer. E espero que não fique magoado nem decepcionado comigo — falou Clara com uma expressão séria.

— Espero que não seja casada — brincou Alcides.

— Não, não sou. Na realidade, quando fui encontrar com você e com Henry, já sabia quem você era. O Henry disse pra minha amiga e falou também que você tinha namorada, mas que estava passando por problemas e precisava se divertir. Então, quando soube de você, fiquei louca pra te conhecer pessoalmente.

— Mas não se incomoda que eu tenha outra pessoa?

— Sou apaixonada pelo seu trabalho; você é um homem inteligente, educado, uma companhia formidável. E, além do mais, adorei fazer amor com você. Não estou preocupada com o futuro, acredito que seria um absurdo podar o que desejo só por medo. Quero ficar com você, aprender com você e ser feliz agora sem preocupações com o que pode acontecer. Acredito que a felicidade é algo momentâneo e não eterno e estou muito feliz agora.

— Você não tem medo de se envolver, apaixonar-se?

— Não! Já estou apaixonada. Trouxe um livro pra você: é de um poeta alagoano radicado em Pernambuco – abriu a bolsa e tirou o livro de poemas *ANTI-HORÁRIO*, de Ivan Marinho. – Você pode ler o poema da página 15?

MEDO DO VOO

Não precisa de tempo para ser livre.

Precisas é de coragem para ser livre

Todo tempo.

O medo, tesouras das tuas asas,

Tosou-te por inteiro

E do chão só consegues ver

O que do chão permite-se:

Momentos adoecidos pela espera do

Momento.

E na doença do momento esperado

Não fazes mais do que esperar.

Por medo do voo

Não consegues voar.

Tiveram uma noite maravilhosa. Alcides cozinhou para ela, dançaram e se amaram prazerosamente. E, depois desta noite, passaram a se encontrar e conviver. Vivendo apenas o momento presente.

CAPÍTULO XXIII

A investigação sobre Sérgio Camaral estava ficando mais complicada. Faltavam dois dias para o fim da interceptação e o ministério público negara a renovação. Então eles teriam que aproveitar os últimos momentos para concluí-la e prender Sérgio.

Sérgio receberia cerca de cinco quilos de cocaína na divisa entre o DF e GO. Toda a equipe chegou bem antes do horário marcado. Hélio ficou monitorando o "grampo", os demais foram para o local. A transação seria em um posto de gasolina. Alberto e Heitor ficariam na lanchonete do posto, Alcides e Pedro do outro lado da rua, em uma esquina, encobertos pela vegetação, e Francisco e Henrique numa viatura para perseguição, em caso de fuga.

Algum tempo depois chegou uma camionete prata, com três ocupantes. Abasteceram e estacionaram. Alcides ligou para Hélio, e este informou que Sérgio chegaria ao local em 30 a 50 minutos. Então, todos permaneceriam em posição aguardando a chegada de Sérgio. Porém perceberam que os suspeitos estavam inquietos. Em certo momento um deles saiu da camionete e foi em direção à lanchonete. Rapidamente Alcides ligou para Francisco, que estava de binóculos e poderia ver melhor. O suspeito estava de sobretudo, apesar de não estar chovendo, nem mesmo fazendo frio. Francisco observou um cano sob o casaco e alertou Alcides e Pedro, que começaram a se aproximar do suspeito. Quando estavam a uns vinte metros perceberam o suspeito levantar a arma em direção à lanchonete. Imediatamente sacaram suas armas e começaram a disparar. As balas passaram cortando o sobretudo e o suspeito voltou-se para Alcides e Pedro. Simultaneamente Alberto e Heitor

também começavam a atirar, no mesmo instante em que Francisco e Henrique já chegavam em alta velocidade. Alberto e Heitor conseguiram baleiar o suspeito. Enquanto a camionete empreendia fuga, sendo seguida por Henrique e Francisco. Alberto, Alcides e Pedro se aproximavam do suspeito baleado, enquanto Heitor sanava uma pane em sua pistola. Os ocupantes da camionete abriram a janela traseira e começaram a atirar com uma arma de grosso calibre. Momento em que Francisco, que estava no banco do carona, pegou o fuzil *Ruger* mini-14, de calibre 5,56mm, e abriu fogo. Quando a uns trezentos metros Alcides e os outros viram a camionete perdendo o controle e capotando.

Alcides, após constatar que o bandido de sobretudo estava morto, se deslocou com Pedro para o local do capotamento, enquanto Heitor e Alberto ficaram guardando o corpo. O motorista estava ainda vivo; havia sido baleado no ombro e perdera o controle da camionete. O outro suspeito estava morto com um tiro no peito, e ao seu lado um fuzil AK-47 calibre 7.62 x 39mm. Foram encontrados cinco quilos de cocaína espalhados dentro veículo. Em uma busca minuciosa, mais dez foram localizados camuflados no carro.

O delegado José Pipoca ficou furioso. Como uma operação desse tamanho estava acontecendo, e ele não sabia de nada? Mas a equipe informou que chegou a esses traficantes por intermédio de uma simples dica de um "camisa", e que não esperavam ser tão grande. O delegado quis saber quem era o informante. Mas um bom policial tem suas regras e uma delas é não revelar seus informantes para os delegados. Porém, com a grande repercussão na imprensa, o delegado ficou feliz. Declarando que "ele" estava investigando a quadrilha há mais de quatro meses. E que, apesar do forte tiroteio, nenhum policial ficou ferido. Os policiais tinham receio de revelar o verdadeiro alvo e ocorrer algum "vazamento", mas para renovar a interceptação teria que conversar pessoalmente com o promotor, ou com o juiz. Resolveram pela primeira opção. Explicaram ao promotor e este indeferiu o pedido.

CAPÍTULO XXIV

Clara foi levá-lo ao aeroporto, porém ele pedira para deixá-lo no estacionamento. Não seria necessário acompanhá-lo ao embarque. Não queria que ela soubesse seu destino, por uma questão de segurança. Alegou uma viagem de trabalho, mas, no fundo, ela sabia que era para encontrar Catarina.

Quando chegou ao embarque, o Policial Federal, coincidentemente, era o mesmo do dia em que Catarina foi embora de Alagoas. Ambos se reconheceram e o Policial o convidou a aguardar na mesma sala *vip* da despedida.

— Meu amigo! Vamos aguardar lá dentro – disse o policial.

— Muita gentileza sua!

— Como estão as coisas com ela?

— Estão bem, mas a distância complica muito a relação. Trabalho como fotógrafo e fica complicado recomeçar em outro Estado.

— Desculpe-me, mas não me recordo do seu nome – disse o policial, entregando-lhe uma xícara de café.

— Alcides Teixeira.

— André Barros. Você tem filhos?

— Não.

— Por que você não muda de profissão?

— Mas o que eu faria? Começar do zero, sem contatos, sem conhecer editores.

— Haverá concurso para Polícia ano que vem ou no mais tardar no outro. Você teria este ano para estudar e poderia ir embora daqui com uma coisa certa. E ficaria perto dela. Você é solteiro, não tem filhos, o que te impede de viver esse amor? A nossa terra é onde está quem amamos, e tudo o que importa, nós carregamos conosco, que é honra, honestidade, ética, coragem e nosso nome. E onde estivermos, em qualquer lugar do mundo, seremos nós mesmos, com nossa honra e caráter, que não são herdados de um Estado, Região ou País, mas da nossa família, de nossos pais.

Alcides ficou surpreso com o que o policial lhe falara. Parecia já ter ouvido aquilo antes; parecia um conselho do seu pai ou avô já falecidos, e a forma como foi dita também o lembrara dos entes queridos.

Desta vez a Polícia Federal reservou-lhe um voo direto para Belo Horizonte. Catarina foi buscá-lo em Confins (aeroporto) e de lá iriam direto para Ouro Preto, onde passariam alguns dias. Catarina estava linda! Os cabelos negros, agora longos, deixavam-na ainda mais jovem. Estava muito simples: jeans e uma camiseta com o rosto de *Che Guevara*, o decote da gola lhe deixava com um ombro à mostra. Era sem dúvida a mulher mais maravilhosa e linda do mundo! Tudo nela ficava belo. O coração batia mais rápido e a felicidade percorria o corpo de Alcides, como se seu sangue fervesse. Ela mostrava lágrimas nos olhos e ele as enxugou, antes de beijá-la apaixonadamente.

Uma belíssima visão da Praça Tiradentes, larga e comprida, tendo ao centro a estátua do Mártir Inconfidente. E, ao fundo, o museu da Inconfidência. Passaram pelo lado oposto e dobraram à esquerda, hospedando-se em um hotel que no passado havia sido um casarão pertencente a um rico comerciante. Arrumaram as

coisas no hotel, com calma. Alcides tomou um banho e desceram para conhecer a cidade. Ainda era dia, quando passaram pela Praça Tiradentes, Alcides ficou deslumbrado com a beleza da arquitetura e quis parar para contemplá-la. É evidente que Catarina não acreditou. Sabia perfeitamente que o que ele queria mesmo era sentar em uma mesinha de bar, beber e namorá-la, nada de caminhar.

— Não sei o que acontece comigo quando a encontro, parece que toda a minha vida deixa de existir, e só existe você. Esqueço os problemas, as dúvidas e te amo ainda mais – disse Alcides.

— Alcides, você para mim foi uma grande surpresa em relação à felicidade. Sempre achei que me realizando profissionalmente tudo estaria resolvido, mas descobri que faltava algo, e este algo era o amor. Encontrei você num momento muito difícil, e seu amor, nosso amor, mudou minha vida, fazendo-me novamente acreditar que vale a pena viver e continuar sempre em frente.

— Minha querida, não permita que o que aconteceu em Alagoas, em relação ao seu trabalho a desanime. Um dia as pessoas entenderão que a corrupção e a violência não poderão prevalecer. Você fez o caminho certo, combatendo esses males. E está pagando caro por isso. Um dia o que você fez será regra e não exceção.

— Não foi isso que quis dizer. Não me arrependo de ter me dedicado ao trabalho, o que quero dizer é que não esperava que num momento tão difícil e num local também tão inesperado, como o carnaval de Olinda, eu pudesse encontrar o grande amor da minha vida – Catarina sorriu beijando-o.

— Quero viver cada segundo desta felicidade, que é estar ao seu lado. Tenho novidades.

— Qual? – perguntou Catarina, apreensiva.

— Estava pensando em só te falar depois que fizéssemos amor, mas preciso compartilhar com você.

Catarina pensou mil e uma coisas, do que poderia ser, se ele aceitaria morar com ela e reiniciar a carreira em Belo Horizonte. Mas isso não era da formação moral dele, viver, mesmo que por pouco tempo, às custas de uma mulher. Poderia então ser que ele tivesse recebido alguma proposta de trabalho em Minas. Ela estava ansiosa, qualquer coisa seria melhor que a distância entre Maceió e BH.

— É claro que você não vai me deixar ansiosa desse jeito – desabafou Catarina.

— Mas não é nada tão certo. São só planos, mas que podem acontecer.

— Fala, Alcides, fala logo!

— Lembra do Henry?

— Claro que me lembro! Aquele femeeiro?... Brincadeira! Sei que é seu amigo de verdade, e que torce muito por você. O que tem ele?

— Ele recebeu uma proposta de trabalho e quer passar pra mim. É uma boa grana, e com ela largo Alagoas e começo outra vida aqui em Minas. Mas não é pra agora, só para o ano que vem.

— O que é, Alcides? Algum trabalho aqui? – perguntou Catarina, muito nervosa.

— Não, querida; é um trabalho em Cuba, de dois a três meses. O tempo não é problema, afinal é mais ou menos o tempo que passamos sem nos vermos.

— Realmente sou uma sonhadora, achei que você vinha direto para mim. – falou meio desanimada Catarina.

— Minha querida, não desanime. Não tínhamos nada, agora temos algo. Vou pegar a grana, juntar com a que já tenho e montar

uma loja de revelação de material fotográfico.

Catarina parou por um instante e pensou: "Ele vai fazer o sacrifício de deixar de ser fotógrafo, artista, para virar comerciante, mesmo que de produtos fotográficos só pra ficarmos juntos. Não isto não está certo!" Mas não poderia falar, deixaria acontecer, e quando ele estivesse com ela o convenceria a voltar a fotografar.

— Não estou desanimada, não. Estou muito feliz! Vou ter você aqui e vamos ser felizes. Depois falaremos sobre esse projeto da loja – Catarina demonstrou estar animada. – Já está certo?

— Ainda não, falta decidirmos.

— Vamos ligar para o Henry, quero saber dele, falar com ele – e pegou o celular.

— Não! Você está louca? Não pode ligar pra Maceió, não podemos correr este risco; eles podem estar monitorando o telefone do Henry. Relaxa! Ele já mandou meu nome e, se esse projeto não der certo, já tenho outro.

— Como assim? Que tantas surpresas são estas?

— Acho que não se lembra, mas no dia do seu embarque, em Maceió, havia um Policial Federal no plantão do aeroporto. Lembra?

— Não, amor, estava muito triste e tinham muitos policiais lá com a gente.

— Ele não era da escolta, estava de plantão no aeroporto e consentiu que eu entrasse e ficasse com você na sala vip. Mas não importa se não lembra. O que importa é que ele me deu uma sugestão para ficarmos juntos.

— Como assim?

— Aquele cara tem uma coisa diferente, não sei o que é, mas tive a impressão de já conhecê-lo. Mas tenho certeza de que nunca

o vi, a não ser no dia do seu embarque. Enfim, seja lá o que for. Ele me deu uma boa ideia, ser policial.

— Como? Você policial? Você é um artista!

— Artista, não, fotógrafo. E fotógrafo não é artista e, mesmo que fosse, qual o problema, artista não pode ser policial? – sorriu Alcides. – Além do mais, minha família era de policiais, esqueceu?

— Não, Alcides; mas vamos nos ater ao trabalho de Cuba.

O entusiasmo da conversa fez com que eles nem percebessem o tempo passar. Já escurecera e resolveram jantar antes de voltar para o hotel. Estavam cansados da viagem e pretendiam acordar cedo na manhã seguinte.

O quarto, com porta de madeira escura, muito alta, janelas que davam para as montanhas que circundam Ouro Preto, era muito amplo e aconchegante. Não demoram muito e já estavam se beijando e se acariciando. O tempo e a distância os deixavam louco de saudade e desejo. Logo estavam fazendo amor. Ela estava deitada com a cabeça sobre o peito dele, a cabeça sob o queixo, ele podia sentir o cheiro dos seus cabelos. E ela o seu pulsar. Ele não adormecera, ainda que cansado; ficou pensando em como seria ter Catarina, como a estava tendo naquele momento, todos os dias! Inimaginável!

Acordaram cedo e abriram a grande e pesada janela de madeira. A vista fascinante das montanhas, uma bruma as cobria, sendo penetrada pelo nascer do sol. Distante uma igreja encravada entre as serras. Realmente não podia estar mais feliz. Catarina saíra do banheiro e, enquanto ele tomava banho, ela se vestia. E juntos desceram para tomar café. Carne de porco, torresmo, bolos, pães, doces, sucos dos mais diversos, frutas, leite, café, os famosos queijos e pães de queijo mineiros, etc. Acordaram famintos depois da noite de amor. O dia estava verdadeiramente lindo e a nevoa já se dissipara quando eles saíram para passear pela cidade. A rua do

hotel desembocava na Praça Tiradentes, e eles atravessaram-na e foram em direção ao museu da Inconfidência. Começaram por lá as visitas aos monumentos históricos. Nunca vira algo tão magnífico e bem preservado, mas alguma coisa o tocou profundamente: quando visitavam um enorme casarão, agora transformado em museu, desceram ao subsolo, onde ficava a senzala, que era cavada nas pedras. Na realidade um tipo de caverna, escura e úmida. O pouco de luz surgia de uma pequena grade no alto. Alcides percebeu que tinha uma abertura estreita vinda do casarão e que desembocava em um também estreito fosso de pedra, ao lado de onde, segundo o guia, os escravos faziam as refeições, normalmente restos de comidas e partes de animais que não eram aproveitadas pelos seus donos. O guia informou que aquele sumidouro era a cloaca do casarão, onde passavam o esgoto da casa. Entraram senzala adentro e viram onde os escravos mais “rebeldes” dormiam, no fundo da “caverna”, onde correntes estavam encravadas nas paredes de pedras. Alcides sentiu uma sensação péssima, angústia e raiva, seu coração parecia ser esmagado. “Como? Como foi possível aquilo ter acontecido?”, pensou Alcides. “Como alguém poderia tratar um ser humano daquela forma?” Nem mesmo concebia a possibilidade de um animal ser tratado dessa forma. Sentiu como se ali ainda houvesse muita dor. As lágrimas escorreram involuntariamente sobre sua face e ele pegou Catarina pela mão e saiu antes do término da visita. Entre os flashes das câmeras fotográficas ninguém percebeu sua saída abrupta.

Voltaram direto para o hotel. Alcides não se sentia bem e pediu a Catarina para deixá-lo descansar um pouco. Quando chegaram ao quarto, a camareira estava terminando a arrumação. Era uma negra já idosa, seus cabelos brancos revelavam sua idade. Alcides estava pálido e seus olhos verdes azulados estavam vermelhos, o suor escorria em seu rosto. Foi direto para a cama e deitou de bruços. Catarina voltou-se para a camareira:

— A senhora poderia pedir na recepção para chamar um médico. Acho que ele comeu algo que atacou o estômago – pediu

delicadamente, enquanto elas caminhavam para a porta do quarto.

— O moço esteve na senzala do casarão? – perguntou a velha.

— Como a senhora sabe?! – exclamou Catarina.

— Minha menina, faça-me um favor, vá você lá embaixo e peça à pretinha da recepção que faça o meu chá e traga aqui.

— Quem? Na recepção? – Catarina estava confusa.

— O nome dela é Maria José, é minha filha, ela vai saber qual é o chá.

Catarina desceu atordoada, não entendia o que estava acontecendo, mas foi em busca do chá, sem nem saber o que estava fazendo. Fez o pedido à menina e pediu que mandasse levar ao quarto, voltando rapidamente. Quando entrou no quarto, a anciã estava sentada na cama, e Alcides sem camisa com a cabeça no colo dela, que acariciava sua testa e fazia uma espécie de oração. Ele parecia dormir, mas ainda suave muito.

— Meu Deus! Ele não está bem! – falou apavorada Catarina.
– Vou chamar um médico. – Alcides continuava pálido.

— Venha cá, menina, sente do meu lado e pegue a mão dele. O moço só está sonhando – disse a velha de voz rouca, mas suave, que passava tranquilidade quando falava.

— Mas ele está molhado de suor! Deve estar com febre – Catarina sentou na cama de frente para a anciã e pegou a mão de Alcides. – Ele não está quente! O que está acontecendo?

— Nada, vai passar quando ele tomar o chá e acordar – respondeu a velha.

Nesse momento Maria José chegou com o chá e entregou a mãe. Esta levantou a cabeça de Alcides e, com ajuda de Catarina, fê-lo beber. Em seguida enxugou o suor e pediu que Catarina ficasse no lugar dela. Catarina sentou e colocou a cabeça de Alcides no colo.

— Agora pode ficar calma, menina. Ele vai acordar e tudo vai passar – falou a anciã.

— O que está acontecendo? – perguntou Catarina, com lágrimas nos olhos.

— Ele já esteve ali, já viveu isso, seu espírito nunca suportou tal situação.

— A senhora quer dizer que ele já foi escravo? Eu não acredito nisso.

— Não, minha menina, ele nunca foi escravo, ele morreria antes. Ele jamais aguentaria as correntes.

— Mas eu não entendo! Então como ele já esteve lá? Ele começou a passar mal justamente quando viu as correntes.

— O *Sinhozinho* quebrou muitas correntes e morreu por isso, lutando pra quebrá-las.

— Ele foi um abolicionista?

— Não – disse a anciã.

— Não estou entendendo! – mais uma vez exclamou Catarina, atônita.

— Ele ainda é! Minha menina. Agora preciso ir, quando ele acordar só vai precisar de você.

E a anciã saiu do quarto levando a xícara vazia e fechando a porta do quarto atrás de si. No momento que Alcides acordou, Catarina chorava.

— O que aconteceu, minha querida? Por que está chorando? – perguntou Alcides.

— Você estava passando mal, suando muito, com febre... Com febre, não, mas suava muito e ficou desacordado.

— Como desacordado? Só dei um cochilo, não dormi na viagem e acordamos muito cedo.

— Não se lembra da senzala?... Não, deixa pra lá.

— Claro que me lembro da senzala. Passei mal com o calor, mas pra ser sincero fiquei muito angustiado.

— Viu alguma coisa?

— Como assim?

— Vulto, alguma pessoa?

— Vulto, amor? Claro que não. Que besteira é essa?

— Você não se lembrou de nada?

— Claro que sim – Alcides ficou sério. – Lembrei da nossa terra, das fotos que fiz, e não quiseram publicar, lembrei dos canaviais e dos engenheiros agrônomos e gerentes de usinas, verdadeiros capitães do mato. Vamos mudar de assunto, que este me irrita!

— É, você não foi, não. Ela tem razão, você ainda é! – e Catarina voltou a sorrir.

— Do que está falando, minha querida?

Os dois continuaram o restante daqueles dias em Ouro Preto, só que agora Catarina é quem queria ir aos barzinhos, nada de senzalas, igrejas ou grutas, nada que pudesse fazer lembrar o que o "sinhozinho" já tenha vivido...

Na última noite resolveram jantar e ficar no próprio bar do hotel. Iniciaram o jantar pelo aperitivo típico mineiro: a cachaça, um item maravilhoso envelhecido em umburana. O jantar estava delicioso! Com a partida de Alcides marcada para o dia seguinte, o que eles queriam era voltar para o quarto e passarem as últimas horas que tinham juntos. Beberam, dançaram e conversaram muito pouco, apenas se olhavam e namoravam. A atmosfera estava perfeita e as palavras eram desnecessárias. Deitados, ele percorreu o corpo dela como um lagarto explora o deserto, sentindo as partículas do ar em busca de sabores e prazeres. Cada centímetro parecia quilômetros de um mundo inesperado; e todas as descobertas, com o prazer da primeira vez, lindo, louco e apaixonante. Dava medo, mas era infinito o desejo e a necessidade de descoberta, como um sonho que se realiza. A satisfação de cada centímetro transformado em realidade era alucinante! E aquele momento tornava-se um sonho real e ao mesmo tempo inimaginável, em que duas pessoas conseguem parar o tempo, onde não há pensamentos e tudo se dissolve num universo etéreo e infinito! E o prazer funde os corpos num só sentimento.

Ela estava com a cabeça sobre o peito dele, ouvindo o palpitar do seu coração se acalmando e seu corpo lasso e esmorecido. E quando já se sentia morto. Sentiu as mãos dela a ressuscitá-lo e a reascender-lhe a vida; e assim ele pôde perceber que estava preso, entrando na mais bela prisão perpétua. Era um animal feroz que precisava ser condenado e enjaulado. Observava suas pálpebras abrindo e fechando; ela com seus belos lábios sorvendo a pureza da paixão vivida e tornando-o o mais vivo de todos os seres da Terra, ao tempo que o virava ao avesso, deixando agora o mundo preso e eles no momento mais pleno de felicidade, que é o amor.

CAPÍTULO XXV

Depois do tiroteio e, pior ainda, da negativa de renovação da interceptação telefônica, Francisco convocou todos da equipe para uma reunião no estacionamento em frente ao restaurante *Alpinus*, no parque da cidade. Francisco não gostava de reunir-se na delegacia. Agora teria que trabalhar no “velho” estilo, sem a tecnologia das escutas, o que na realidade era a preferência de todos da equipe, porém sabiam que o trabalho seria redobrado, mas redobrado também seria o prazer de trabalhar.

— Senhores, para quem ainda não sabe, a renovação de interceptação do Sérgio foi negada – Alcides começou a reunião.

— Que absurdo! – exclamou Henrique.

— Infelizmente essa é a realidade, mas veja pelo lado bom; ninguém tem mais que ficar trancado numa sala escutando essas merdas de conversas – disse Alcides.

— E vamos fazer o que gostamos – respondeu Henrique.

— Portanto, temos que repensar o planejamento. Alberto, você ainda tem contato com aquele informante gordinho, que mexe com pó e sintético? – perguntou Alcides.

— Aquele que você “pegou” a namorada dele? Tenho sim – e todos riram.

— Ah, bom! Não foi culpa minha, ela me ligou chorando, precisando de um ombro amigo – falou Alcides sorrindo. – Aí, fazer

o quê?

— Tudo bem. Estou brincando. Ligo pra ele amanhã – disse Alberto.

— Não, Alberto, ligo hoje mesmo depois da reunião – interveio Francisco. – Vamos ter que trabalhar muito mais agora, vamos ter que pegar vários compradores dele para deixar o flagrante bem “fechado”.

— Como já estamos vendo, vamos estar sós. Se não deixarmos o flagrante bem amarrado, será a desculpa que terão para não condená-lo – disse Heitor.

— Perfeito! – exclamou Francisco.

— Então vamos nos dividir em equipes de três para as campanhas. Eu, Pedro e Henrique. Fico responsável pelos fotos – falou Alcides.

— Então, na minha equipe Heitor fica responsável pelas fotos, eu e Alberto faremos a cobertura – disse Francisco. – Agora quero parabenizar a todos pela ação no posto. Só fiquei preocupado com uma coisa: o que houve com sua arma Heitor?

— O extrator não puxou o estojo e deu pane, mas sanei rápido.

— Já te falei! Essas armas da polícia não são confiáveis. Compre uma arma boa – brincou Francisco.

— Já que estamos aqui, podíamos tomar um chopinho no *Alpinus* – sugeriu Alcides, e todos concordaram.

Acordou numa ressaca enorme, mais o fato de ter sido negada a renovação da interceptação o deixou irritado e, portanto,

mais motivado a fazer um bom trabalho e “passar na cara” dos que negaram o pedido.

Seguiram Sérgio da Asa Norte até o Conjunto Nacional (*shopping*). Estacionou no subsolo e subiu para o terceiro piso. Na escada rolante olhou para trás e Henrique pensou ter sido percebido, sinalizando para Pedro substituí-lo. Alcides subira correndo pela escada normal, para fotografar Sérgio. Em frente a uma loja de eletrônicos, Sérgio fez contato com um homem de cabelos grisalhos e terno bem alinhado. Conversaram um pouco e Sérgio entregou-lhe uma caixa que tirou de sua mochila, recebendo algo em troca. Alcides fotografou a ação. Resolveram seguir prioritariamente o homem de terno. Sérgio descera para garagem e o homem fora para a praça de alimentação, onde sentou em um café. Pediu um e colocou a caixa na sua pasta. Parecia ser uma caixa de celular, o que deixou os policiais em dúvida sobre como abordá-lo. Passado algum tempo o homem se deslocou em direção ao estacionamento. Entrou no carro, abriu a pasta e verificou o conteúdo dela. Resolveram abordá-lo, antes que ele ligasse o carro. Estavam longe das viaturas e poderiam perdê-lo.

A abordagem foi um pouco tumultuada, pois o suspeito se negou a sair do carro, tendo que ser retirado à força, alegando ser autoridade e apresentando uma carteira do juizado de menores. O que não impediu os policiais de realizarem uma busca. Eles encontraram, no interior da caixa de celular, uma boa quantidade de cocaína. Momento em que lhe foi dada voz de prisão, antes da equipe conduzi-lo à delegacia. Pronto! Primeiro comprador do Sérgio preso à moda antiga. O cerco se iniciara.

Alcides sugeriu não relacionar, neste momento, a prisão a Sérgio para não despertar interesse dos amigos dele nos círculos envolvidos. Quando prendessem Sérgio, os flagrantes e suas respectivas fotos seriam anexados ao inquérito.

Depois que o pedido de renovação da interceptação telefônica foi indeferido pela justiça, o delegado José Pipoca convocou uma reunião para saber o que estava acontecendo.

— Como diabos vocês iniciam uma investigação sobre o filho do ministro, e eu não fico sabendo? – disse, irritado, Zé Pipoca.

— Ora! Não sabíamos que o senhor não estava sabendo – ironizou Alcides.

— Quem requisitou essa interceptação foi o Dr. Paulo Feitosa, que nem trabalha mais aqui – disse o delegado.

— É verdade, mas ele fez esse pedido antes do senhor mandá-lo embora. Achamos que o senhor estava sabendo – ironizou Alcides.

— É... Mas...

— O senhor não sabia? Não acredito! – exclamou Alcides, irritando ainda mais o delegado com sua ironia. – Além do mais o pedido de renovação foi feito pelo seu assistente. Não entendo como o senhor não fica sabendo das coisas.

— Tá bom! Acabou a reunião. A partir de agora toda investigação importante quero ser o primeiro a saber.

— Oxente, doutor! Pra mim toda prisão de traficante é importante – disse Alcides.

— Pode ir embora e chama o Francisco, que quero falar com ele.

Alcides chamou Francisco, informando-o que o “bicho” estava brabo e que tinha se feito de “besta”. Francisco falou que confirmaria a versão de Alcides e que era para continuar a investigação em segredo.

CAPÍTULO XXVI

Em Maceió, Henry foi buscá-lo no aeroporto. Estava com uma expressão de preocupação. Perguntou se Alcides estava cansado, se não poderia acompanhá-lo numa cervejinha. Precisavam conversar. Alcides ficou apreensivo, mas Henry o tranquilizou, não era nada sério. Resolveram comer no restaurante *Divina Gula*. Alcides gostava de comer picanha na chapa, servida com arroz, farinha, vinagre e legumes refogados na manteiga, e é claro uma boa pimenta, produzida no próprio restaurante.

— Precisamos falar sobre duas coisas, mas acho que uma resolve a outra – disse Henry.

— Meu amigo, você está me deixando preocupado.

— Mas, é sério, vamos começar pela solução. Você vai pra Cuba mês que vem.

— Como? Você está maluco! Tenho que terminar aquelas fotos que contratei com a revista – exclamou Alcides.

— Já acertei tudo, vou terminar o trabalho pra você. E Cuba, não tem como adiar. São dois ou três meses e você volta.

— Tudo bem. Essa é a solução e qual o problema?

— Maria Clara!

— O que houve com ela?!

— Está apaixonada por você, e tá sofrendo muito. Consegui um estágio pra ela e ela perdeu, e depois eu soube que era porque ela vive na sua casa. Isto não é bom pra carreira dela.

— Eu não sabia que ela estava faltando. Vou conversar com ela.

— Porra, tu não gosta de Catarina! Então por que não deixa a Clara?

— Oxente! Não foi você mesmo que me apresentou a menina?

— É, mas era só pra ficar, não era pra namorar e deixar a menina apaixonada.

— Meu amigo, você sabe que não quis que isso acontecesse. Não foi minha intenção.

— Doutor, eu sou danado, mas você... Cara, tu ama a Catarina e está namorando a Clara, não entendo!

— Henry, amo realmente a Catarina, mas a Clara é tão linda! Aquela pele macia, sorriso solto, alegre e jovem. Realmente não sei explicar. Mesmo amando não resisto à beleza feminina.

Eu também, mas namorar... É foda!

— Mas ela sempre soube de Catarina. Nunca a enganei.

— E Catarina? Não a engana?

— É diferente! Com ela eu quero ficar toda a minha vida. Não é um caso passageiro. E como vou explicar pra uma mulher, que nós homens não somos fiéis?

— Tem homem que é.

— Qual é, Henry! Tu sabes que isso é mais raro que mico-leão-dourado – disse sorrindo.

— Então me promete uma coisa: falar pra Clara viver a vida dela. Sair com as meninas, conhecer outras pessoas, etc.

— Tá louco?! Vou mandar a mulher procurar homem? Nem em sonho faço isso. Mas vou falar pra ela que quando voltar de Cuba vou embora morar com Catarina. Pra ela pensar nisso.

— Tá bom! Já serve, agora vou ligar pra ela e pra minha “negona” pra virem pra cá. Clara tá louca pra te ver.

— Tu é foda, né! Esta conversa toda pra ligar pra elas – e ambos sorriram.

As meninas chegaram. Clara estava linda! Com sorriso e jovialidade que sempre a acompanhava. Não tinha como resistir àqueles olhos azuis e pele alva; era isso que o encantava. Alcides chamou o gerente.

— Zeca, meu uísque! Por favor!

A noite foi prazerosa e divertida, e mais uma vez Alcides ficou com o carro de Henry, indo pra casa com Clara. Fizeram amor como nunca. Ela estava radiante e feliz. E ele, que antes estava apreensivo pela viagem, agora se mostrava feliz. Clara o fizera esquecer tudo, e a viver somente aquele momento de prazer e desejo. Acordou! Ela já estava desperta, sentada na cama e olhando ele dormir. Tomaram café e foram à praia. A Pajuçara estava como sempre, calma e serena. Sua linda enseada cortada por jangadas rumo à piscina natural de pedras e águas mornas. Crianças soltavam pipas e jogavam bola. Mas, como era dia de semana, a praia estava vazia, só com algumas crianças filhas de pescadores e jangadeiros. Levaram também algumas cervejas em um reservatório térmico, beberam algumas e foram nadar. Na volta pararam com a água na altura do peito. O sol deixava seus olhos ainda mais azuis e os de Alcides de um verde azulado. Mas, apesar da claridade, não usavam óculos escuros. O sol, a cerveja, a água salgada os excitavam. Ela envolveu os braços ao seu pescoço,

enquanto ele abraçou sua cintura. Os beijos e carícias levaram a um forte impulso de se amarem e só bastou ele afastar o biquíni dela para se amarem sob o sol nas mornas águas de Pajuçara.

CAPÍTULO XXVII

Depois de um ano de adaptação, os três amigos haviam se mudado de Taguatinga para o Sudoeste. Mesmo José não estando trabalhando na mesma delegacia com Pedro e Alcides, o contato entre eles continuava. Era final de tarde quando a campainha do apartamento de Alcides tocou. Era Pedro que chegara de uma audiência na justiça e o convidava para uma cervejinha. Na verdade, já havia combinado com José, que só poderia ir depois das 18h. Decidiram então esperar por José lá no bar. Pedro abriu a geladeira, pegou uma cerveja, enquanto Alcides se arrumava.

Foram então a um barzinho chamado Fausto & Manoel, no Sudoeste. Era um bairro novo, como também a grande maioria dos moradores, na maior parte, vindos de outros estados. Ainda estava vazio, mas as pessoas começavam a chegar direto do trabalho, para uma cervejinha antes de voltarem para casa.

— Como foi a audiência? – perguntou Alcides.

— Como sempre, repetir as mesmas coisas que falamos no inquérito – respondeu Pedro.

— Mas ô advogado burro da peste! Foi aquele flagrante em que achei a droga no carro, no Setor Bancário Sul, lembra?

— Claro! O do Chevette dourado, com 1kg de pó – respondeu Alcides.

— É este mesmo.

— Lembro sim, ele te ofereceu vinte mil reais, e que venderia o um quilo e te daria a metade da grana – riu Alcides. – O otário se lascou!

— Pois é, o Mané do advogado perguntou por que não fiz a busca com testemunha do povo.

— E tu respondeste o quê?

— Respondi que foi porque a lei não exige testemunhas para buscas em carros. Alcides, até o juiz riu.

— Pedro, não olha agora, mas acho que a Renata está chegando.

— Que Renata? – perguntou Pedro.

— A Renata do corno do Marques.

— Depois daquilo que aconteceu com vocês, não fui mais às reuniões.

— Eu também. Soube que ela pegou a mulher daquele médico.

$\frac{3}{4}$ É, fiquei sabendo também.

Elas sentaram numa mesa atrás de Alcides, mas quando viu Pedro, levantou e foi cumprimentá-lo. Estava de calça jeans baixa e uma blusa solta com as costas nuas e bem decotada.

— Boa tarde! – disse Renata.

— Boa tarde, Renata – respondeu Pedro.

— Oi, Alcides, não havia visto você.

— Oi, Renata – Alcides levantou-se para cumprimentá-la. – Como você está? – perguntou.

— Estou ótima! Vocês estão esperando alguém? Estou com uma amiga, podemos sentar com vocês?

— Claro! – respondeu Pedro.

Renata foi à mesa e conversou com a amiga, sorriram, pegaram as bebidas e foram para a mesa dos dois rapazes.

— Esta é Sabrina. Estes são Alcides e Pedro.

— Muito prazer, Sabrina – disse Pedro e ambos se levantaram para cumprimentá-la.

— Vamos sentar – convidou Alcides.

Sabrina era uma morena de cabelos longos e negros, olhos pequenos e puxados. Cintura fina e seios pequenos. Estava de calças e blusa pretas. Eram duas mulheres muito bonitas, e atraentes.

Conversaram sobre o fim das reuniões. Renata disse que, depois da sua separação também deixou de participar, mas que ainda mantinha contatos com a esposa do médico. Tinham ficado amigas e sempre se encontravam. Reclamou que tinha ligado para Alcides algumas vezes, mas que ele não retornou suas ligações. Ele falou que estava trabalhando muito e com pouco tempo. Mas que estava muito feliz em revê-la.

— Nós podíamos sair um pouco e deixarmos Sabrina e Pedro a sós – propôs Renata discretamente.

— Claro! Podemos beber algo no balcão.

O restaurante era amplo e nos fins de semanas abria uma pequena loja de apoio, onde havia um balcão, depois um salão e, no final deste, dois banheiros separados por um lavabo. Quando chegaram ao local, Renata pegou na mão de Alcides e o levou até o final do salão.

— Quero te mostrar uma coisa. Vem comigo! – disse Renata.

Quando chegaram ao lavabo, ela abriu a porta do banheiro feminino e puxou Alcides. Entraram e ela trancou a porta, encostou-se à parede e ajoelhou-se em frente dele, abriu seu zíper e começou a sorvê-lo. Colocou os cabelos para trás e olhou para ele fazia movimentos rápidos. Em seguida tirou a roupa e ficou totalmente nua, mas não permitiu que Alcides fizesse nada.

— Quero continuar te beijando, e sentir escorrer quentinho na minha boca – afirmou Renata.

— Alguém pode estar esperando na porta, você é louca!? – exclamou Alcides.

— Não se preocupe, Sabrina resolve se chegar alguém.

Continuou até satisfazê-la. Quando saiu do banheiro, Sabrina estava na porta. Sorriu e disse que teve de dispensar só uma menina, que queria ir ao banheiro, falando que já estava esperando a um bom tempo e seria melhor ela ir ao banheiro principal do restaurante.

Quando voltou à mesa, Pedro disse que José ligou e não viria mais. Beberam, comeram algo e foram os quatro para o apartamento de Renata.

CAPÍTULO XXVIII

A chegada em Cuba foi surpreendente. Alcides nunca imaginou que encontraria tanta gente viajando àquele país, entrou na fila para carimbar o passaporte. Em princípio, achou um pouco estranho o fato de a policial não carimbar direto o documento: carimbou um papel e grampeou onde deveria ser marcado. Curioso, perguntou à policial qual o motivo de não carimbar direto no passaporte; ela explicou que com o passaporte carimbado, o portador ficaria impedido de entrar nos Estados Unidos. Em seguida, pegou um ônibus com vários turistas rumo ao seu hotel. No caminho foram advertidos que praticamente em todos os locais era permitido o uso de cigarros e charutos, e que esta permissão não era problema, já que aquele era o País tinha o melhor sistema de saúde do mundo (falou em tom de brincadeira o guia). E todos sorriram, ávidos pelos maravilhosos charutos produzidos naquela ilha. Alcides sabia que, de todas as categorias de charutos, pelo menos os dez melhores eram cubanos, *los puros*.

Ficaria hospedado no *Mercure Sevilha*, hotel do início do século XX, e que, no período pré-revolução socialista, pertencia a mafiosos americanos, que faziam de Cuba, à época, um clube particular, um local de festas e orgias. À entrada do hotel, um alto arco central, seguido por uma escadaria de arquitetura moura. Um grande salão após a escada e em frente um comprido balcão com a recepção. À esquerda da entrada, uma porta que dava para um dos restaurantes e, à direita, outro salão com sofás onde hóspedes conversavam. Ao lado do balcão da recepção, uma área descoberta, onde funcionava um bar com cadeiras de ferro e madeira. Na parede do fundo, uma escultura de mulher, ladeada por duas

colunas e uma piscina de azulejos azuis. Alcides registrou-se e se dirigiu ao quarto, um segurança o acompanhou para mostrar-lhe o caminho do elevador. Falando-lhe em voz baixa e sigilosa:

—*¿te gustan los puros?*

— *Por supuesto sí.*

E combinaram como seria feita a compra. Ficou evidente, pela forma como conversaram, que não seria uma venda “oficial”. Quando desceu para efetuar a compra, o rapaz explicou-lhe que eles tinham uma cota de charutos por mês, e que aproveitavam para vendê-los e ter um dinheiro a mais. Alcides aproveitou para perguntar como chegar a ***La Bodeguita Del Medio***. Voltou ao quarto, pois estava muito quente. Tomou um banho e saiu para beber alguma coisa. Só faria contato sobre o trabalho, na manhã seguinte.

O hotel ficava na *calle Trocadero*, por sinal muito bem localizado. Para chegar a *La Bodeguita Del Medio*, seguiu a *Trocadero*, passando em frente ao Museu Nacional de Belas Artes de Havana. A seguir, pegou a *calle Tejadilo* e seguiu por seis ou sete ruas até chegar à lateral da Catedral, entrando pela direita, que dava na Praça da Catedral. E à direita, novamente já era a *calle Empedrado*, onde se localizava *La Bodeguita*, que recebera este nome, *Del Medio*, justamente por se localizar entre as duas esquinas, bem ao meio. Era um bar pequeno, com duas portas de rolos: a do lado direito, com uma grade de madeira escura, separava o pequeno salão da rua; a segunda dava para um corredor que passava por trás do balcão de madeira escura, em formato de “L” invertido, onde eram preparados e servidos os magníficos *mojitos*, bebida típica cubana à base de Run. O bar ficava na parte interna do balcão, separando-o do restaurante ao fundo. Alcides sentou num banco no ângulo interno do L do balcão. Foi atendido por um simpático e sereno barman. Pediu um *mojito* e um charuto, Montecristo n.º 4, seu predileto. Logo a conversa

passou a ser sobre o seu mais famoso cliente: Ernest Hemingway, escritor norte-americano que morou por muito tempo na Ilha. A partir do terceiro *mojito*, Kiki, o barman, já não cobrava o pagamento imediato de cada *mojito*, como de costume. Alcides, já era possuidor de uma conta aberta, criara amizade com Kiki. Não demorou em passar para o lado interno do balcão para ser fotografado junto aos garçons. Havia planejado tomar algumas doses e jantar no restaurante *El Floridita*, porém a música, os *mojitos* e o bom papo o fez desistir. E resolvera comer ali mesmo. Por sugestão de Kiki, pediu carne de porco, com arroz e lentilha. Por trás do balcão havia um corredor que ligava a porta de entrada ao restaurante, mas Kiki o serviu no balcão mesmo. Grandes pedaços de carne de porco, escura e bem cozida, as lentilhas misturadas ao arroz, deixando-o também escuro. Prato típico crioulo, muito saboroso e bem temperado. Uma noite maravilhosa!

Acordou cedo e foi ao encontro do coordenador do projeto em que trabalharia. Era um sujeito magro, alto, de cabelos brancos. Explicou como seria e qual o cronograma. Pela manhã o pegaria no hotel e o levaria aos locais de trabalho. Em caso de viagem, avisaria um dia antes. E assim era sua rotina: pela manhã e à tarde trabalho; almoçava sempre onde estava fotografando. À noite, nos bares de Havana, preferencialmente *El Floridita* e *La Bodeguita Del Medio*.

Encostado ao balcão e bebendo um daiquiri no *El Floridita*, aguardava pelo jantar. Quando chegou Raul, um médico que havia conhecido em um dos hospitais que fotografou. Baixo, cabelos curtos e pele morena, aparentando uns 30 anos. Conversaram sobre música, futebol e sobre política, sobre o grande prejuízo que o bloqueio americano causava a Cuba.

— *Ocho horas de bloqueo equivalen a los materiales para reparar 40 circuitos infantiles* – disse Raul indignado.

Era um cubano apaixonado, trabalhador, boêmio e demonstrava ser um bom amigo. Alcides estava sentado de costas para a escultura do escritor Ernest Hemingway, que havia no bar, de frente para a porta de entrada, quando viu a porta do restaurante se abrir e uma mulher se dirigir em direção a eles. Raul estava no banco em frente a Alcides e de

lado para a porta, mas percebeu quando Alcides olhou para a entrada e virou-se para ver o que era.

— *Hola!* Você veio! – exclamou o médico.

— *Sí,* á noite está muito quente e não deixaria de me refrescar com um daiquiri, Papa Hemingway, bem gelado – respondeu a sorridente *chica*.

— Ah! Esta é Yanny Hernandez. Yanny, este é Alcides Teixeira – apresentou-lhes o médico.

— Encantado! – disse Alcides, levantando-se e estendendo a mão para cumprimentá-la.

— É um prazer. Raul falou que você é brasileiro.

— É, sou. Estou aqui trabalhando num projeto fotográfico. – E pensou: “o Raul falou sobre mim, ou de mim?! Não, ele é boa praça, deve ter falado sobre mim.” – E você? O que faz?

— Yanny é médica do Panamá, está conosco fazendo um curso – respondeu Raul.

— E você, Alcides, que projeto é esse em que trabalha? – perguntou Yanny.

— Estou trabalhando para a Internacional Socialista, fotografando escolas e hospitais cubanos, com objetivo de divulgar os pontos fortes do socialismo. Na realidade enaltecer esses aspectos.

— De fato, nós que somos estrangeiros sabemos o quanto sofremos com nosso sistema de educação e saúde. – falou Yanny – Acredito que no Brasil também sofram com esses problemas.

— Sim, temos problemas gravíssimos nessas áreas. – disse Alcides.

Alcides pediu mais três daiquiris. A espuma na borda, os minúsculos cristais de gelados os refrescavam no forte calor cubano, apesar do ar condicionado do *El Floridita*. Enquanto Raul e Yanny conversavam sobre o trabalho no hospital, Alcides observava aquela linda morena, quase negra, pequenos olhos verdes e “puxados” como de uma índia, cabelos negros abaixo dos ombros, que estavam presos por uma tiara, boca grande sempre com um belo sorriso. Era uma mulher alta, seios médios e rijos, pernas grossas e quadris largos. Ele pode perceber, pois Yanny estava de vestido, acima dos joelhos, deixando à mostra suas coxas, e colado ao corpo. Podia-se vislumbrar seu admirável monumento físico.

Deixaram o balcão e foram para o restaurante. Para jantar, Alcides pedira *Gran plato Hemingway*; um prato que combina os sabores da lagosta, camarão e peixe. Um prato com altos valores proteicos, inspirado no gosto de Hemingway, que adorava frutos do mar. Mas Alcides não perdera a oportunidade de brincar com Yanny, dizendo que escolhera o prato para homenageá-la. Ela perguntara, sem entender, o porquê, e ele explicou que o prato havia sido criado pelo mestre da cozinha Silvino Hernandez. E, em tom de brincadeira, perguntou:

— Não é seu primo?

— Sí, *sí como no!* – sorriu Yanny.

— Vou me manter na inspiração “hemingwayniana”, mas vou pedir *Papa & Mary*^[13]. E você, Yanny?

— *Yo también* – respondeu a jovem médica.

O jantar estava delicioso e, após, Alcides sugeriu voltarem ao “velho” balcão de mogno, para tomarem um último daiquiri. Mas já era tarde e Raul achou por bem encerrarem a noite, pois tinha que trabalhar no dia seguinte. Pediram a conta e Alcides não aceitou dividi-la, era um honra para ele pagar aquele jantar, alegre

e inesperado. Raul se ofereceu para levá-lo ao hotel. Alcides agradeceu, mas falou que gostaria de caminhar um pouco. Então, em frente ao *El Floridita*, os três se despediram. Yanny foi com Raul e Alcides seguiu a pé pela *Avenida de las Misiones* até a esquina com *Trocadero*, onde dobrou à esquerda e, passando pelo Museu de Belas Artes de Havana, chegou ao *Sevilla*. Antes de subir ao seu quarto, bebeu um *mojito* no bar do hotel, ambiente muito agradável.

CAPÍTULO XXIX

Depois da reunião com José Pipoca, ficou claro que o sistema não queria o filho do ministro preso. Eles tinham que dar um jeito de enganar o sistema. E como? A única forma era a pura investigação policial, sem juízes, delegados e promotores. Só o policial e o crime, ou o criminoso e, é claro, se o sistema não aceitar o resultado, a imprensa. Alcides já havia sido jornalista e sabia que uma foto incriminadora de alguém importante sempre era bem-vinda para a imprensa. Então, se o sistema corrupto não resolvesse, um bom e velho “vazamento” resolveria.

Oficialmente a investigação sobre o filho do ministro foi encerrada. Fariam tudo às escondidas. Toda prisão relacionada ao caso não seria relacionada, só no final da investigação as fotos, os termos de declaração seriam juntados. Mas era evidente que o trabalho seria ainda maior do que já estava sendo. Pois teriam que continuar com o caso e manter a estatística de prisões, para que o delegado não notasse que continuavam com o caso do Sérgio Camaral.

Com as campanas já realizadas, perceberam a rotina de Sérgio. Ele sempre traficava a partir do horário do almoço, à tarde e à noite. Notaram também que sempre passava na quitinete da Asa Norte, ou seja, provavelmente era lá que ele guardava a maior parte da droga. Seguiram-no da quitinete ao Lago Sul, em um restaurante no Gilberto Salomão, e ali esperou. Logo depois chegou um casal de jovens em um BMW; o jovem desceu e foi ao encontro dele. Conversaram um pouco e Sérgio entregou-lhe algo e recebeu algumas notas de dinheiro, que foram visualizadas e fotografadas por Alcides. Logo, quando viu o carro parar, pediu apoio das outras

equipes e da moto para segui-los, mas tinha que atrasar a saída do comprador, até as equipes chegarem. Então Henrique resolvera estacionar atrás do BMW, impedindo-o de sair. Deixou o carro e entrou rapidamente no restaurante. O jovem ficou furioso, mas não viu Henrique entrar. Buzinou, reclamou e nada. Quando Heitor chegou com a moto, Henrique voltou para tirar o carro. Sérgio já havia ido embora, mas o comprador não poderia. O jovem teve uma breve discussão com Henrique antes de sair, sendo seguido por Heitor na moto, que tinha a vantagem de não ter que reduzir nos radares, podendo assim segui-lo. Parou num restaurante no Pontão, na beira do lago Paranoá, onde jovens da classe alta se encontram. Heitor aguardou a chegada das equipes e fizeram a abordagem do casal no barzinho do restaurante.

Alcides se identificou como policial da Delegacia de Roubos e Furtos de Veículos, e perguntou se o jovem era o dono do BMW e que este constava como roubado e que precisaria verificar o carro. O jovem o acompanhou e, quando chegaram ao automóvel, Alcides disse a verdade, informando-lhe que só queria a droga, mas o jovem negou a compra. Então a conversa começou a esquentar. Muito nervoso, o jovem suava e se mostrava muito agitado, para um simples usuário. Determinaram a abertura do veículo e, mesmo diante da recusa, os policiais o abriram. E para surpresa geral, logo no console foram encontrados, em saco plástico, com cem comprimidos de *ecstasy*. Por isso, o nervosismo do jovem. Ele sabia que a sua situação não era de usuário, mas sim de traficante. Dois policiais foram buscar a namorada do jovem e ambos conduzidos à delegacia. Lá, a jovem falou que seu namorado havia comprado o *ecstasy* para levar a uma festa *rave* que ocorreria em Alto Paraíso, no Estado do Goiás. E melhor, confessaram ter comprado do tal Sérgio, informando ainda as características físicas dele, local e hora da compra. Esse depoimento associado às fotos tiradas pela equipe seria uma prova irrefutável.

No dia seguinte, Alcides resolvera campaná-lo na casa. Para verificar se existia a possibilidade de ter droga também em sua

casa. No fim da manhã, um táxi para em frente à casa de Sérgio. Ele sai com uma mala, entra no táxi e, seguido por Alcides, vai com destino ao aeroporto. Após o *Check in*, Alcides foi à atendente e tentou descobrir o destino, mas mesmo se identificando não conseguiu a informação. Solicitou a presença do supervisor e este o informou que o destino de Sérgio era Amsterdam, na Holanda.

CAPÍTULO XXX

Era uma sexta-feira. Acabara de jantar no *El Floridita* e sentara ao lado da escultura do velho Hemingway, para beber um último daiquiri, quando Yanny chegou. Estava acompanhada de Raul.

— *Hola!* – falou Yanny. – Como tem passado?

— Bem, muito bem. Fora o calor, está tudo perfeito – respondeu Alcides, levantando-se para cumprimentar com um abraço seu amigo Raul e dar beijinhos em Yanny.

— Chegamos tarde. Temíamos não mais encontrá-lo aqui – falou Raul.

— De fato já estava pronto para ir a *La Bodeguita*, mas podemos continuar. Vocês já jantaram? – perguntou Alcides.

— Sim, jantamos, mas podemos aguardar enquanto você janta e iremos juntos – disse Yanny.

— Então já podemos ir, acabei de jantar. Não sabia que vocês viriam.

— Então podemos ir, estou louca para dançar e beber *mojitos* – falou Yanny.

Alcides pagou a conta e juntos saíram a pé. Raul não estava de carro naquela noite. Yanny deu os braços aos dois. Alcides à direita e Raul ao braço esquerdo de Yanny.

Quando chegaram a *La Bodeguita Del Medio*, estava cantando o quinteto *Aeroson*, conhecidos de Alcides. Após terminarem a música fizeram um intervalo para cumprimentá-lo. Estava cheio e só um lugar vazio no balcão, onde naturalmente sentou Yanny, ficando os rapazes próximos, aguardando lugar. Kiki já o cumprimentou e, como bom barman que conhece o pedido dos clientes, serviu-lhe um *mojito*. Alcides informou a Kiki que Raul e Yanny estavam com ele e que colocasse as bebidas na sua conta.

Uma coisa que impressionava Alcides era que, em praticamente todos os bares de Cuba, havia música ao vivo, e não apenas nos bares turísticos. A bela música cubana, que não deixava ninguém parado, até mesmo um casal de alemães, que são normalmente reservados, sucumbiu ao fascínio do ritmo cubano. Um tanto desengonçados, mas dançavam animados. Raul pegou uma italiana pela cintura e a levou a bailar. Que beleza de espetáculo! Raul quando dançava, todos paravam para olhar. Assim que pararam, Yanny convidou Alcides.

— Logo agora depois de Raul, Yanny? – perguntou Alcides.

— Por que não?

— Ora, depois deste show que Raul deu.

— Vamos! – disse Yanny.

Ele aceitou e começaram a dançar. Para a felicidade de Alcides o pequeno salão já havia várias pessoas dançando, o que diminuiu seu acanhamento. Até que a música ficou mais compassada e eles dançavam com seus corpos suados e colados, enquanto se olhavam e se admiravam. Ele segurava a cintura dela ao passo que ela se mexia em movimentos sensuais e por muito pouco não se beijaram. De volta ao balcão, ele não sabia se os *mojitos* o refrescavam ou o esquentavam mais. Acendeu um Cohiba Siglo II, e pediu uma cerveja *Cristal*. Raul bebia *Bucanero* e Yanny continuou no *mojito*. Bebeu a cerveja, que o refrescou um pouco, e

voltou ao bom e velho *mojito*. Eles ficaram ali até o bar fechar. E fechou: as portas baixaram e Raul perguntou:

— Não vai embora, rapaz?

— Ora, meu caro Raul, amanhã é sábado e não vou trabalhar. Além do mais, sou sempre o último a *deixar* o barco, como todo bom capitão deve fazer, mas, como não sou capitão, sou o último a deixar o bar. Entretanto, antes de me tornar inoportuno, Kiki me avisa.

— Então, até logo, Capitão Boêmio! Cuida da minha amiga.

Não beberam mais *mojitos*, pois o bar estava sendo arrumado. Beberam mais algumas cervejas e saíram juntos com os garçons do bar. Yanny também não trabalharia no dia seguinte, então aceitou o convite de Alcides para passear na praia, nas calçadas do *Malecón*. Caminhando de mãos dadas pela calçada, eles falavam de Cuba, Panamá, Brasil, de suas culturas e de seus sonhos. A noite agora estava fresca e o mar forte; quando pensaram em sentar-se, uma onda bateu na muralha de concreto que protege a cidade das fortes marés e os molhou. Mas naquela noite tudo era graça, sorriram e correram para se proteger da próxima onda. Já era muito tarde e Yanny precisava ir embora. Alcides parou um táxi e a levou para casa. Yanny não o convidou para entrar, e ele a deixou na porta. Enquanto o táxi o esperava, se despediram com um aperto de mão e beijo na face.

CAPÍTULO XXXI

Seu celular tocou por volta das cinco da madrugada, e era aquela musiquinha irritante de ligação a cobrar. Alcides atendeu: era o "Careca", um informante que estava "virado", passara a noite inteira bebendo e se drogando. Tinha conhecido um traficante e estava ansioso para "entregá-lo", mas precisaria que Alcides se infiltrasse. "Precisava ligar àquela hora para falar isso?" – pensou Alcides. Disse que ligaria para ele à tarde, quando este estivesse sem o efeito da droga e desligou. Eram comuns essas ligações de informantes, às vezes por brigas, paranoia de perseguição causada pelo consumo de drogas e até mesmo para se livrarem de pequenas prisões. Nesses casos tinha que levantar e ir ao local conversar com os colegas policiais e saber se era algo grave e se dava para "aliviar", não sem antes o informante prometer um "serviço" para os policiais que o prenderam. Outras vezes, quando os policiais conheciam Alcides, o problema era resolvido por telefone.

À tarde, quando ligou, quem estava dormindo era o informante, mas Alcides insistiu e pensou: "Agora vou acordar esse filho da puta pra ele ver como é bom!" Alcides gostava de trabalhar com informantes. Na realidade era da geração de policiais que sabem que, no mundo todo, essa pratica é fundamental para investigadores, mas não criava amizade e nem tinha muita paciência com eles. Só cobrava as informações prometidas. Finalmente, depois de aproximadamente uma hora, ele atendeu, e Alcides, Heitor e Alberto foram encontrá-lo.

A perspectiva do "serviço" era boa, pela "fala" que "Careca" teve com o traficante. A droga não era para "Careca", era para o seu "barão", expressão usada para traficantes maiores. E este

“barão” seria Alcides. O traficante queria conhecer o “barão” na área dele. Alcides questionou onde era a área do traficante, sendo informado que era Ceilândia Norte. Nesses casos de infiltrações, a equipe sempre comunicava a Francisco. Alcides ligou para ele e, enquanto falava com Francisco, “Careca” ligava para o traficante de nome Moisés. Francisco falou que estava indo se encontrar com eles para apoiá-los. Em caso de infiltração, a cobertura do policial infiltrado era prioridade. Francisco chamou toda a seção. Ainda enquanto falava com o chefe, “Careca” informou que Moisés marcara para o dia seguinte pela manhã, na 3 de Ceilândia Norte. Alcides havia interrompido a conversa com Francisco para ouvir “Careca”, voltando a falar e informando que havia marcado para o dia seguinte e explicaria tudo na delegacia.

Na delegacia, explicou para Francisco que o primeiro encontro seria para Moisés conhecer Alcides, que seria apresentado por “Careca” como sendo um bancário de nome “Rubens”, recém-chegado do Nordeste, para justificar o sotaque forte de Alcides. Havia trazido maconha do Nordeste e vendido para alguns colegas do banco, e estes encomendaram mais, porém “Rubens” não tinha fornecedor em Brasília. A história cobertura estava boa e no mais era não dar muita conversa. Precisaria de um policial de moto, caso o local fosse mudado inesperadamente, como era muito comum. Na realidade era o que sempre acontecia, tanto que a seção tinha até um refrão: “a gente combina tudo certinho e, na hora, mudou tudo, moleque, mudou tudo”. Era simples. Como sempre, Heitor fazia este papel, mas dessa vez seria diferente. Francisco queria testar um membro novo da equipe: um sujeito moreno, cabelos meio grisalhos, que tinha mesmo um bom perfil para transitar despercebido pela Ceilândia. Se colocasse um jaleco de pinhão, ficaria um genuíno pintor de parede.

As equipes se posicionaram muito antes do horário combinado. “Rubens” deixou para chegar um pouco atrasado, para que as equipes pudessem observar a movimentação de Moisés, que seria identificado pelas características passadas pelo informante.

Alcides foi informado que ele já estava no local, um bar na entrada da QNN 3. "Rubens" chegou acompanhado do "Careca". Quando o trabalho exigia maior discrição, Alcides usava sua Glock G27, que era sua arma de apoio, por ser sub-compacta, pequena, leve e confortável, no mesmo calibre da G22 .40 S & W e com uma boa capacidade de tiro, nove munições no carregador, mais uma na câmara. Com a vantagem de poder também usar carregadores de maior capacidade, que Alcides guardava num porta-carregador de tornozelo. Moisés estava sentado à mesa e os aguardava.

— Porra, "Careca"! No primeiro encontro já vai chegando atrasado! – reclamou Moisés.

— *Qualé*, mano! Pegamos um trânsito do caralho! – disse "Careca" com sotaque de "mala" de periferia.

— Ah, vai se foder! Vamos ao que interessa. Este é seu "barão"? Tem cara de "barão" não, tem cara de professor – e Moisés estendeu a mão para cumprimentar Alcides.

— Não tenho as "manhas" de andar em Brasília ainda – falou Alcides.

— Brasília, não, mano, aqui é satélite. Aqui só vem quem tem negócio e conheço todo mundo na minha área. Mas me fala uma coisa, você faz o quê? – perguntou Moisés.

— Sou bancário – respondeu secamente Alcides.

— E trabalha onde?

— Num banco! TÁ ME TIRANDO, BICHO? – aumentou o tom de voz Alcides, não podia deixar o cara intimidá-lo.

— *Qualé*, meu irmão, tá nervoso? – perguntou o traficante.

— Tô não! Mas que papo é este de querer saber da minha vida? Tô aqui pra fazer negócio, e não pra dar entrevista. Tu não falou que é tua área e aqui tu manda, e sabe de tudo? Então que porra é essa de desconfiança?

— É! Conheço mesmo. Vamos à "fala". Quanto você quer?

— Tua "parada" vem de onde? Nordeste ou Paraguai? – perguntou Alcides e continuou. – A que vendi pro pessoal do banco era do Nordeste, coisa fina!

— Do Nordeste tenho não, só sob encomenda. A que tenho agora é do "paragua", mas garanto que é da boa.

— Quanto é o quilo?

— Oitocentos reais

— Tá louco? Acha que tô comprando pra fumar? Tu paga trinta, quarenta reais no Paraguai e quer vender por oitocentas *pilas*?

— Mas você quer quanto?

— Quero cinco quilos.

— Espera aí – levantou e se afastou da mesa, fez uma ligação e voltou. – Pra agora não tenho os cinco não, mas amanhã tenho o peso que você quiser.

— Mas como vou comprar um peso grande sem conhecer a mercadoria? Quanto tem pra agora? – Alcides pensou: "Este bicho pode ser o maior embuste, além do que pode tá armando uma 'casinha' pra mim. Vou tentar pegá-lo hoje e, ai, negociarmos pra ele passar a alguém ou ficar preso mesmo".

— Posso te arrumar um quilo.

— Beleza, mas só pago quinhentos reais.

— Porra! Quinhentos não dá. Vamos fazer o seguinte, seiscentos no quilo de hoje e quinhentos dependendo do peso que você quiser amanhã.

— Traz esta porra por seiscentos hoje, amanhã, se for boa, vou querer dez quilos, mas a quatrocentos e cinquenta. Beleza?

— Porra, quatrocentos é foda! Espera um pouco que vou fazer uma ligação. – se afastou e fez a ligação. – Tudo certo!

— Não tem perigo de entregar aqui? – perguntou “Rubens”.

— Como te falei, aqui não tem problema; conheço os policiais que trabalham na área.

— Como assim? Tem esquema com eles? – perguntou Alcides.

— Não! Os filhos da puta são honestos, mas como trabalham aqui há muito tempo, os conheço. Agora mesmo passou um Gol prata, você viu? Eram os policiais aqui da delegacia da área. – nesse momento Alcides viu Francisco passando a pé pelo outro lado da rua – Mas o perigo mesmo é a porra dos canas da entorpecente, mas não se preocupe, não, meus olheiros são bons e nos avisam quando eles estiverem na área – falou confiante o traficante.

— Ah, tá! – Alcides teve vontade de rir. O cara estava sentado com um deles na mesa e cercado por outros. – Realmente já ouvi falar desses policiais da entorpecente; com eles não tem “fala” não, é cana mesmo, né?

— É, mas relaxa! Já te falei, aqui eu mando e conheço tudo – falou o arrogante Moisés. Levantou novamente para telefonar e voltou. – Tudo certo, tá chegando.

CAPÍTULO XXXII

Alcides, sempre que estava de folga, fazia algumas fotos das belas praias e paisagens cubanas. Certo dia, terminou cedo o trabalho em uma escola que ficava perto da *La Bodeguita* e foi direto para lá, levando consigo seu material de trabalho e algumas fotos que havia feito na folga. Raul acabara de chegar.

— *Buenas tardes, Doctor Raul!* – cumprimentou Kiki.

— *Bueno, mi querido amigo* – respondeu Raul.

— Vai beber o quê, Doutor? Uma Cristal?

— Uma *bucanero*. Já vai escurecer e não gosto de beber *Cristal* à noite – respondeu Raul.

— Meu caro amigo Alcides, não passou no hotel para deixar seu material?

— Não, meu amigo. A escola é próxima daqui – respondeu ao Doutor.

— O que é isso? – e apontou para uma pasta preta.

— Ah! Isto são algumas fotos que fiz na folga.

— Posso olhar?

— Claro!

Eram umas trinta fotos. Raul olhou uma por uma, com calma, sem fazer nenhum comentário e sem alterar sua expressão, dando alguns intervalos para tomar alguns goles de cerveja.

— Magnífico! *Muy bonito!*

— Qual a que mais gostou?

— Espere – passou algumas páginas e... – Esta!

Era uma foto na *malecón*, onde um adolescente dava um salto mortal. Ao fundo o céu estava em tons de vermelho, laranja e amarelo. E o contorno dos antigos casarões e a muralha emoldurava a foto. Alcides memorizou, dar-lhe-ia de presente aquela foto. Depois de emoldurada.

— Você devia publicar um livro de fotografias.

— Minhas fotos não são comerciais, são apenas de gosto pessoal.

— São muito boas! Posso levá-las para mostrar a uma amiga?

— Claro! Por falar em amiga...

— Ela não vem hoje, está de plantão. Está muito feliz!

— É uma pessoa maravilhosa!

— E sabe o que quer. Não se iluda, ela gosta de você, mas não abrirá mão dos objetivos dela.

— Nós só somos amigos. Vamos jantar no *El Floridita*?

— Podemos comer aqui mesmo. *La carne de cerdo es muy sabroso* – disse Raul.

— Kiki! Queremos aquele porco com lentilha, arroz e batata, mas não vamos comer aqui no balcão. Coloca numa mesa lá dentro, e quando estiver pronto nos chama.

— Vão beber vinho ou continuar no que estão?

— Vou continuar na *bucanero*, e você Alcides? – perguntou Raul.

— *Yo también*, mas só no jantar. Kiki, me serve um *mojito* com mais Run.

O jantar foi servido: a carne tenra, bem temperada e muito apetitosa. Comeram e beberam enquanto conversavam sobre o monstro que era o governo *Yankee* para o mundo, impondo sua vontade e até governos, como fez no passado no Brasil, Cuba, Chile e tantos outros países. Raul falou como se dava o bloqueio: quando a revolução foi vitoriosa, os altos funcionários do governo Baptista fugiram levando toda a riqueza que fisicamente podiam levar: ouro, prata, artes, etc., sem que os EUA admitissem a possibilidade de repatriar nem mesmo um centavo do que foi levado do povo cubano. Há pouco tempo fora divulgado um memorando do departamento de estado americano, elaborado um ano antes de Fidel decretar o caráter socialista da revolução, que dizia: “Fidel tinha apoio absoluto do povo cubano e que não havia oposição consistente na ilha. A única forma de derrubar o regime cubano era um bloqueio econômico; em que as pessoas passariam fome, não teriam dinheiro para pagamento dos trabalhadores, nem remédios nos hospitais.” Só assim com fome e morte se poderia derrubar a revolução. Sem nenhuma preocupação com a vida de inocentes, crianças, idosos, pessoas inválidas. E se não bastasse o fim das relações com Cuba há época, onde 70% do comércio cubano eram com os EUA e 60% do açúcar eram exportados para aquele país.

Hoje, Cuba não poderia negociar com nenhum país que tivesse relações com eles. E explicou que, quando os Estados Unidos fazem uma compra de um carro europeu, um representante americano vai ao país verificar os contratos para saber se o níquel utilizado na fabricação viera de Cuba; e se fora comprado na Austrália, o mesmo acontece. Se a Austrália comprou o níquel cubano se vendido na Europa o negócio não é fechado. Os Estados Unidos dizem que o bloqueio é porque não há democracia, ao mesmo tempo mantém relações com países que são ditaduras, reconhecidas por eles mesmos; que Cuba só tem um Partido, mas mantém ótimas relações comerciais com a China, que também tem partido único e com a Arábia Saudita, que nem partido tem.

Alcides sentia o quanto Raul se emocionava, e podia ver em certos momentos lágrimas em seus olhos.

— Mas eles não vão conseguir nos matar, nem tirar nossas conquistas. Não temos em toda a Ilha uma só criança morando nas ruas. Praticamente 100% do povo cubano são alfabetizados. E nossa dignidade, nem nos matando eles nos tiram.

— Tenho realmente visto nas escolas por onde estou passando, crianças felizes e saudáveis. Outro dia estava indo a uma programada e passamos por outra no caminho. Pedi para fotografá-la, aleguei a luz, a luz é sempre a base da fotografia. Na realidade queria saber se eles preparavam a escola pra me receber. E olhe, meu amigo! Tive uma agradável surpresa! Paramos na escola e tudo estava de acordo com as anteriores. Amo este país, amo a força que seu povo tem para lutar.

Raul baixou a cabeça; em seguida se levantou e abraçou Alcides. Nessa noite não ficara até tarde, pois logo cedo Alcides tinha que viajar para *Matanza*. Então, depois do jantar, se foram...

CAPÍTULO XXXIII

Enquanto a "encomenda" não chegava, ficaram bebendo cerveja e conversando. "Rubens" perguntou se a cadeia que Moisés havia "puxado" tinha sido por tráfico, pois, ao perceber as tatuagens, sabia que ele já havia "caído". Moisés gostou da observação e se sentiu mais importante, por ter sido reconhecido como ex-presidiário. E explicou que não tinha sido tráfico, havia sido preso por roubo de carro, mas que agora só "mexia" com droga, era mais lucrativo.

Parou um gol "quadrado" de cor branca, ao lado do bar. Era o contato de Moisés. O rapaz não desligou e nem desceu do automóvel. Alcides não gostou da situação, mas não poderia dar o sinal previamente combinado com o restante da equipe, pois tinha de confirmar a existência da droga. O motorista estava só. Chamou Moisés e, nesse momento, Alcides foi também ao encontro do carro, seguido por "Careca". O motorista era um sujeito pequeno, ruivo e com sardas no rosto. Falou que a "parada" não estava com ele, mas que "Rubens" entrasse no veículo. "Mudou tudo, moleque"; pensou Alcides, "mas foda-se!" Teria a cobertura da moto. Entrou e sentou no banco de trás, pois "Careca" também iria. Melhor para Alcides que ficaria atrás do "Ferrugem", qualquer coisa pelo menos o "Ferrugem" ele matava. Atrás lhe foi possível ligar para Francisco e deixar ligado. Em cada lugar que passava perguntava algo sobre o local, alegando ter chegado há pouco tempo e desejar aprender a andar na cidade. Fora isso, tinha a moto, e não teria problema em segui-los. Na Avenida Hélio Prates, ainda em Ceilândia, o motorista parou e disse que faria uma ligação de um orelhão. Era um sujeito calado. "Careca" tentou começar uma conversa, mas nada! No

momento que ele desceu para ligar, Alcides aproximou o celular, que até então estava abaixado e informou a Francisco onde estava. Não conseguia ver a moto. O carro estava parado no sentido Ceilândia/Taguatinga. A avenida era dupla e com um largo canteiro que dividia os sentidos. Quando “Ferrugem” acabou a ligação e estava voltando, Alcides viu o policial da moto a pé com o capacete na mão no canteiro. E ainda com o celular ligado, falou para Francisco:

— Porra! Francisco, manda este filho da puta voltar pra moto; o cara já está voltando, não vai dar tempo de ele atravessar a avenida, ele vai me perder. — e escutou baixo do outro lado da linha — Esquenta a cabeça não, moleque!

Quando entrou no carro, Alcides pôde ver que o policial da moto não conseguia atravessar a avenida movimentada. O carro seguiu rumo a Taguatinga, e mais adiante dobrou à direita e começou a percorrer ruas residenciais. Em certo momento, Alcides viu o H.R.T. (Hospital Regional de Taguatinga); depois que passou pelo hospital entrou à esquerda e parou em um comércio. Alcides no percurso havia passado sua Glock 27 que estava no cóis da calça, na parte de trás, para a parte da frente: o que lhe facilitaria o saque. Já não contava mais com o apoio. Quando o carro parou, questionou o motorista sobre o que estava acontecendo. Ele respondeu que a entrega seria ali. Alcides então mandou “Careca” descer do carro.

— Vamos aguardar fora, fiquei sentado muito tempo. - Dentro do carro ficaria muito vulnerável.

Parou do outro lado da rua um Passat prata. Alcides havia pedido para “Careca” comprar umas cervejas. Na verdade era para ele tentar ligar e informar a localização. “Ferrugem”, quando percebeu o Passat, pediu o dinheiro ao “Rubens”, que respondeu que só passaria o dinheiro quando recebesse a droga. Tinha que ganhar tempo. “Ferrugem” estava tranquilo: foi ao Passat, pegou

uma sacola branca com um quilo de maconha, atravessou a rua calmamente em direção a Alcides, que não via ninguém da equipe, e não sabia se eles estavam ou não ali. Tentou manter a calma e confirmar visualmente a droga, apesar de já ter absolutamente certeza de que estava na sacola. Olhou para o comércio e viu “Careca” com três cervejas nas mãos descendo em sua direção. “Careca” acenou discretamente com a cabeça que não. Nisso, “Ferrugem” chegou.

— Pronto! Tá na mão, agora passa a grana.

— Só vou te passar quinhentos e cinquenta reais – Alcides precisava ganhar tempo para pensar e ver se a equipe chegava.

Apesar da negativa do informante, pelo sinal eles não chagariam a tempo e mais, no Passat havia três ocupantes.

— Como assim? – Perguntou “Ferrugem”.

— É, tô pagando caro para ter um preço melhor amanhã. Esta é minha garantia de que vão me entregar os dez quilos. Aí te entrego os cinquenta restantes de hoje.

— Por mim tudo bem, se não me pagar, o Moisés paga – entregou a sacola e recebeu o dinheiro de Alcides.

Alcides entregou a sacola para “Careca” e seguiram a pé rumo ao Pistão Norte, muito longe de onde estavam. Quando os traficantes foram embora, ligou para a equipe para buscá-los. Mas estava indignado com a falha na cobertura.

CAPÍTULO XXXIV

Pelas manhãs, quando não trabalhava, principalmente nos fins de semanas, Alcides costumava ir à cobertura do hotel *Ambos Mundos* que, além de uma bela vista de Havana, cerveja gelada, havia sido morada, por algum tempo, de Ernest Hemingway. Chegava cedo cumprimentava o recepcionista de plantão e seguia para o velho elevador de porta em grade, onde o cabineiro se trajava a caráter. Nesse dia estava bebendo um Cristal e lendo jornal, quando o garçom aproximou-se.

— Telefone para o senhor. Pode atender no balcão.

Achou estranho receber uma ligação ali, mas quando saiu do hotel informou que estaria no bar da cobertura do *Ambos Mundos*. Atendeu: era Henry, do Brasil, que logo o tranquilizou informando que todos estavam bem, mas havia algo importante para lhe falar.

— Catarina me ligou no celular que você deixou comigo.

— E como ela está? Aconteceu alguma coisa, pra ela ligar?

— Ela está bem, mas parece que vai ter que mudar de onde está.

— Mudar, como? De cidade? Ou de casa?

— Ela não quis falar direito, mas acho que de cidade.

— Será que descobriram onde ela estava?

— Acho que sim!

— Que merda! Esses filhos da puta!

— É, meu amigo, aqui é foda! A bandidagem em Alagoas não acaba nunca.

— O pior é que são covardes. Só matam na traição. Mas... é claro que ela não te falou pra onde iria, né?

— Não, mas passei o telefone do seu hotel, quarto, tudo. Ela falou que te ligaria pra contar o que aconteceu.

— Ela estava triste? – perguntou Alcides.

— Não. Estava com ódio!

— Quando foi que ela te ligou?

— Têm uns 15 dias.

— Tudo isso?

— Pois é, estou surpreso que ela não tenha te ligado.

— Pois é, sempre que saio deixo o telefone de onde vou estar, com exceção de quando estou trabalhando. Mas vou reforçar essa informação no hotel e ver se deixou algum recado.

— E quando você volta?

— Olhe, Henry, acho que daqui a duas semanas ou menos, já que termino esta semana o meu trabalho. Na realidade, já estou selecionando as fotos. Afinal, semana que vem faz dois meses que estou aqui, mas parece que moro aqui há anos. O povo é maravilhoso! E o meu apartamento?

— Tenho levado a faxineira sempre. Às vezes, a Clara vai; noutras, eu mesmo vou.

— Henry, tu é doido? E se a Catarina liga lá?

— Tu é que tá doido! Como ela vai ligar lá, se sabe que tu tá em Cuba?

— É verdade. Henry, tu tens que vir a Cuba. Isto aqui é surpreendente!

— E a mulherada?

— Tô quieto. Mas tu vais adorar! Tem cada “negona” linda!

— Não acredito que tu tá quieto, não ficou com ninguém?

— Não.

— Mentira!

— Conheci uma médica, mas só amizade, nem um beijinho. Outro dia, quase aconteceu. Meu amigo, só falta duas semanas pra voltar, vou ficar sossegado.

— Duvido! Mas espero que consiga. Catarina é apaixonada por você. E uma mulher assim não se acha fácil, então se liga!

— Oxente! Por que tá falando assim?

— Ela me falou que tá louca de saudade de você, que te ama muito, que largaria tudo pra ficar com você. Cara, pela forma como ela falou é pura verdade. Parabéns! Encontrou o que todos nós procuramos. O amor de uma vida! Mas agora tenho que desligar, afinal esta ligação vai custar uma grana.

— Está bem, meu amigo. Próxima vez liga do meu apartamento.

— Que nada, estou brincando! Volta logo, que estamos com saudades.

— Falou, meu amigo. Um grande abraço!

— Tchau!

CAPÍTULO XXXV

Alcides caminhou até o Pistão Norte com o informante, e só lá é que a equipe os encontrou. Foram para a delegacia. Precisavam combinar o que eles fariam no dia seguinte, pois nada poderia dar errado. Eram 10kg e teria que dar certo. Alcides falou que tinha sido um absurdo a cobertura não ter funcionado, e que não confiava no trabalho do novo parceiro de Francisco. Na reunião, o policial que era responsável por seguir Alcides na moto justificou que desceu da mesma porque achou que havia sido descoberto e, quando tentou voltar, não conseguiu atravessar a avenida a tempo. A justificativa não foi aceita por quase todos da equipe, pois a equipe tinha um lema que Luiz sempre repetia: "perca o serviço, mas não perca o policial". O único que concordou com o policial foi Francisco. Porém, ficou combinado que a equipe ficaria mais próxima de Alcides, mesmo porque, se não funcionasse a cobertura, eles não teriam o dinheiro para interceptar a droga e marcar uma nova compra. Foi quando Francisco disse que pegaria o dinheiro com o delegado chefe, pois sabia que havia uma verba destinada a esse tipo de trabalho de infiltração e para pagamento de informante. Caso a cobertura não funcionasse, a negociação continuaria.

Na manhã seguinte, Francisco chegou cedo à delegacia para conversar com o delegado, e explicou toda a situação. O delegado disse que era uma soma muito grande de dinheiro, tentando persuadir Francisco a cancelar o serviço. Francisco esclareceu que não era possível, pois já tinham feito a primeira compra e que

precisavam prender Moisés. Então o delegado decidiu que participaria pessoalmente da operação.

Quando a equipe se encontrou no final da manhã para iniciar a operação, Francisco informou a decisão do delegado Zé Pipoca.

— Francisco, vou lhe dizer uma coisa: na nossa polícia, praticamente, nenhum delegado vai às ruas, e os poucos que se atrevem são antipatizados pelos seus superiores – rebateu Alcides.

— Mas precisamos do dinheiro e ele é o patrão – disse Francisco.

— Tudo bem, mas duvido muito que ele vá e até mesmo que repasse o dinheiro.

— Impossível! O dinheiro é pra isso mesmo e nossa equipe nunca o utilizou antes – exclamou Francisco.

— Veremos.

Logo depois do almoço se reencontraram na delegacia, mas o delegado atrasou e quando chegou, Francisco foi ao seu gabinete. E voltou com uma notícia não muito boa. O delegado não iria e também não passaria o dinheiro. Mais uma vez Alcides acertara em cheio sobre o delegado. E Alcides pensou: “Os chefes nunca são os exatos possuidores das decisões, mas têm acesso direto a elas, e se comportam como empregados, que não questionam, pelo simples fato de arriscarem a perder pequenas regalias e a insignificante chefia.”

Dessa vez, teria que dar certo. Precisaria de novo do parceiro de Francisco, Fred, mas Alcides não aceitou que ele ficasse com a moto. Fred ficaria a pé, na parte de baixo da quadra, fechando o ponto de fuga e na moto ficaria Heitor. Alcides fora então ao encontro do traficante. Parou o carro no bar a uns duzentos metros da esquina, próximo ao local do encontro anterior. Logo em

seguida, Moisés chegou e estacionou na frente do bar. Alcides havia estacionado um pouco mais abaixo. Moisés foi ao seu encontro. Beberam cerveja enquanto conversavam, mas surgiu um problema: "Ferrugem" não queria entregar ali a mercadoria e teriam que ir buscá-la em outro lugar. "Rubens" recusou-se a ir buscar, falando não ter gostado de "Ferrugem", que não confiava nele e que, se ele não viesse entregar a droga, não haveria negócio. Moisés tentou persuadir "Rubens", mas ele não aceitou. No dia anterior, a cobertura não funcionara e poderia acontecer novamente, sem falar que os traficantes, imaginando que "Rubens" estivesse com o dinheiro, poderiam fazer uma emboscada para roubá-lo, e Alcides estaria apenas com a cobertura de Heitor, sem saber quantos poderiam ser. Assim, estariam em desvantagem. Moisés levantou, fez uma ligação e voltou. Iria ele buscar a droga.

— Vou encontrar com "Ferrugem" e pegar a droga – disse Moisés.

— Ele não vem?

— Não. Você me dá a grana e já volto com a droga.

— Tá brincando? – perguntou "Rubens". – Acha que vou te entregar esta grana toda sem ver a mercadoria, só se estivesse louco – Alcides botou a mão dentro de uma bolsa que estava com ele, e onde provavelmente estaria o dinheiro; tirou uma nota de cinquenta reais. – Isto foi o que faltou ontem.

— Porra! Você é difícil de negociar. Mas é gente boa, vou pegar a droga.

Entrou no carro e tomou rumo à QNN 17. Alcides foi pegar um charuto no carro e ligou para Francisco, informando que assim que Moisés chegasse poderia abordá-lo. Francisco insistiu para ver a droga primeiro, e que Fred estava do lado de baixo e, portanto, fecharia a fuga. Acabara de falar com Fred, e ele estava visualizando Alcides. Demorou um pouco para que Moisés voltasse, o que significava que não era tão perto, mas também não era longe. Parou o carro em cima da calçada, de frente para o bar, e desceu. Alcides foi em sua direção. Quando se aproximou do veículo, pôde ver a droga no banco de trás. Imediatamente fez o sinal combinado, mas nada. Acabou sendo questionado a respeito da

grana, ao que informou que a havia guardado no carro. Foi pegar a bolsa no automóvel, enquanto repetia o sinal, e nada. "Cadê a porra do Fred?", pensou. Voltou com a sacola na mão e pôde ver, vindo por trás de Moisés, Francisco e Mendes. Moisés percebeu.

— Conhece esses caras? – perguntou Moisés.

— Quem?

— Esses *caras* que estão descendo, estão com você? – insistiu.

— Porra, cara, tu tá ficando doido? Passa logo esta porra pro meu carro – falou Alcides para ganhar tempo.

Moisés correu e entrou no carro. Francisco ainda estava distante. E de repente e inesperadamente surgiu Heitor na moto, jogando-a atrás do carro do traficante e saltando já com arma em punho. Nisso, chegaram também Alberto e Pedro e fecharam o cerco com a viatura. Alcides correu para a sua viatura, simulando uma fuga. Quando todos já estavam prontos para ir embora, Fred ligou para saber se o traficante já havia chegado. Mais uma vez ele tinha perdido Alcides do visual.

Após muita negociação para que Moisés entregasse "Ferrugem", Moisés se negou, pensando: "Se eu entregá-lo, ele me mata!".

CAPÍTULO XXXVI

Alcides tinha feito mais uma viagem, desta vez para fotografar umas escolas rurais, não muito longe de Havana. Contudo, chegara mais tarde, passou no hotel para tomar um banho e deixar o material fotográfico. Não jantaria no *El Floridita* e iria direto para *La Bodeguita*. Chegou e viu que não estava muito cheio e seu banquinho, vazio. Quando ia sentando, Kiki o informou que Dr. Raul o aguardava no restaurante. Esperou Kiki terminar de preparar seu mojito, contornou o bar, pegou o corredor atrás do balcão e entrou no restaurante. Raul estava sentado numa mesa de canto, no segundo ambiente do restaurante, acompanhado por outro homem. Sujeito branco, cabelos negros e bigode, esbelto e elegante.

— Alcides, este é Juan Carlos – apresentou-lhe Raul.

— Alcides Teixeira! É um prazer

— O prazer é meu – respondeu Juan.

— Vamos sentar – disse Raul. – Esperávamos você.

— Estava viajando. Cheguei agora há pouco.

— Fomos ao *El Floridita*, você não estava; então resolvemos aguardá-lo aqui – falou Raul, um pouco eufórico.

— Mas o que aconteceu, meu amigo? – perguntou Alcides, percebendo em cima da mesa a pasta preta que havia emprestado a Raul, com suas fotos.

— Juan representa uma rede hoteleira que está construindo aqui em Cuba.

— Que bom! Fico feliz!

— E é aí onde você entra.

— Eu! – exclamou Alcides. – Não sou engenheiro – e sorriu.

— Precisamos de você. Cuba precisa de você! – falou Raul.

— Tu estás brincando, meu amigo.

— Não. Ele não está brincando, só está empolgado – falou Juan, abrindo a pasta de fotos. – É disto que ele está falando. Gostei muito das suas fotos e gostaria que você fizesse algumas outras para utilizarmos em nossas campanhas publicitárias.

— Não. Não. Já terminei meu trabalho e estou voltando ao Brasil nesses próximos dias.

— Olhe, Alcides, não sei quanto você está ganhando neste seu trabalho, mas com certeza pagarei melhor.

— Não é este o problema, tenho compromissos pessoais no Brasil. Quando vim era pra passar de um a dois meses e já estou há quase três. Não. Agradeço muito, mas realmente não posso.

— Alcides, promete que, pelo menos, vai pensar? – perguntou Raul, colocando a mão no ombro de Alcides, completando baixinho. – É por causa da sua namorada, não é? Mas será por pouco tempo, e você vai ter mais dinheiro para os seus projetos e poder finalmente casar com ela.

Neste momento Yanny chegou, e já foi falando alto o nome de Alcides. Disse que estava com saudades. Sem querer, o salvou da pressão de Raul. Propôs Yanny que todos fossem para o balcão,

e perguntou o que eles estavam fazendo ali dentro. Raul concordou, mas Alcides ainda não tinha jantado e disse que jantaria e, depois, se juntaria a eles, já que todos tinham jantado. E ele ficou só.

Durante o jantar pensou na oportunidade da sua vida. Fotografar era o que sempre sonhou, e num país maravilhoso! Mas não podia aceitar, tinha que voltar, pois Catarina o esperava.

Ao chegar ao balcão, o espanhol estava sentado no banquinho costumeiro de Alcides, e, ao lado dele, Yanny. Alcides sentou depois de Juan, que ficou entre ele e Yanny, que foi logo propondo uma mudança nos lugares, explicando que precisava falar com Alcides. E colocou o espanhol para o lado. Alcides sentou no seu banquinho de sempre, ficando entre o espanhol e ela. Estava linda nesta noite, e trajava um vestido branco que destacava seu colo. Seu corpo transbordava desejo e seu olhar, como um farol, advertia aos navegantes do perigo eminente... Logo a conversa se dividiu entre ele e ela, Raul e o espanhol. Dançaram e beberam muito: ela, um *mojito* e depois Cristal; ele, apenas *mojito*, sendo acompanhado pelo espanhol. Lá pelas tantas o espanhol mal se aguentava em pé. E Raul se propôs a levá-lo. Alcides discordou:

— Coloca-o num táxi e volta, esta semana é minha despedida.

— Volto, mas não esqueça que vai pensar – disse Raul colocando a mão no bolso para tirar dinheiro.

— Deixa que pago sua parte – falou Alcides. – Na realidade, já que vai voltar para que pagar agora?

— Deixa. Deixa que vou pagar toda a conta – disse Juan com um espanhol quase incompreensível pelo efeito dos *mojitos*. Pagou a conta e saiu cambaleando e amparado pelo Doutor Raul. – *Buenas noches!*

— *Buen compañero!*

Alcides estava muito feliz. A volta para casa, a nova proposta... era um sonho antigo ser reconhecido como fotógrafo. Mesmo não aceitando, ou seja, mesmo não se realizando, os sonhos sempre valem à pena, só pelo fato de tê-los sonhado. O único perigo naquele momento era os rochedos à sua frente, apesar da advertência do farol. O cheiro dela era como o da brisa que soprava nas noites brancas em sua querida Pajuçara. Era assim que Alcides se sentia nesse momento. Feliz como se em casa estivesse, mas, e os arrecifes? Que arrecifes? Ah! O farol na Ponta Verde o avisava do perigo. A música agora era suave, e eles estavam sentados. Não o canto das sereias, quando encantam os pescadores e os levam ao fundo do mar, mas o perfume, a brisa que o estava atraindo. Ele fechou os olhos...

— Voltei, não falei que voltava? – interrompeu Raul.

— Nunca duvidei que voltasse, meu Capitão! – disse Alcides.

— Kiki, mais uma *Bucanero* para o *doctor*, um *Cristal* pra mim... – disse Yanny

— E *mojito* para o nosso artista – adiantou-se Kiki, entregando-o a Alcides.

— Não, Kiki! Eu também quero um *mojito* – disse Raul.

— Claro, doutor.

E a semana transcorreu assim, entre bares e comemorações. O trabalho de campo de Alcides estava terminado e só restava a seleção das fotos que seriam usadas na campanha.

CAPÍTULO XXXVII

Após a prisão de Moisés, o rastro de “Ferrugem” foi perdido. O homem parece ter deixado de existir, provavelmente dera um tempo do Distrito Federal.

Alcides havia combinado de buscar Heitor para almoçarem juntos no Fausto & Manoel e depois irem à delegacia. Luiz e Hélio tinham um serviço e precisariam de apoio. Chegaram à delegacia, mas Luiz e Hélio ainda não tinham chegado. Na realidade nunca chegavam na hora marcada, era quase uma marca registrada o atraso de ambos. Era final de tarde quando entraram na delegacia: bermudas e sandálias eram seus “uniformes”. Informaram que era um traficante de *micropontos* e que traficava em uma faculdade na Asa Norte. O informante já havia feito o contato e logo mais colocaria Hélio para negociar com o traficante.

Espalharam-se pela faculdade para observar o contato de Hélio, o informante e o traficante. Era um sujeito gordo e jovem, que encontrou com o informante e, em seguida, entrou na faculdade para conhecer Hélio. Sempre havia muita tensão quando um policial estava infiltrado, e Luiz tinha seu velho ditado para isto: *perca o serviço, mas não perca o cana (policial)*. Conversaram um bom tempo e nada. De repente, nova movimentação: os três saíram da faculdade, atravessaram a via L2. O informante foi em direção à Comercial. Hélio e o traficante seguiram para a quadra residencial, entrando em um dos blocos. Mais uma vez Hélio fazia o que tinham combinado não fazer. Afinal, ficaria sem cobertura. O combinado era deixar o traficante ir só e aguardá-lo onde pudesse ser visto pela equipe. Mas não tinha jeito, ele sempre fazia diferente. Alcides ficava muito irritado com isso, mas já sabia qual

seria a justificativa: “eu tinha que ir com ele, para descobrir onde guardava a droga e saber se tinha mais”. Com a demora de Hélio dentro do apartamento, Luiz entrou em contato com o informante que estava na Comercial. Ele confirmou que Hélio convencera o traficante a levá-lo ao seu apartamento, e que quando voltasse daria o sinal para a abordagem. Alcides nunca entendia como Hélio conseguia convencê-los.

No apartamento Hélio pôde confirmar que o traficante era mesmo “Barão”, e não estava mentindo. Devia ter mais de mil *micropontos*, além de haxixe. Segundo o traficante, o haxixe não era para vender, era só para o consumo.

— Duvidou de mim, playboy? – esnobou o traficante.

— É! Tu é o cara! – respondeu Hélio.

— Só que aquela grana que você me mostrou, não dá nem pro gasto.

Hélio havia mostrado uma grana para o traficante, enquanto conversavam na faculdade. Mas a quantidade só dava para a compra de no máximo cem *micropontos*.

— Mas vou querer mais, não tô com a grana aqui. Vou fazer uma ligação e arrumo mais grana. Quero tudo!

— *Qualé*, playboy! Tá me tirando? Acha que sou mané? Acha que vou descer com esta parada toda, sem pegar a grana?

— Porra! Tu sabes que sou de boa. Só não sabia que você tinha tudo isto. Mas ligo agora e *meu brother* traz a grana.

— Liga! Mas não vou descer com a “parada”. Vamos aguardar ele chegar primeiro.

— Mas me entrega pelo menos os cem. Já quero garantir o meu.

— Tá bom, me dá a grana.

— A porra da grana tá lá em baixo com o “Careca”. Acha que ia subir aqui com a grana sem te conhecer, vai que você me dava um “banho”.

— E ainda é fraco. Não vou te dar nada.

— *Qualé, brother?*

— Vou descer só com os cem, mas só te entrego quando você me passar a grana.

— Beleza, então! – e Hélio sorriu por dentro. – Vou ligar pedindo o resto da grana.

Enquanto isso na Comercial, todos estavam nervosos pela espera. Não sabiam de nada do que estava acontecendo. O telefone de Luiz tocou. Era Hélio, que, como se estivesse falando com um sócio, pedia mais dinheiro. Luiz ficou animado, mas não teve tempo de avisar aos demais da equipe, pois quando olhou viu Hélio e o traficante atravessando a rua em direção ao “Careca” (o informante). Alcides também observou. Estava acima na Comercial e Luiz abaixo. Hélio, ao chegar ao informante, conversou um pouco e deu o sinal. Alcides se aproximou pela frente dos três, enquanto Luiz veio por trás. Quando estava próximo, Alcides agarrou o traficante com a mão esquerda, enquanto sacava sua Glock. Era um sujeito muito grande, mas se assustou, e deu um passo para trás levando Alcides com ele. Na mesma hora Luiz o agarrou pelo pescoço, empurrando-o para frente. Luiz era alto e muito forte, devia pesar uns 90kg de músculos. A calçada era alta, com quase um metro, e os três foram ao chão. Para azar de Alcides, ele caiu por baixo. Sua arma escapuliu para a rua, e ele a acompanhou com os olhos até o ponto de ver um carro passar sobre ela. Hélio e o

informante correram, o restante da equipe chegou com eles ainda no chão. Heitor recolheu a arma de Alcides e o ajudou a se levantar, enquanto o traficante era algemado.

Quando iam revistar o traficante, perceberam que ele tinha urinado nas calças. E ninguém queria fazê-lo. Então de forma enérgica Luiz ordenou para o traficante entregar a droga, caso contrário a coisa ia ficar feia. Com medo, o traficante falou que estava na cueca. Logo na cueca?! Alcides abriu a algema e mandou-o tirar a droga. Mas que colocasse em cima do capô de um carro que estava do lado. E desta vez o atraso de Fred foi providencial, pois ele não viu o traficante mijado.

— Guarda a droga Fred, que nós vamos para o apartamento — disse Luiz, e todos riram.

A operação foi um grande sucesso. Havia sido a primeira apreensão de *micropontos* do Distrito Federal. Francisco parabenizou a todos e pediu que dessem prioridade ao caso de Sérgio Camaral, pois acreditava que o delegado estava desconfiado de algo e que, para não perdermos tudo, seria bom prender o Sérgio o quanto antes.

CAPÍTULO XXXVIII

Uma semana depois da ligação de Henry, Alcides chegou mais cedo ao hotel e havia um recado do Brasil. Era para ligar no número do telefone de um certo Ivan, que havia recado de Catarina. Alcides ligou imediatamente. O número era do Departamento de Polícia Federal. Atendeu o agente Ivan, Alcides se identificou e Ivan explicou que estava tudo bem com Catarina. Precisava que Alcides informasse uma hora e dia para que Catarina pudesse ligar. Alcides se prontificou para qualquer dia e hora, perguntando se poderia ser ainda nessa noite. O agente pediu para que ele aguardasse um pouco, e retornou minutos após.

— Ela vai te ligar em uma hora. O senhor pode aguardar?

— Claro!

— Obrigado e tenha uma boa noite!

Já eram 15h, no Brasil, e 18h na ilha de Cuba. Será que ela ligaria mesmo? Resolveu aguardar a ligação no bar do hotel, que era ao lado da recepção. Como ainda era dia, pediu um Cristal e um sanduíche de atum, mesmo sabendo que o pão cubano não é muito bom, talvez pela qualidade do trigo importado. Mas daria para tapear a fome enquanto esperava. Um recepcionista que estava saindo do plantão sentou para conversar um pouco com ele. Era um rapaz moreno, forte, cabelos curtos, calça preta e camisa branca, típica cubana, com quatro bolsos. Sempre que Alcides chegava cedo e encontrava Carlos saindo, eles sentavam para conversar, enquanto chegava a hora do rapaz ir à faculdade de Direito, que frequentava à noite. Era um rapaz muito inteligente; falava inglês e

português, pois adorava a literatura brasileira. Vez por outra citava Machado de Assis, Jorge Amado e, principalmente, Graciliano Ramos. Quando soube que Alcides era conterrâneo de Graciliano, sempre falava sobre os livros dele. E Alcides pensava: “Que vergonha, este rapaz cubano conhece melhor a obra do meu coestaduanu que eu mesmo!”.

A companhia de Carlos era muito boa e, assim, o tempo passou mais rápido. Alcides estava ansioso para falar com Catarina. O rapaz não o acompanhou na cerveja, por conta das aulas que teria logo mais. Alcides estava de frente para a lateral do balcão da recepção, na área descoberta e pôde perceber quando a recepcionista acenou para ele, indicando o telefone. Levantou rápido e quase se esqueceu de se despedir de Carlos, que percebeu o motivo da ansiedade.

— *Hola!* Perdão! Oi, minha filha – ele, às vezes, chamava Catarina assim. – Que saudade tenho tido de você!

— Oi, Alcides, você está bem?

³/₄ Estou ótimo! Mas com muita saudade. Fiquei preocupado quando falei com Henry. Como você está? O que aconteceu? Você está bem? – perguntou aflito.

— Estou. Só que tive de mudar de Estado; parece que eles estavam sabendo do meu paradeiro.

— Mas, como?

— Um comentário que “caiu” numa escuta da Federal sobre mim, num caso não relacionado ao meu, por isso a Federal achou melhor me transferir. Foi o que eles me falaram.

— Querida! Estou voltando semana que entra. Já...

— Gostaria de falar sobre a sua volta.

— O que está acontecendo, Catarina? – Alcides percebera sua frieza.

— Alcides. Não acho justo que você tenha que estar passando por isso.

— Como assim? Como ia te falar, já tenho um bom dinheiro guardado, recebo em dólar e tenho as despesas pagas pela Internacional, quase não tenho dispêndios, aqui não tem muito que comprar.

— Mas, se acontecer de novo? Teremos de mudar, e você vai ficar sempre recomeçando? Acho melhor nos separarmos por um tempo.

— TEMPO! QUE TEMPO?

— Tenha calma, não precisa se exaltar.

— Catarina, não estou exaltado, só estou perplexo! Que tempo é esse? Já faz uns quatro meses que não nos encontramos e você vem com essa desculpa. – Alcides percebia que não era esse o motivo.

— Mas é o que estou pensando neste momento, acho que é isso que devo fazer.

— Catarina, você sabe o que você está fazendo? Tem gente que passa a vida inteira procurando isto que nós estamos vivendo e não encontram, e você quer desistir? – falou em tom sereno.

— Eu sei que é difícil resolver tudo assim por telefone, mas não tem outra forma. Tenho que desligar.

— Catarina, vou esperar sua ligação até a semana que vem, exatamente daqui a sete dias. Depois não sei o que vou fazer. Recebi uma proposta para ficar mais um tempo aqui, mas não

aceitei. Você sabe que eu não tenho como te encontrar, então tudo depende de você. Quando voltar para o Brasil não vou ficar mais em Maceió, não sei ainda o que vou fazer, mas em Alagoas não fico mais. Ficaré difícil para me localizar. Pense bem.

— Tudo bem. Adeus, Alcides!

— Eu te amo! Espero que me ligue.

Catarina desligou o telefone. Alcides estava arrasado! Não conseguia enxergar direito, e seguiu rumo ao elevador. O garçom foi em sua direção para ele assinar a nota do consumo, mas foi detido por Carlos que percebeu o que tinha acontecido, já que entendia bem o português. Entrou no quarto e foi direto ao banheiro, pois se sentia mal. Quando se olhou no espelho, viu lágrimas no rosto, mas ele não as sentira escorrer. Lavou o rosto e voltou à antessala, colocou uma dose de uísque no copo e a bebeu de um único gole. Sentou no sofá com os cotovelos apoiados nos joelhos, cobriu a rosto com as mãos e chorou.

CAPÍTULO XXXIX

Apesar dos esforços de toda a equipe para descobrir a data da volta de Sérgio Camaral de Amsterdam, ninguém conseguiu nada. Teriam todos então que aguardar a movimentação e ele reaparecer nas ruas. E foi o que aconteceu. Certa tarde, Alcides recebeu uma ligação de um informante: "Alcides, O cara voltou! Sérgio tá na área e tá com um carregamento de 'bala' enorme!" Procurou imediatamente Francisco para reiniciar o serviço sobre Sérgio. Ele falou que toda a equipe estaria empenhada no caso, menos ele, Mendes e Fred, pois teriam que manter os flagrantes para que o delegado não percebesse. Todos os informantes foram avisados; caso encontrassem Sérgio era para entrar em contato imediatamente. No fim da tarde, Luiz ligou para Alcides avisando que havia prendido um traficante que tinha comprado de Sérgio e que estava disposto a colaborar. Marcaram então no parque da cidade, no estacionamento do restaurante *Alpinus*.

O acordo seria que o preso de Luiz faria a encomenda do máximo possível de "bala". Como eles já sabiam os possíveis locais onde poderiam estar armazenadas, como a quitinete da Asa Norte ou a casa do próprio traficante. Então faziam a prisão e iriam para os locais combinados. E assim o contato foi feito. Na hora, Sérgio ficou puto da vida porque o rapaz não encomendou a quantidade logo da primeira vez. O rapaz, no entanto, justificou que pretendia vender "picado", mas que um cara de Goiânia havia comprado tudo e que ficou sem nada. Por sugestão da equipe o preso pediu para baixar o preço, o que irritou ainda mais Sérgio, que era um sujeito explosivo e violento. Os policiais sabiam que para baixar o preço era necessário aumentar a quantidade, o que se conhece por

economia de escala. E era isso o que eles queriam, ou seja, aumentar o pedido sem despertar suspeita. E foi o que aconteceu. O próprio Sérgio falou que só baixaria se fosse uma quantidade maior. Pronto! Estava tudo armado.

O local escolhido foi o primeiro posto de abastecimento na entrada do Lago Norte. Um bom local, embora perigoso, caso houvesse tiroteio; porém fácil para campanar. Alguns policiais poderiam ficar a pé na conveniência do posto. Viaturas ficariam no estacionamento do supermercado que ficava logo após o posto, e também na primeira entrada do Lago, fechando a retaguarda, bem como no próprio posto no local de calibragem de pneus. Todos estavam em alerta. As informações eram de que ele sempre andava armado e, quando a entrega era grande, trazia também escolta.

A tensão era alta. Todos estavam a postos, na espera da grande prisão. Os policiais sabiam que seria de ampla repercussão: filho de político, com fortes ligações no governo local. Na prisão anterior os que participaram da prisão caíram e os que ajudaram a proteger o traficante importante, foram promovidos. Sem falar que todo o trabalho estava sendo feito sem que o delegado soubesse, já que a equipe não confiava nele. Mas isso era o normal: o delegado só tomava conhecimento sobre o caso quando os agentes chegavam com os presos. Mas, neste caso, se tratava de um filho de político poderoso. A equipe não se importava com este fato, iria prendê-lo, querendo ou não delegado, juiz, promotor, fosse quem fosse.

(A ingerência política na polícia era muito forte, causada por vários motivos. Entre eles, pode-se destacar a estrutura, a forma como o diretor era escolhido, tendo como o único critério a indicação política. A própria carreira policial era totalmente contraditória, pois, diferente dos países desenvolvidos, no Brasil não existe uma carreira única nas polícias. O delegado se forma em direito, faz o concurso, normalmente com uma visão de advogado, e vai comandar policiais, com dez, vinte ou até mais anos de

experiência. E rapidamente descobre que depende dos políticos para se manter no cargo e até para permanecer em “boas” delegacias. O que poderia ser simplesmente resolvido com a criação do mandato para diretor de polícia, continuaria sendo indicado pelo chefe do executivo, mas não podendo ser exonerado, a não ser por justa causa. Esses mandatos seriam intercalados entre as mudanças de governo; portanto, um novo governo começaria com o diretor do governo anterior, o que tornaria com certeza a polícia mais profissional. A carreira poderia ser como na maioria dos países desenvolvidos do mundo: inicia-se como policial de rua e com o tempo vai progredindo, podendo até chegar a diretor de polícia, trazendo consigo toda a sua experiência de anos de trabalho.)

Uma camionete para no posto, mas não para abastecer. Dentro dela havia uma mulher, uma criança e ele, Sérgio, ao volante. Na equipe, todos foram acionados. E esperam a viatura que estava no ponto de calibragem deslocar e fechar a única saída. Sérgio percebeu algo, ligou o carro e engatou a ré. Nesse momento, todos os agentes que estavam a pé surgiram do nada em direção ao traficante, e a viatura que dava cobertura à retaguarda entrou no posto, fechando a camionete de Sérgio. Um tiro! Outro! Vinha de um Golf prata que passava ao lado do posto. Os policiais que estavam no veículo que fechava a retaguarda responderam ao fogo e se pôde ver o vidro traseiro do Golf estilhaçar. A viatura do estacionamento do supermercado, que era uma camionete, já estava na pista e o Golf teria que passar por ela. Avançaram e atingiram o Golf na lateral, virando-o. Eram três ocupantes, o motorista foi jogado para fora do carro, que capotou sobre ele, o do banco do passageiro ficou preso às ferragens e o que estava no banco de trás tinha sido baleado, provavelmente pelo disparo que despedaçou o vidro. No posto, o traficante, estourado e violento, agora era um gatinho manso e amedrontado. Tremeu todo e urinou nas calças quando ouviu: *mãos na cabeça! Entorpecente!* No automóvel dele foram encontrados mil comprimidos de ecstasy no console, que seriam entregues, mais dois mil no porta-luvas.

Francisco mandou que a equipe de Alcides fosse para a quitinete e a de Luiz à casa do meliante, enquanto ele e Alberto levariam Sérgio para a delegacia, outra equipe levaria a mulher e a criança em carro separado. Os demais ficariam esperando o socorro aos comparsas de Sérgio, que estavam no Golf, bem como a perícia.

CAPÍTULO XL

Acordou, mas não queria acordar. Olhava para o teto e não sabia o que ia acontecer. Fechava os olhos e tentava novamente dormir. Alcides estava muito abalado com a decisão de Catarina, principalmente por não saber o verdadeiro motivo daquela atitude. Não acreditava nos motivos alegados por ela para o término do relacionamento. Por sorte o trabalho prático já havia terminado e só restava a seleção das fotos. Não sabia como conseguiria se concentrar. O telefone tocou. Era Raul. Achou estranho, àquela hora? O que poderia ser? Raul o informou que estaria uma semana de folga e o convidou para passear. Tomou um banho e desceu. Tomaram café no próprio hotel e foram para o *Ambos Mundos*. Alcides quase não falara durante o café e continuava ausente, desatento. Raul estava empolgado com a folga e na esperança de convencer Alcides a aceitar o convite do espanhol. Então percebeu que Alcides estava diferente: só ouvia e às vezes nem isso, tendo Raul que repetir o que acabara de falar.

- O que está acontecendo com você hoje? – perguntou Raul.
- Não estou bem. Catarina terminou o namoro.
- Mas qual o motivo? Foi pelo tempo que está aqui?
- Não sei, mas creio que não. Falei para ela que já estava voltando.
- Ela disse o motivo do rompimento?

— Falou! Falou, mas nada razoável.

Ele antes já havia conversado com Raul sobre seu relacionamento com Catarina. Agora Raul mudara o semblante, estava preocupado com o amigo. Alcides estava desolado e transparecia. O amigo tentou confortá-lo dizendo que deveria ser algo passageiro e que, quando ele voltasse, tudo ficaria como antes. Mas Alcides esclareceu que, apesar de não saber o verdadeiro motivo, acreditava que a decisão dela era definitiva.

— Você deve estar pensando que esta dor não vai acabar e que não vê como esta sensação pode passar, mas vai passar, vai melhorar. A primeira semana é a pior, é como quando perdemos um parente; até o sétimo dia não acreditamos que ele tenha partido...

— Não consigo nem pensar no que vou fazer sem a presença dela na minha vida. Nossos planos, projetos, tudo! Não consigo imaginar meu futuro sem aquela mulher.

— Eu entendo. É como se não visse a luz da vida à frente. Mas pense no seu trabalho, no que fez aqui, no quanto isto vai contribuir para o bem das pessoas.

— Meu amigo! Não consigo nem imaginar como vou terminar a seleção das fotos. Olho para elas e não as vejo. Como vou escolhê-las?

— Mas já está praticamente terminada a seleção. Vou te ajudar.

Ficaram a manhã inteira conversando e bebendo cerveja. Almoçaram lá mesmo e continuaram até mais tarde. Passaram na *Bodeguita*, tomaram um *mojito*, mas Alcides já estava bêbado e desanimado. O clima festivo não o agradava. Raul o deixou no hotel e só assim, embriagado, conseguiu pegar no sono.

CAPÍTULO XLI

Quando Francisco chegou à delegacia, o delegado já estava sabendo do tiroteio e esperava furioso. Como Francisco podia permitir um tiroteio em pleno Lago Norte? Mas quando viu quem era o preso, ficou atônico, branco, sem palavras por um tempo.

— Você está louco? O que é isto? – perguntou José Pipoca.

— Um preso! – respondeu Alberto.

— Mas como eu não estava sabendo dessa operação?

— Doutor, desde quando o senhor quer saber das operações? O senhor mesmo uma vez falou para irmos para as ruas e trazeremos flagrantes, que não queria saber o que nós fazíamos fora, desde que não trouxesse problemas para o senhor.

— Quer problema maior que este? Sabe quem vocês prenderam? Sabe o...

— Sei sim senhor! É um dos maiores traficantes do Distrito Federal.

— Isso só vai me criar problema. Pegaram o que com ele?

— Três mil comprimidos de ecstasy.

— Só!? Não estou falando, ele vai sair de novo.

— Calma! Ainda não acabou.

— Como assim? – exclamou assustado José Pipoca.

— Os meninos “caíram”^[14] para a casa dele.

— Não! Não podem!

— Não se preocupe, doutor. Já liguei para o Dr. Paulo, das Operações Especiais, para dar apoio aos meninos, eles estarão protegidos.

— Você está brincando comigo? Vou ligar... quem está lá? Já sei. Isso é coisa do Alcides.

Saiu furioso para o seu gabinete. Foi ligar para Alcides não entrar na casa. Alcides atendeu e respondeu que já era tarde, já estavam dentro da casa. Nesse momento o celular do delegado tocou. Era o diretor da polícia, querendo saber o que estava acontecendo, pois a imprensa estava perguntando sobre a prisão de um filho de político. José Pipoca quase desmaiou.

CAPÍTULO XLII

As férias de Raul estavam uma maravilha, pelo menos para Alcides, pois, nesse momento, o apoio do amigo estava sendo fundamental. Na manhã seguinte, chegou cedo ao hotel e levou Alcides para almoçar na casa de um amigo, um velho pescador, nos arredores de Havana. Comeram lagostas. A maciez e consistência dos crustáceos, temperados apenas com sal e limão, eram formidáveis. Abriu com seus polegares o abdome delas e foi comendo com as mãos lagostas enormes, como nunca havia comido antes. Ambos beberam uma aguardente de cana, semelhante à cachaça brasileira, e fumaram charutos. E o melhor, ouvindo maravilhosas histórias de pescador! A mudança na rotina distraiu Alcides, deixando-o menos triste.

À noite se encontraram na *La Bodeguita Del Medio*. Raul havia pedido para Alcides levar as fotos a serem selecionadas. Chegou e Raul não tardou em aparecer. Junto com ele estava Yanny.

— *Hola Chico!* Estava morta de saudades de você – disse Yanny, sempre com um sorriso de alegria transbordante.

— Também senti sua falta – disse Alcides.

— Como você está, meu amigo? – perguntou Raul.

— Bem. Tivemos um dia maravilhoso com seu amigo, que me lembrou o velho “Santiago” e eu me senti um “menino” ávido por aprender.

— Se você fosse ficar mais tempo, poderíamos fazer uma pescaria com ele – completou Raul.

— É, estou sabendo que vocês estão só na boemia. Mas me aguardem na próxima semana: sou eu quem vai ter meus 15 dias de férias. Uma pena que você não vai estar mais aqui, Alcides – lamentou Yanny.

— Quem disse? Ele ainda não deu a resposta. Lembra que ficou de pensar?

— Não te prometi pensar, fiquei calado – respondeu Alcides terminando seu *mojito*. – Kiki não trabalha hoje? – perguntou ao barman.

— Não! Está de folga – respondeu Domingos.

— Alcides, você trouxe as fotos? – perguntou Raul.

— Sim. Estão aqui. – E pediu a Domingos para pegá-las. As tinha guardado para não molhar em cima do balcão. Pegou as fotos e também dois embrulhos de 60X70 centímetros e disse: – Abra, Raul, isto é pra você e para Yanny – Alcides falava baixo e triste.

Raul abriu e eram duas fotos emolduradas. Uma delas foi a que mais gostou, e a segunda era para Yanny. Alcides pegou um das fotos, dirigindo-se a Yanny.

— Esta é para você – disse para a moça. – E esta outra é a que você gostou, meu amigo, é sua! – disse a Raul.

— Muito obrigado, meu amigo. Vou colocá-la no meu quarto. Você é um bom amigo! – e voltou-se para Yanny: – Pronto! Um trabalho para você, Yanny. – E Raul passou para ela o álbum de fotos para serem selecionadas.

— Vou adorar ajudar a selecioná-las – disse Yanny

Alcides olhou para ele surpreso. Mas não falou nada. Raul sugeriu jantarem logo mais no *Floridita*. Alcides sugeriu que poderiam jantar ali mesmo, mas Raul insistiu e ele acabou aceitando. Beberam seus *mojitos* e se foram. Quando chegaram ao *El Floridita*, Alcides percebeu o porquê do jantar ali. Sentado ao balcão estava Juan.

— Mas que surpresa agradável encontrá-los aqui – disse o espanhol.

— Realmente, uma grande coincidência – ironizou Alcides, olhando para Raul e pela terceira vez no dia surpreendido pelo amigo.

— Vamos sentar. Vocês bebem o quê? – perguntou Juan.

— Para mim e Raul, daiquiri; para Yanny, Papa Hemingway – respondeu Alcides.

— Pensei que estivesse viajando, Juan – disse Raul meio sem graça. E olhou para Alcides.

— Estava, mas voltei por esses dias.

— Meu caro Raul, você mente muito mal. Não se preocupe que até o final da noite te dou uma resposta – propôs Alcides com o braço sobre o ombro do amigo.

— Não. Não tenha pressa. Na realidade foi... – olhou para o amigo, e com um semblante sério, completou: – Quero de verdade que fique e aceite a proposta de Juan.

As bebidas chegaram. Eles beberam e conversaram sobre amenidades, mas não tocaram no assunto. Em certo momento, Yanny pediu licença e foi ao banheiro. Alcides olhou para o espanhol, colocou a mão no ombro de Raul e disse:

— Você deve isso a ele. Vou aceitar sua proposta, mas só mais uma coisa para fecharmos o acordo.

— O que é? O valor não te agrada? – perguntou Juan.

— Não. Isto está certo. Posso começar daqui a uma semana, quando começam as férias de Yanny. E durante as férias dela, ela estará comigo com todas as despesas pagas pela sua empresa.

— Quantos dias?

— Não sei ao certo, mas creio que 15 dias.

— Combinado! Um brinde!

E nesse momento, Yanny retornava do toalete.

— Estão brindando o quê? Também quero participar – disse ela.

— Estamos brindando as suas férias. Você acaba de ganhá-las – comemorou Raul, levantando a taça de daiquiri.

— Como assim? Não entendi – estranhou Yanny.

— Os senhores nos dão licença? – disse Alcides.

Alcides a pegou pelo braço e a levou a uma mesa para explicar-lhe tudo. Calmamente esclareceu-lhe o que estava acontecendo e que seu relacionamento com Catarina havia terminado e ele resolvera aceitar a proposta do espanhol e viajar fotografando as praias onde a empresa tinha hotéis. Yanny não precisava aceitar o convite de viajar com ele, mas ele gostaria muito que aceitasse. E poderia pensar e responder em alguns dias. Ela ficou em silêncio por um tempo. Alcides levantou-se para retornar ao balcão. Yanny também levantou e com uma expressão séria.

— Vou te responder agora!

Pegou as mãos dele e, olhando-o nos olhos, beijou-lhe a boca longamente.

— Teremos dias esplêndidos e nos divertiremos muito – disse ela. E voltaram de mãos dadas para o balcão.

Viajaram no início das férias de Yanny. O tempo total que Alcides ficaria na Ilha, que a princípio seria de dois meses, trabalhando para Internacional Socialista, pulou para dez meses, contando com o trabalho para a rede de hotéis espanhola.

CAPÍTULO XLIII

Francisco ligou para Luiz. E foi informado que na casa havia sido encontrado muito dinheiro: euro, dólares e reais, além de armas, folhetos de viagens e o passaporte de Sérgio com vários registros de entrada na Holanda. Não haviam encontrado muita droga, apenas um pouco de haxixe. Depois, ligou para Alcides, e ele disse que havia muita droga: uns 2kg de cocaína, haxixe e muito ecstasy, mas muito mesmo! Mais de vinte mil comprimidos. Deu notícias do local do tiroteio, do motorista morto, o que foi baleado também e o terceiro em estado grave no Hospital de Base. Armas haviam sido encontradas no carro e drogas também.

A delegacia estava tumultuada, com imprensa na porta e o delegado se escondendo para não dar entrevista. Os agentes em festa e muitas felicitações dos colegas das outras seções. Heitor relacionou os flagrantes anteriores de compradores de Sérgio. O delegado ficou surpreso, e não podia fazer nada. As provas eram contundentes e variadas e, com a presença da imprensa desde o início, seria difícil esconder os fatos. Mas o delegado não queria dar entrevista e os agentes são proibidos de falar. Só restava uma coisa a fazer; como o delegado não permitia que os presos usassem o banheiro da delegacia, Alcides então teve uma ideia: levaria o preso ao banheiro fora da delegacia, onde a imprensa tinha acesso. E foi o que aconteceu. Quando saiu com o preso, os flashes dispararam e agora não era mais segredo.

José Pipoca estava furioso. Não podia transferir Alcides e nenhum membro da equipe, pois aparentaria represália e pegaria mal depois daquela prisão. O diretor- geral, por sua vez, também não podia fazer o mesmo com o delegado José Pipoca. O que eles

podiam fazer agora era tirar proveito da situação e o fizeram. Na primeira aparição na imprensa, o delegado declarou: *Sob o meu comando e com o apoio total da direção geral, estou investigando o suspeito há vários meses, sendo monitorado 24 horas por meus agentes.* Falou também qual a pena que poderia o “suspeito” pegar e encerrou a entrevista, mesmo porque se fosse feita alguma pergunta sobre a investigação não saberia responder. Dentre os jornalistas estava uma conhecida de Alcides, que questionou se não poderiam ser dados mais esclarecimentos sobre o caso e se podiam entrevistar os agentes que realizaram a prisão, tendo como resposta: *qualquer nova declaração será dada pela assessoria de imprensa da polícia.*

Os problemas estavam apenas começando. Quando Heitor chegou com os inquéritos relacionados, o delegado não queria incluí-los no flagrante e começou a discussão. Ele não queria nem mesmo que no depoimento dos policiais constassem menções aos flagrantes anteriores, e isto não seria aceito pelos agentes, pois sabiam que, se não constassem, o delegado não anexaria ao inquérito posteriormente. Os ânimos já estavam exaltados quando Alcides disse que não assinaria o depoimento caso não pudesse falar. Os demais membros da equipe também não assinariam. Ameaçou levá-los a corregedoria por não cumprirem ordens, mas sabiam que eles não eram obrigados a cumprir ordem ilegal. O delegado que estava presidindo disse para Zé Pipoca que não havia como mudar os depoimentos dos agentes. O delegado-chefe mandou os agentes saírem, que falaria em particular com seu colega.

— O senhor tem que forçá-los a não falarem das prisões relacionadas – ordenou José Pipoca.

— Doutor, como vou fazer isso? – respondeu timidamente o delegado.

— Se vira, estou ordenando!

— Eles não vão assinar, se não falarem sobre as prisões. Mesmo eu não perguntando, eles já começaram falando que a investigação iniciou-se após a primeira prisão do Sérgio. E tem mais: falei que eles não podiam iniciar investigação sem ordem da autoridade policial.

— Então, ameaça nesse ponto.

— Não adianta! Eles se prepararam pra tudo. Quando falei isso, o porra do Alcides disse que tinha ordem, sim. Ordem do Dr. Paulo, que na época ainda era delegado aqui.

— Mas cadê a ordem? Você pediu pra ver?

— Ah! Pois é, aí ele disse que a ordem foi verbal e me perguntou com ironia, o filho da puta, se queria que ele chamasse o Dr. Paulo para confirmar. E você sabe que esse Paulo é colado com os agentes e vai confirmar na hora que deu a ordem.

— Então muda os agentes do flagrante!

— Como? Essa seção deles é fechada! Todos são amigos e honestos pra caramba!

— Coloca de outra seção – ordenou o delegado-chefe.

— Quem é doido pra entrar num flagrante desses sem ter participado da investigação? Doutor, o senhor acha que não estou tentando de tudo para aliviar? Mas não dá, eles fecharam todas as portas, têm fotos, depoimentos, tudo! Porém, se o senhor quiser, pode assumir o inquérito.

— Eu não! Já estão me pressionando porque deixei isso acontecer. Merda! E faça o que puder – disse e saiu da sala José Pipoca.

E finalmente se consumou o flagrante, contra a vontade dos delegados e para a felicidade dos agentes.

CAPÍTULO XLIV

De volta a Maceió, a vida de Alcides daria uma reviravolta. Mesmo com os excelentes trabalhos realizados em Cuba, não pretendia continuar com a fotografia, nem em Alagoas. Henry, seu melhor amigo e colega de fotografia, tentou persuadi-lo a continuar. Mas sentia que precisava mudar completamente sua vida; na realidade, recomeçá-la-ia em outro lugar. E o projeto era seguir o conselho do Policial Federal que conheceu no aeroporto de Maceió.

De fato, muita coisa havia mudado, desde quando ele fora embora para Cuba. Catarina, sua maior motivação para a viagem, não estava mais com ele. Apesar do sucesso fotográfico em Cuba, tinha deixado a fotografia. A outra novidade é que Maria Clara havia casado! Henry explicara que, logo depois que ele viajou, Clara engravidou de um ex-namorado, um estudante de odontologia peruano, que por um intercâmbio estudava em Alagoas.

— Aquele com cara de índio? – perguntou extasiado Alcides.

— Ele mesmo. Mas vou te dizer uma coisa. – sapecou Henry
– Acho que ela ainda gosta de você.

— Para você, toda mulher gosta de mim. Eu vi, logo que você disse isto da Catarina, ela me deixou – desabafou Alcides.

— Neste caso da Clara, ela é uma menina praticamente, e você não deixaria a Catarina. Qual perspectiva que ela teria. Aí engravidou e o ex quis casar.

— É, mas não estou mais com Catarina.

— Não falei pra ela que você e Catarina tinham terminado.

— Por quê?

— Ela já estava grávida.

— Pois é. Mais uma vez você errou. Ela também não gostava de mim?

— Na realidade ela já estava casada... casou pela gravidez... bom! Sei lá. Meu amigo, isso tudo é uma confusão da *gota-serena*.

— Não estou entendendo nada. Acho que você já tá é bêbado – disse sorrindo.

Alcides iniciou seus preparativos para o novo projeto: ser policial, tal qual foi seu pai e seu avô. No cursinho preparatório conheceu José e Pedro. Certo sábado, saindo do cursinho para beber cerveja e almoçar no Divina Gula, encontrou com Henry. Sentaram perto da entrada, na área externa, de onde se podia observar todos que chagavam ao restaurante. Logo depois viram chegar Clara, o marido e o filho. O marido tentou não cumprimentá-los, mas Alcides e Henry estavam bem na entrada.

— Oi, Clarinha! – falou Henry.

— Oi, Henry! – respondeu ela. – Olá, Alcides!

— Olá, Clara! – respondeu Alcides.

— Oi, Índio! Já se formou? – perguntou Henry, chamando o rapaz de Índio, mesmo sabendo que ele não gostava. Mas fazia isso só para irritá-lo. Já que soubera que ele andou falando mal de Alcides e, portanto, não gostava dele.

$\frac{3}{4}$ *Hola!* – respondeu secamente o marido.

— Olhe, Alcides, como é lindo o filhinho da Clarinha – disse Henry. – Podemos vê-lo?

— Ele está dormindo! – respondeu o marido.

— Tá nada – disse Henry espiando pela brecha da sombrinha do carrinho que cobria carrinho de bebê. – Olhe, está com os olhos abertinhos! Lindo este menino!

Clara levantou a cobertura e Alcides abaixou-se para ver a criança. Olhou e olhou de novo. Era um menino realmente lindo! Lourinho feito a mãe e os olhos...

— Tem os olhos da mãe! – disse Henry.

— Azuis como os seus, Clara – disse Alcides.

— Obrigada! – agradeceu ela com um sorriso tímido.

— Bem! Acho que são verde azulados – falou Henry.

— Precisamos entrar, aqui está frio para a criança – falou o marido, de cara fechada. Ele não suportava Henry, muito menos Alcides. Afinal, à época, Clara havia terminado o namoro com ele e logo depois ficado com Alcides.

— Claro! Foi um prazer revê-los – finalizou Alcides.

Quando a família entrou, saindo do campo de visão, eles se olharam e Henry sorriu.

— Essa criança tem quantos meses? – perguntou Alcides.

— Sei lá, pergunta para o pai dele.

— Fala Henry. Você estava aqui quando nasceu e não venha me dizer que não foi visitá-la quando ela pariu.

— Acho que uns dois ou três meses.

— Quando ele nasceu?

— Porra, Alcides! Não enche! Tinha um mês quando você voltou. Então tem três agora – respondeu irritado Henry. – Vamos

mudar de assunto. Você está quase indo embora de novo. Vamos curtir seu pouco tempo aqui em Maceió.

Realmente, Henry tinha razão. O concurso seria em breve e Alcides estava estudando muito, com boas perspectivas de ser aprovado. Tempos depois, Alcides estava partindo de Alagoas, para finalmente começar sua nova vida.

CAPÍTULO XLV

Tudo que podia ter sido feito pela equipe para condenar o “barão” das drogas do Distrito Federal foi feito. Porém, quando o inquérito foi enviado para a justiça, o escrivão do caso procurou Alcides e o informou que os termos de declaração anteriores — de todas as prisões — não tinham sido anexados ao inquérito. Já prevendo essa possibilidade, Alcides havia feito cópia de todas as provas e guardado. Descobriu qual o promotor do caso e o procurou para relatar o que acontecera. No Ministério Público esperou toda a tarde e não foi recebido pelo promotor do caso. Então pensou em entregar as provas à imprensa, mas antes resolveu procurar o Juiz como última tentativa antes da imprensa.

Na secretaria falou para o escrevente, que o conhecia das audiências. Explicou que o inquérito estava incompleto, faltando dados importantes. O rapaz voltou e disse que o juiz falaria com ele entre uma audiência e outra. De fato, o meritíssimo recebeu Alcides, escutou as suas primeiras palavras e Alcides lhe mostrou os arquivos que trazia consigo. Aí ele perguntou se Alcides poderia esperar até o fim das audiências. (Era um homem muito educado, que havia sido policial em outro Estado, antes de se tornar juiz. Ele tinha fama de honesto e duro com traficantes.)

Quando voltou já era muito tarde, mas tinha nas mãos um processo. Sentou, abriu e começou a folhear.

— Desculpe-me pela demora – disse o juiz.

— Sem problema, doutor. Já esperei muito mais para prender esse cara.

— Estou vendo que nos seus depoimentos constam referências das prisões e inquéritos relacionados ao réu. Vou perguntar por perguntar: por que não foram anexados a este?

— Era para terem sido, mas...

— Por pressão política, a autoridade não colocou. Isto sempre me envergonhou quando era policial. Pensei que aqui não acontecia isso. E lhe direi uma coisa: enquanto essa carreira policial continuar assim, nada vai mudar.

— Agradeço-lhe, excelência.

— Posso ficar com isso? – referindo-se aos arquivos de Alcides. – Ou melhor, posso tirar uma cópia?

— Claro!

Chamou alguém da secretaria e pediu que copiasse os arquivos.

— Muito obrigado! Pode deixar, vou fazer bom uso – disse o juiz.

— Mais uma vez, muito obrigado, excelência!

O juiz o acompanhou até a porta do gabinete e se despediram com forte aperto de mãos.

CAPÍTULO XLVI

Quando Alcides chegou à delegacia, os delegados estavam apavorados. Um entra e sai do gabinete e da sala dos escrivães. Discretamente, o escrivão procurou Alcides e disse que o juiz determinara a inclusão dos inquéritos relacionados ao caso Sérgio, inclusive citando os inquéritos. O delegado sabia que alguém havia passado a informação, e que esta pessoa era ele. E ainda, segundo o escrivão, o delegado determinou que Alcides devia ser escalado em todas as operações extras.

O julgamento foi muito tenso. Muitos advogados de defesa e até um juiz aposentado se fez presente, como testemunha de bons antecedentes de Sérgio. Evidente que o verdadeiro objetivo era intimidar o jovem magistrado que presidia o julgamento, que não se fez de rogado e prosseguiu com seu trabalho normalmente. A defesa mais uma vez tentou a tese de que a droga era da mulher que estava no carro de Sérgio, e que os policiais perseguiram seu cliente. Porém o juiz citou os inquéritos relacionados com fotos e vastos depoimentos de traficantes que foram presos comprando do réu. E quanto à perseguição por parte dos policiais, o próprio Alcides respondeu ironicamente:

— De fato, excelência, quando se está investigando um traficante, uma das técnicas é perseguir o investigado – respondeu Alcides, irritando o advogado.

E o tratamento de excelência se dava porque as perguntas eram feitas ao juiz e este repassava ao depoente. Na realidade, o meritíssimo tinha indeferido o questionamento da perseguição, mas Alcides aproveitou outra pergunta e respondeu.

— Excelência, a testemunha está ironizando! – reclamou o advogado.

— Doutor, foi o senhor quem começou. – respondeu o magistrado – O senhor tem mais alguma pergunta?

— Não, excelência. Passo para o meu colega. – E passou para o segundo advogado, dos cinco que o acompanhava.

— Excelência! Tenho 30 perguntas... – começou o segundo defensor. Pensando complicar a interpretação do juiz.

— Então, Doutor! Escolha a melhor, pois indefiro 29 – disse o juiz. E todos sorriram.

Terminou o depoimento de Alcides. Ele aguardava com outros policiais no saguão de espera, quando os policiais de escolta saíram da sala com Sérgio, provavelmente a pedido de alguma testemunha que não se sentia à vontade para depor na frente do réu. Passou por Alcides e falou que se condenado o mataria. Alcides levantou e partiu para cima dele, sendo contido por alguns colegas que estavam com ele. E foi assim tenso todo o julgamento de Sérgio. Dias depois o resultado: **CONDENADO!**

CAPÍTULO XLVII

Após a condenação de Sérgio Camaral, Alcides tirou a folga a que tinha direito e viajou para pescar no Rio Maranhão. Acampou próximo ao rio, porém numa área mais elevada, evitando com isso ser surpreendido por enchente relâmpago, caso chovesse forte na cabeceira. Ele e os companheiros entraram por uma estrada que dava numa antiga área de exploração de areia. Ali montaram as barracas embaixo das árvores, o rancho entre as barracas e um monte de areia deixado ao pé da mata, pelos que dragavam o rio. O rio era largo e de água corrente. Do lado esquerdo, a água vinha em curva e mais à direita formava uma corredeira, por onde o rio descia. Mas antes havia um amplo poço que era contornado por um lajedo aonde os peixes vinham se alimentar. Arrumaram o rancho, primeiro: um bom barracão de lona, um fogão e improvisaram um jirau com restos de madeira e galhos caídos, para colocar os mantimentos, montaram as barracas e fizeram uma fogueira antes que escurecesse.

Prepararam as varas, e Alcides com um BG 60, anzol 7/0 e linha 0,60mm, e lançaram ao rio. Não deu dez minutos e os peixes começaram a surgir. Estavam usando turviras, mussum. E os peixes que estavam sendo fígados eram butuados. Na realidade, falsos butuados, peixes fáceis de pegar, por serem muito comuns na região, e não oferecerem quase nenhuma resistência. Pelo menos o jantar estava garantido. Aquele tipo de peixe ficava muito bem frito envolto em farinha de rosca e era gostoso, apesar de que só uma pequena parte do corpo era aproveitada. A maior parte do bicho era cabeça. E nessa noite foi só o que pescaram. Alcides dormia

perfeitamente quando acampava, pela liberdade, natureza, cansaço e, é claro, pelo efeito do álcool.

Despertou cedo com uma leve ressaca, nada que um bom café preto, ovos mexidos, pão e depois uma boa cerveja gelada, bem conservada nas barras de gelos, não resolvessem. Essas barras de gelo aguardavam, ansiosas, os peixes a serem pescados. Em uma das varas que havia sido deixada na espera amanheceu físgado um butuado verdadeiro. Alcides desceu o rio, queria checar a área das pedras após o grande poço. Porém a mata o impedia, e acabou por achar uma pequena brecha entre as pedras, onde conseguiu passar. Com dificuldade pôde levar uma pequena caixa de pesca com pouca tralha; apenas linhas, anzóis, faca e alicate. Luiz e mais um colega ficaram um pouco antes das pedras. Alcides e outro companheiro foram às pedras. Os primeiros peixes, falsos butuados, que eram chamados por eles de "corrós" pelo barulho esquisito que faziam quando eram físgados. Luiz e o colega armaram vários molinetes, o que exigia cuidado redobrado na hora do arremesso. O companheiro de Luiz não tinha experiência. E aconteceu! Na hora de arremessar, ele emaranhou as linhas e com rapidez o anzol voltou e pregou-se no rosto de Luiz. As tentativas para retirá-lo eram totalmente inúteis e descabidas. Os colegas se prontificaram para levá-lo ao hospital mais próximo e Alcides ficaria para tomar conta do acampamento. No momento o único analgésico que tinham era *vodka* e foi o que aliviou a dor naquele momento.

O calor na beira do rio era insuportável. A aguardente não refrescava; ao contrário, o local onde estava não era apropriado para nadar e assim aliviar o calor. A correnteza aparentemente mansa escondia por sob suas águas a sua força, que podia ser percebida quando Alcides lançava o anzol rio acima para o meio do poço. Ele corria e logo estava no sentido contrário, rio abaixo. O máximo que podia fazer era jogar água no corpo refrescando-se um pouco.

Percebeu que as iscas usadas só estavam físgando “corró” e resolveu mudar e usar como isca parte do próprio butuado. Logo percebeu que os butuados não estavam comendo a isca. Algum tempo depois sentiu um leve toque na vara e imediatamente um forte puxão. Alcides ergueu com força a vara para prendê-lo melhor ao anzol. Primeiro, o peixe mergulhou vergando a vara quase ao seu limite; em seguida, subiu e tomou o rumo da correnteza, coisa que Alcides não podia permitir. Tinha de trazê-lo sem forçar muito o equipamento, pois a linha poderia pocar. Então segurou a linha com cuidado, ao mesmo tempo em que caminhava sobre o lajedado em direção oposta, para o lado do poço. Assim que o peixão oferecesse menos resistência o traria para longe do perigo, para não criar forças na corrente. A cada pausa que o bichão dava para tomar fôlego, Alcides recolhia linha, içando a vara e recolhendo na volta e assim trazendo o seu duro adversário para as águas mais calmas do poço. A luta se prolongava e Alcides sentia as costas doer, a virilha arder no lugar onde a vara estava apoiada. Sem falar no bíceps esquerdo dilatado e queimando de dor. Estava só, sem ninguém para presenciar aquela bela luta que, caso perdesse, não teria existido, a não ser para eles. “Não, meu amigo, você não vai me escapar”, disse ele. O suor escorria em seu rosto e ardia-lhe nos olhos, corria por todo o corpo e pingava pelo cotovelo esquerdo até a coxa que estava à frente para contrabalançar a direita, que estava para trás lhe dando apoio. Às vezes, o peixe parecia um cabo de guerra, e Alcides dava linha para poder cansá-lo e então trazê-lo para mais perto. Ambos estavam cansados, porém o peixe começava a dar sinal de que perdia a luta, quando subia à superfície, não demonstrando grandes forças para buscar o fundo, a sua toca. E Alcides pôde vê-lo pela primeira vez: tinha a barbatana dorsal alta e a parte superior do corpo cinza e era musculoso. Daí sua enorme energia para a luta. Ver o peixão o renovou. Aproximou-se da beira e o puxou, segurando a linha com a mão e soltando a vara para trás, mas a linha não é projetada para o peso fora da água e arrebentou! Depois de tanto trabalho e tão bela briga, Alcides pensou: “Se ele for pra água, pulo atrás dele”. Para sua sorte, isso não foi necessário. O bichão caiu com o dorso para

baixo, deixando à mostra sua bela barriga branca que reluzia ao sol. Alcides se adiantou e o segurou pela cauda e guelras e o levou para distante do rio. E de joelhos, sentado sobre os calcanhares e as mãos sobre as coxas, relaxou!

Era um barbado de 8kg, “que belo bagre!” Alcides o levou para o acampamento, limpou e pôs no gelo. Não sem antes beber algumas cervejas, que o refrescaram. Sentia-se como se tivesse vindo de uma batalha. Batalha com um nobre adversário e, enquanto o limpava, o fazia como se cuidasse de um guerreiro vencido, depois de uma grande e respeitosa luta. Limpo e lavado, o colocou no gelo e acendeu um charuto em homenagem ao seu ilustre êmulo e a si mesmo pela magnífica vitória.

Luiz voltou do hospital: tinha um enorme curativo no rosto. Alcides ficou preocupado, mas ele foi logo explicando que o corte fora pequeno, porém o médico não estava conseguindo fazer um curativo menor, pois o suor não deixava o esparadrapo aderir à face direita de Luiz. Explicou também que não precisavam voltar, pois teria que tomar analgésico e não beber. E como sabia que essa recomendação não seria cumprida, aumentou a dosagem e diminuiu o intervalo das doses.

Alcides mostrou o peixe e todos duvidaram que ele tivesse pegado aquele bichão sozinho, insinuando que ele havia comprado de algum pescador que passou pelo acampamento. Foi necessário mostrar-lhes as vísceras jogadas na beira do rio e o sangue onde havia limpado o peixe.

Foram bons dias de sol, de boa pesca, de banhos de rio e muita cerveja. Longe das pressões para manter as estatísticas de prisões, do mundo triste das drogas e dos interesses políticos por trás de todas as ordens superiores.

CAPÍTULO XLVIII

Quando voltou da pescaria, havia várias mensagens na sua secretária eletrônica. Eram de um colega que trabalhava no presídio. Marcou com ele no Fausto & Manoel, que ficava perto do seu apartamento e era frequentado por policiais, promotores, juízes. Na mesma noite tinha combinado de encontrar com Pedro e Heitor. Chegou ao final da tarde e foi recebido por um dos donos, um sujeito alto, cabelos claros, magro, com um belo sotaque do Sul. Muito simpático e atencioso, havia começado sua carreira como garçom e junto com outro colega comprou aquele restaurante, que na época estava em crise e o transformou em um dos mais badalados da cidade. Logo depois chegaram Pedro, Heitor, Luiz e Alberto. Alcides pediu sua garrafa de J&B e os demais pediram cervejas. O jovem empresário os serviu pessoalmente, se desculpando; teria que se ausentar, por estar indo a outro bar, também de sua propriedade, na Asa Norte. Que eles não se preocupassem, o gerente os atenderia. O gerente era também sócio em outro estabelecimento do grupo. Era mais baixo e meio gordo, cabelo curto, bem barbeado, sempre com camisa social de mangas longas e gravata. Tinha realmente o dom para aquele trabalho. Era educado, atencioso, mas muito sério no atendimento, embora soubesse cativar os clientes com suas qualidades. Alcides se tornara rapidamente próximo deles e às vezes bebiam juntos nos dias em que eles não estavam trabalhando, obviamente, em outros bares do bairro, pois raramente eles bebiam em seus bares. Uma hora depois chegou Gustavo, o colega que trabalhava no presídio. Cumprimentou a todos e disse que precisava falar em particular com Alcides sobre umas ameaças que ficara sabendo. Alcides

esclareceu que todos eram de confiança e que ele poderia falar abertamente.

— Pois bem! O playboy que vocês prenderam anda falando que vai matá-lo – falou Gustavo.

— O que é isso, Gustavo? Tu sabes que isso é normal. Manda-o pegar uma senha e entrar na fila. – disse sorrindo Alcides – Quem aqui já não foi ameaçado? – perguntou a todos.

— É verdade, a maioria fala isso pra dar uma de valentão na cadeia – interferiu Luiz.

— Mas, neste caso, foi numa escuta da nossa inteligência lá no presídio. – contestou Gustavo – Falei que te conhecia e que poderia te falar, mas o delegado disse para não te falar, pois poderia alertá-lo que estávamos com uma escuta.

— Gustavo, se fosse realmente sério, ele pelo menos comunicaria ao meu delegado-chefe que me colocaria, por enquanto, em trabalhos internos ou pediria proteção pra mim junto ao pessoal das Operações Especiais – questionou Alcides.

— Mas ele comunicou. Eu vi o memorando para o seu delegado. Eu até achei que era por isto que o seu celular estava desligado, que tu tinhas viajado. Porém, quando encontrei com o Dr. Paulo Feitosa, das Operações Especiais, perguntei se eles estavam fazendo a proteção de algum “cana”. Ele disse que não. Não falei nada pra ele, mas te liguei porque achei estranho. Cara! Achei que o Dr. Paulo não estava disfarçando, realmente ele não estava sabendo de nada.

— Se o Paulinho estivesse sabendo de algo teria me falado. Vocês sabem que ele é meu amigo – mais uma vez interferiu Luiz.

— É melhor você ligar para ele agora – disse Alberto.

— Não! Vamos aguardar, deve ser só
fala de malandro covarde. – exclamou Alcides – Faz quanto tempo
isso, Gustavo?

— Umas, duas semanas.

— O que acha, Alcides? Quer que ligue pra ele? – perguntou
Luiz.

— Não! Vamos esperar. Agora vou
ficar com medinho de traficante? – interrompeu Alcides acenando
para o garçom. – Planalto, peça para o cozinheiro preparar aquela
salada de camarão e bacalhau no capricho, diz que é pra mim. –
voltou-se para a turma e... – Todos vão de salada?

$\frac{3}{4}$ Tem certeza? – perguntou Luiz.

— Tenho! Vamos beber e brindar a
prisão daquele playboy filho da puta.

O assunto foi encerrado com um brinde e a noite prosseguiu
como sempre, com histórias de casos anteriores. Logo, logo
estavam todos sorrindo, bêbados. E com o primeiro bilhete que
Alcides mandou para a mesa próxima, que estava só com mulheres,
a noite realmente ficou divertida, pois elas juntaram as mesas.
Alberto e Heitor foram embora e os solteiros ficaram com as novas
amigas.

CAPÍTULO XLIX

Depois das supostas ameaças, a equipe estava sempre perto de Alcides, nunca o deixando só. Fizeram um flagrante logo cedo, pela manhã. Tinham ido buscar Alberto em Taguatinga e, na volta pela via Estrutural, Alberto suspeitou de dois motoqueiros. Resolveram abordá-los e quando ligou a sirene o carona começou a jogar algo na pista. Rapidamente foram interceptados. Alcides foi recolher o que havia sido jogado no asfalto; e Alberto e Heitor botaram as mãos nos suspeitos. A suspeita de serem assaltantes não se confirmou, mas o que estava sendo atirado no asfalto eram tabletas de maconha. E assim se deu um dos mais fáceis flagrantes da equipe.

No fim da tarde, Alcides encontrou com Pedro no Fausto & Manoel. Alcides gostava de comer dourada com molho de alcaparras, peixe de carne consistente e saborosa. O gosto forte das alcaparras e o azeite aprimoravam o paladar.

Pedro disse que estava pensando em casar. Tinha conhecido uma menina, nas férias em Maceió, e resolvera casar. A conversa então girou em torno do assunto. Questionou Alcides, perguntando se ele não pensava em casar, se não desejava ter alguém? Ele respondeu que Brasília era uma cidade de muitas baladas e que, talvez por seus habitantes não possuírem raízes na cidade, as mulheres se comportavam como estudantes em congressos, ou seja, “aqui podemos tudo, ninguém vai ficar sabendo e, quando voltarmos, tudo fica como deixamos.”

— Mas logo quando chegamos você namorou uma professora, não foi? – lembrou Pedro.

— É verdade! Era nordestina, uma bela menina, honesta, trabalhadora e bonita, é claro!

— Pois é! E o que houve?

— Faltava amor. Ela tinha tudo o que um homem pode desejar em uma mulher, mas infelizmente eu não a amava.

— Essas coisas são complicadas, mas tu és muito sonhador. Tinha que ter casado com ela. Mulher assim não é fácil de achar.

— Meu amigo! Tive um grande amor. Já te falei da procuradora que namorei – Alcides contou por alto sua relação com Catarina. – Com Catarina tudo era diferente, uma coisa que não sei explicar direito. O olhar, o toque, a vontade de estar perto e, quando perto, se quer estar juntinho. Sem falar no sexo, isso é inexplicável!

— Você nunca soube o verdadeiro motivo da separação?

— Não! Nunca a encontrei depois que voltei de Cuba.

— Mas, hoje como policial, tu consegues facilmente.

— Não faria isso. Acredito que quando uma mulher resolve terminar um relacionamento é porque já tentou de tudo e seria besteira minha insistir.

— Você ainda gosta dela?

— Como dizia Nelson Rodrigues: “Todo amor é eterno e se acaba, não era amor.”

— Mudando de assunto. O delegado está no teu pé, te escalou para aquele evento ridículo, em que a gente não prende ninguém. Só nos expomos, pois temos que trabalhar, por ordem de serviço, com o distintivo à mostra.

— Pedro, vou entrar e sair na boa. Mas não vamos falar disso, não. — acenou para o garçom — Mais uma cerveja.

CAPÍTULO L

Como havia planejado, o delegado-chefe começou a escalar Alcides para serviços extras. Na grande maioria, eram serviços que não rendiam frutos. E um deles seria um festival de música eletrônica. Ninguém da sua equipe fora escalado, à exceção de Fred. Mas Alcides teria como parceiro um bom policial, Ruan, cabelos claros, pele branca. Não era alto, mas um sujeito forte, atlético, valente e honesto. Além disso, Ruan era de total confiança. Uma colega, Maria, também faria parte da equipe.

Chegaram cedo ao local e foram aos camarotes, onde havia denúncias de que haveria tráfico de *ecstasy*. Na portaria foram informados que sua entrada não era permitida, e que esta era a determinação do Coronel. O coronel ao qual o porteiro se referia era da PM, que era dono da empresa de segurança e que sempre criava problemas com a entrada de policiais nos eventos que sua empresa coordenava. Mesmo sendo proibido por lei de praticar tais atividades, ele seguia firme em sua atividade paralela, pois tinha boas relações, tanto na PM como nas demais forças policiais, graça aos presentes e favores que prestava à cúpula de tais forças. Porém o porteiro foi devidamente informado que, como policiais, por força de lei federal, tinham livre acesso a eventos públicos e até mesmo particulares, desde que estes fossem cobrados. Forçaram e entraram, mas ainda era muito cedo e essas baladas só começam bem tarde. Deram uma olhada e saíram.

Enquanto conversavam, Alcides salientou que quando voltassem e lá estivesse o "coronel", eles teriam problemas, mas Fred era o maior entusiasta para voltarem e foi o que fizeram.

Decidiram que retornariam, apenas por precaução Alcides solicitou apoio de uma equipe de operações especiais e aguardaram a chegada da equipe. Não discutiriam com porteiros ou nem mesmo com o "coronel", que naquele momento não desempenhava tal função, e sim a de empresário e chefe da segurança. Ao se aproximarem da portaria dos camarotes, observaram uma grande desordem, com vários policiais e representantes de órgãos de fiscalização sendo barrados pelo tal do "coronel". Estavam discutindo com o "chefe da Segurança", conforme estava escrito no crachá pendurado no pescoço do "coronel", policiais das delegacias, de roubo, proteção à criança, delegacia da área, além do juizado de menores e o representante da Secretaria de Segurança Pública. Todos sendo barrados. A equipe de Ruan e Alcides chegou acompanhada da de operações especiais e informou que quem estivesse obstruindo a entrada deles seria preso.

— Sou eu quem não autorizo – berrou de forma arrogante e altiva o chefe da segurança.

— Se o senhor continuar com esse comportamento, seremos obrigados a prendê-lo – falou Ruan.

— Então prenda! – esticando os braços à frente.

Imediatamente Ruan agarrou-lhe a mão direita, levando-a às costas, enquanto Alcides pegava o outro braço. O chefe da segurança, surpreso, tentava se desvencilhar. E Alcides ficou vendo todos os outros policiais apenas assistindo, inclusive a equipe de apoio. Fred havia sumido e, quando a equipe de operações especiais aproximou-se, o "coronel" gritou para o líder da equipe:

— Porra, Guilherme! Vai deixar eles me prenderem?

O chefe da equipe, encolheu os ombros em sinal de que nada poderia fazer. Só então Alcides percebeu que eram amigos e que por isto a equipe não o estava ajudando. Finalmente conseguiram algemá-lo. Um homem com camisa de segurança se aproximou e aos berros se identificou como Capitão, dizendo:

— Vocês não podem prendê-lo, ele é um Coronel!

— Não estávamos prendendo coronel nenhum, estamos prendendo o chefe da segurança que estava obstruindo o trabalho

da polícia – disse Ruan.

O Capitão chegou mais próximo. Nesta hora Ruan sacou a arma e Alcides também. E o Capitão recuou, mas os seguiu e, a cada guarnição por quem passava a caminho da viatura, ele pedia, inutilmente, ajuda dos PMs que, mesmo sabendo quem estava sendo preso, nada podiam fazer, e até viravam as costas. O tal “Coronel” não era lá muito bem quisto pelos policiais subalternos e, afinal, ele estava infringindo a lei. Foi colocado no banco de trás da viatura das operações especiais (OE). Alcides, Ruan e sua equipe seguiam a viatura da OE para a entorpecente quando José Pipoca ligou dizendo que era para levá-lo para a delegacia da área. Ficaram irritados, mas não podiam descumprir.

Assim que houve essa mudança, Alcides percebeu que tudo poderia se voltar contra eles. Imediatamente, Maria começou a ligar para todos os policiais da seção, para se deslocarem até a delegacia da área. Lá, o chefe da segurança já descera da viatura sem algemas e sem o crachá que o identificava como segurança. Foi colocado na sala do delegado de plantão e não no banco de suspeitos. Quando o delegado-chefe da delegacia da área chegou, aí tudo se complicou. O homem mandou que todos os policiais envolvidos aguardassem no estacionamento e determinou que não fosse feito o flagrante, que seria registrada apenas uma ocorrência de apuração. Colocou na ocorrência apenas a versão do “coronel” e dispensou os agentes, sem mesmo ouvi-los. Tempo depois, fora aberta uma sindicância para apurar a conduta dos agentes, mas nada puderam fazer contra eles, pois tiveram um comportamento exemplar. E ao coronel, nada aconteceu.

CAPÍTULO LI

Pedro, sem que Alcides soubesse, descobriu que Catarina estava morando em Brasília, e resolveu procurá-la. Por telefone identificou-se e marcou audiência no suntuoso prédio da Procuradoria Geral da República. Eram dois grandes edifícios circulares, espelhados e ligados por dois corredores suspensos também espelhados. Um, no último andar e o outro em um andar intermediário. Assim que entrou na sala dela, informou que o motivo da sua presença era particular, pois era amigo de Alcides. Catarina vestia um *tailleur* preto e blusa branca, o que transmitia seriedade e austeridade.

— Quando o senhor ligou, pedi para que fosse feito um pequeno levantamento. Então descobri que era alagoano e que trabalha com ele.

— Na realidade somos amigos desde Maceió. Ele me contou sobre vocês. E não entendo como podem ter se separado.

— Não achei justo que ele tivesse que passar por tudo que eu estava passando. Só consegui ter sossego depois que vim morar aqui.

— Doutora, desculpe-me. Mas não acredito, nem ele, que esse foi o verdadeiro motivo. É óbvio que não tenho nada com isso. Só sei de uma coisa, ele ainda a ama!

Catarina baixou a cabeça, juntou as mãos e encostou a ponta dos dedos junto à boca. E voltou a olhar para Pedro.

— Ele sabe que estou aqui? Sabe que o senhor me achou? – perguntou Catarina.

— Não, doutora. Ele não sabe. Sugeri que tentasse te encontrar, mas ele se recusou. Disse que era um direito seu deixá-lo e que mesmo a amando não a procuraria

— Ele está com alguém?

— Não.

— Está feliz?

— Ele se orgulha de ser policial, mas tem tido alguns problemas com o nosso delegado, que é incompetente e desonesto. A senhora precisa ver como os olhos dele brilham quando fala nas mudanças na carreira policial. Ele defende um projeto de carreira única para as polícias judiciárias.

— Ele sempre foi um idealista – disse Catarina com um pequeno sorriso.

— Ele deixou a fotografia para começar uma nova vida, e começou, mas lhe faltou alguém, que esperava que estivesse ao seu lado, nesse novo começo.

— Pensei várias vezes em procurá-lo e semana passada o vi nos jornais, pela prisão do tal coronel. Hoje o senhor me aparece aqui...

— Olha que deve ser o destino – brincou Pedro.

— Não sei, tenho medo que ele não me ame mais, que tenha magoa...

— Uma coisa eu garanto: ele te ama! – interrompeu Pedro.

— Como sabe? Ele te falou?

— Quando perguntei, ele citou um cara, não lembro quem, que disse: “Que se o amor é verdadeiro, ele nunca acaba.” Ou algo assim. Acho que vocês deviam pelo menos conversar.

O telefone tocou. Era a secretária de Catarina, informando que estava na hora de uma audiência.

— Tenho uma audiência, mas muito obrigada por me ter trazido notícias de Alcides.

— Tem certeza que não vai tentar? Pelo menos conversar?

— Estou confusa, mas, se não se incomodar em me dar o número de seu celular, posso ligar para você se resolver algo.

— Claro! – e Pedro anotou dois números em um papel e entregou a ela. – Este de cima é o dele, caso queira ligar direto pra ele.

Pedro foi embora sem muita esperança de que a visita dera certo. Afinal ela já sabia que Alcides morava em Brasília e não o procurara. O que será que realmente acontecera para ela tê-lo deixado? Ela ficou abalada com a visita, nervosa, trêmula, sinal que ainda sentia algo por Alcides.

CAPÍTULO LII

Alberto tinha uma informação de tráfico na Asa Sul, mas o delegado colocou toda a seção em trabalhos internos, como levantamentos pelo disque-denúncia, pedido de mandado de busca para uma operação, “grande” para apresentar à imprensa. E só Alcides estava livre, e assim foram os dois. Chegando ao local perceberam o traficante na quadra. Um automóvel se aproximou, ele encostou-se à janela, falou algo e mandou o carro fazer o retorno enquanto foi pegar alguma coisa no beco entre as lojas. Voltou e entregou, recebendo algo em troca. Como só estavam os dois, resolveram abordar um “16” (usuário), que fizesse a compra a pé. Combinaram também que ficariam em lados opostos da quadra e, dependendo do lado que fosse o “16”, o primeiro seguia enquanto o outro chegava para abordarem juntos.

Nisso, chegou um jovem, aparentando ser menor, e fez contato do lado de Alberto, comprou e deu a impressão que mudaria de lado, mas não o fez. Voltou pelo beco e caminhou para dentro da quadra residencial. Não podiam deixá-lo entrar no bloco. Alcides apressou o passo para apoiar Alberto, pois sabia que se não chegasse a tempo Alberto faria a abordagem só. Alberto era alto, homem de estrutura grande e forte. Ele faria a abordagem só se Alcides não o alcançasse. Alberto foi atrás pelo meio da quadra e Alcides seguiu por cima, adiantando-se para fechar em arco e chegar pela frente do usuário. Este desconfiou de Alcides e, com isso, não percebeu a aproximação de Alberto que, com o braço esquerdo, deu-lhe uma gravata, enquanto com a mão direita impedia-o de dispensar a droga. Alcides correu para ajudá-lo.

O problema agora era: o que fazer com o usuário? Se o levassem para a delegacia mais próxima corriam o risco de perderem o traficante, que poderia ir embora ou mudar de lugar. Resolveram arriscar. Deixariam o usuário algemado no cinto de segurança da viatura, pois usavam viatura descaracterizada; portanto, sem cubículo. Quando voltaram à quadra viram no lado oposto e acima um veículo parado, com o traficante agachado na janela do carona. Alcides subiu a rua e Alberto a atravessou para o lado em que estava o carro. O traficante se afastou e o automóvel continuou parado. Isto significava que a transação não havia se completado, dando tempo para a aproximação deles, e foi o que aconteceu. Alberto chegava por trás do veículo. Alcides sacou a arma e atravessou abaixado, desviando entre os carros que trafegavam na rua. As buzinas despertaram os suspeitos, mas Alberto já estava em cima, na porta do motorista, e Alcides saltou o capô do automóvel e acertou, bem nas costas, o traficante que tentava fugir. Com a agitação, algum transeunte que passava chamou a PM, que chegou rápido ao local e percebeu se tratar de uma abordagem policial. Observaram também que eles estavam sós e se prontificaram a ajudá-los. Encontraram o local onde o traficante guardava o resto das drogas e foram todos para a delegacia, para surpresa do delegado, que pensou que, deixando os dois sós, eles não conseguiriam fazer nenhum flagrante.

Alcides estava na seção fazendo a vida pregressa de um dos presos, quando seu celular tocou. Era um número desconhecido, e pensou em não atender, mas poderia ser algum informante e atendeu:

— Alô! Pois não?

— Oi! Como você está? – disse uma voz feminina

Alcides deixou cair a caneta. Ficou pálido e quase não conseguia falar.

CAPÍTULO LIII

Nesse exato momento, Heitor entrou na sala e percebeu que Alcides não estava bem.

— Você está passando bem, Alcides?

— Heitor, você pode terminar pra mim?

— Claro!

— Obrigado, amigo! – e Alcides saiu para conversar no jardim da delegacia.

A noite estava agradável, não fazia calor, e podia ver-se a lua crescente por trás das árvores.

— Você está ocupado? – perguntou ela.

— Não! Estou na delegacia num flagrante, mas posso falar.

— Vi notícias suas nos jornais. Uma prisão que fez.

— É. E você, como está?

— Estou bem.

— Como... não... estou vendo que o número de que está me ligando é de Brasília. Vai ficar até quando por aqui? – perguntou Alcides.

— Este número é meu. Estou morando aqui desde quando nos falamos da última vez.

— Faz muito tempo – afirmou Alcides, ao ouvir chamar seu nome.

— Estão te chamando, é melhor você ir – disse Catarina.

— Não preciso ir agora. Espera um pouco?

— Tudo bem!

Alcides conversou com Alberto, pois precisavam resolver algumas burocracias do flagrante. Alcides chamou Pedro e, quando ele chegou, apontou para o celular e gesticulou: “É ela! Segura o serviço para mim?” Pedro sorriu e respondeu que sim.

— Oi, voltei.

— Não quero te atrapalhar, podemos conversar depois – disse Catarina.

— Não tem problema, um colega está resolvendo pra mim.

— Mas, de qualquer forma, você está trabalhando e podemos conversar num momento mais tranquilo. Posso te ligar amanhã?

— Claro que sim! – respondeu ansioso Alcides

— Amanhã é sábado, você tem algum programa para o almoço?

— Não tenho nada marcado.

— Combinei de almoçar com uma amiga, no parque. Gostaria de se juntar a nós?

— Claro, mas lembrei que havia marcado com um amigo também. Haveria algum problema se o levasse?

— Sem problemas. Então, nos veremos amanhã. Tenha um bom trabalho e boa noite!

— Boa noite, Catarina!

Alcides estava em êxtase. Não sabia o que pensar, só sabia que estava muito feliz. Em seguida, encontrou Pedro no corredor e o sorriso tomou conta do seu rosto. Parecia entender a felicidade de Alcides. Pedro o abraçou demonstrando compartilhar aquele momento tão importante para o amigo. O delegado, saindo da sua sala, se aproximou deles.

— Parabéns pelo serviço! Você está numa escala amanhã.

— Como? – exclamou Alcides franzindo a testa.

— Doutor, eu vou! – interrompeu Pedro.

— Você já trabalhou hoje, amanhã é ele – ordenou o delegado.

— Não vou! – disse Alcides. Enquanto isso Pedro o acalmava e ficava entre os dois.

— Vai desobedecer a uma ordem? – perguntou o delegado.

— Não! – respondeu aparentando calma. – Pode fazer a ordem de serviço. Ah! Só não esqueça que esse tipo de ordem tem que ser feita com 48h de antecedência. Tenha um bom fim de semana, segunda a gente se vê! – ironizou Alcides.

Virando as costas, Alcides saiu acompanhado por Pedro e deixando “a delegada” Pipoca sem ação.

CAPÍTULO LIV

Alcides quase não conseguiu dormir, tamanha a ansiedade. Só foi pegar no sono lá pelas três da manhã e acordou as oito. E ainda faltavam quatro horas para o almoço. Ela havia falado que iria com uma amiga, talvez não quisesse ficar a sós com ele no primeiro encontro. Ligou então para Heitor e explicou a situação. Heitor prontamente disse que iria com ele. Combinaram de se encontrar às onze da manhã no *Alpinus*.

Quando Heitor chegou na hora combinada, Alcides já o esperava. Enquanto esperavam Catarina e a amiga chegarem, Alcides contou superficialmente sua história com Catarina e, ao descrevê-la, a pintou como a mulher mais bonita do mundo. Chegou a compará-la com uma atriz famosa, de que não lembrava o nome, mas, falando sobre os papéis que ela tinha feito, Heitor se lembrou da tal atriz.

Meio-dia e meia, ele a viu entrando. O garçom perguntou-lhe algo e ela respondeu. O garçom virou-se para a mesa de Alcides e apontou: Alcides era um velho cliente. Catarina então acenou e deu um lindo sorriso, sorriso verdadeiro, já caminhando em sua direção.

— Oi! Demoramos? – perguntou a amiga de Catarina, enquanto os dois só se olhavam em silêncio.

— Claro que sim! – brincou Heitor e todos riram.

Depois dos cumprimentos e apresentações, sentaram-se. E a conversa caminhou naturalmente para o clima de Brasília. A amiga era de Minas e estava há pouco tempo na cidade. Heitor, que era brasileiro, pôs-se a explicar-lhe como funcionavam as estações. Catarina ouvia as explicações e Alcides demonstrava estar atento,

mas não parava de contemplar seu grande amor. Tinha certeza que o tempo nem a distância o fizera morrer. Ela sorriu com as explicações e, vez por outra, percebia que Alcides a olhava. Então ria para ele e voltava a prestar atenção em Heitor. Não estava acreditando que ela estava ali, e que tudo podia voltar.

Almoçaram e continuaram a conversar amenidades. A amiga tinha um compromisso e tinha que ir embora. Mas sugeriu se encontrarem à noite para dançar em alguma boate. Heitor disse educadamente que não podia. Ela então propôs irem os três. Naquela altura dos acontecimentos, Alcides concordaria com qualquer coisa, desde pudesse estar com Catarina novamente. E ficou combinado para as dez horas na casa da amiga, e que Alcides buscaria as duas.

A amiga morava na Octogonal, em condomínio de apartamentos próximo ao Parque da Cidade. Ao subir ao apartamento se deparou com uma reunião de amigos. Entrou e foi apresentado a todos como um velho amigo de Catarina. Ficou apreensivo, pois pretendia conversar a sós com ela e não em uma festa. Catarina o deixou aos cuidados da amiga, pediu licença e entrou em um corredor, rumo aos quartos.

— Alcides, infelizmente, eu não vou poder acompanhar você e Catarina à boate. Meu marido marcou esta reunião e não me comunicou nada – disse a amiga.

Nesse momento, Catarina chegou e cobrou a mão no braço dele:

$\frac{3}{4}$ Podemos ir, só fui pegar minha bolsa.

— Olhe, Alcides! Toma conta da minha amiga, viu? – falou a amiga em tom de brincadeira.

— Não se preocupe, tomarei – respondeu Alcides aliviado e feliz pela oportunidade de sair com Catarina.

Despediram-se de todos e saíram. No elevador, ele falou para Catarina o quanto ela estava linda! Trajava um vestido preto, justo

ao corpo, pouco acima dos joelhos, cabelos soltos, e seus olhos brilhavam.

Na porta da boate, Catarina perguntou se poderiam conversar antes num barzinho que ficava em frente, já que na boate não seria possível. Alcides concordou plenamente, mesmo porque não gostava de boates.

Conversaram sobre os tempos de namoro, das viagens a Minas. Falaram sobre os problemas vividos por Catarina e que a levaram a deixar Minas Gerais. Ela explicou que nada daquilo teve relação com as visitas que Alcides fez a ela. Não falaram sobre a separação. Estavam felizes, e nem um nem o outro queriam falar sobre os problemas que levaram à separação. Só queriam recordar a paixão que viveram um dia; era isso o que importava para Alcides: reconquistá-la! Ele estava extasiado de felicidade. As horas passaram sem que eles percebessem. Até que o garçom perguntou:

— Vocês não vão à boate? É que nós só ficamos abertos enquanto as pessoas esperam para entrar; depois fechamos.

— Claro, amigo! Pode fechar a conta. — respondeu Alcides — Gostaria de entrar? — perguntou a Catarina.

— Não. Gostaria de continuar conversando. — mas olhou o relógio — Nossa! Já são duas horas! Preciso voltar!

— Queria tanto te mostrar umas fotos que fiz em Cuba.

— Mas já está muito tarde.

— Amanhã é domingo. O que importa a hora?

— Teria que voltar... mas vamos!

No apartamento, Alcides pegou duas cervejas e foi procurar as fotos que havia feito em Cuba. Ao passar as fotos suas mãos se encontraram e também os olhares. Alcides acariciou o rosto de Catarina, aproximando-o do seu e beijaram-se. Catarina pediu para ir ao

banheiro. A quitinete tinha uma pequena sala, um corredor onde funcionava a cozinha e, logo após, o quarto e o banheiro. No quarto havia uma grande janela. Quando Catarina saiu do banheiro, Alcides estava na janela e, tal qual ele fez com ela na sua primeira noite em Olinda, ela o abraçou pelas costas. Não soprava a leve brisa do Atlântico, mas o favônio frio do cerrado. Sua delicada mão sobre os peitos dele o aquecia e o confortava. E aquele sentimento que jamais pensara voltar a tê-lo, agora tomava conta dele. Ele virou-se e a beijou apaixonadamente, ao passo que abria o zíper do vestido, deixando-o deslizar do corpo para o chão. Pôde então sentir os seios de Catarina tocar seu corpo. Deixou-se também cair para poder então beijar seus seios pequenos e rijos, sua barriga e todo seu corpo, que ele tanto amava.

— Prometa que nunca mais vai me deixar! – disse Catarina.

— Nunca! Nunca mais te deixarei, meu amor! – respondeu Alcides.

Acordou mais cedo que Catarina, foi à padaria, comprou pão de queijo, que ela tanto adorava. Preparou uns ovos mexidos, café, leite, suco e pão, e a acordou com beijos, servindo-lhe o café ali mesmo. Ela havia pedido para que ele a acordasse antes das 9h. Tinha combinado com a amiga ir ao Parque da Cidade, mas depois do café, Catarina ligou para a amiga desmarcando, passaria o dia com ele.

CAPÍTULO LV

Alcides propôs viajarem para Pirenópolis, cidade do Goiás, a pouco mais de 100km de Brasília. Ela falou que não conhecia ainda, mas que adoraria. Poderiam marcar então para o próximo fim de semana; porém a ideia dele era viajarem naquele momento. Ele disse que ligaria para os colegas e estes falaria para o delegado que ele estava infiltrado e, portanto, passaria uma semana sem aparecer na delegacia. E ela, que era promotora, poderia dar um jeito. Era loucura! Ela nunca tinha feito isso!

— Mais um motivo para fazer, e quer um motivo melhor? — perguntou ele.

Catarina ligou para a amiga e esta apoiou a ideia de Alcides. Imediatamente ligou para a sua assistente e pediu para desmarcar todos os compromissos da semana, e informar que ela estava com enxaqueca. Alcides arrumou uma pequena mochila e foram para o apartamento dela fazer o mesmo.

No início da tarde chegaram a Pirenópolis, ainda a tempo de almoçarem na cidade. José sempre viajava para lá e, portanto, conhecia bem a cidade. Sabendo disso Alcides ligou para ele e pediu uma sugestão de pousada. "*Pouso da Lapa*" foi a indicada. Era uma bela pousada, administrada por duas irmãs, que transformaram o antigo quintal em um belo espaço. Os quartos foram construídos nas laterais do enorme quintal, muito arborizado e que corria no meio, vindo de uma nascente acima, um pequeno veio de água perene. E o som de água corrente era maravilhoso. Catarina gostou do local e também das irmãs, moças muito simpáticas, com um belo e forte sotaque goiano.

Acomodaram as coisas no quarto e saíram para conhecer a cidade. Foram orientados a subir a rua e, um pouco mais à frente, dobrar à direita, que estariam na igreja matriz, centro cultural da cidade. Igreja construída no início do século XVIII, que têm suas fundações feitas de cantaria (pedra) e suas paredes em taipa de pilão (barro socado). Suas torres são construídas de adobe, tijolos curados ao sol, e as paredes frontais são reforçadas por gaiolas de aroeiras. Uma esplêndida igreja! Em suas escadarias à frente, jovens conversavam e namoravam discretamente.

A rua em frente e à esquerda da igreja era conhecida como rua do lazer, ponto de encontro de festa, shows, gastronomia e boemia. A Rua do Rosário, antes povoada por habitantes tradicionais, com suas casas coloniais se transformara em uma rua onde se concentram bares e restaurantes, com mesas espalhadas pela rua, música ao vivo, muita alegria e cordialidade das pessoas dessa cidade goiana.

Catarina e Alcides sentaram-se numa mesa do lado de fora de um barzinho, pediram uma cerveja e, enquanto Catarina olhava o cardápio, ele admirava seus cabelos negros, longos e sua pele. E pensou: “Como pude ter vivido sem esse amor por tanto tempo?” O mundo parecia se movimentar em suaves quadros. Alcides ouvia uma música ao longe e mais nenhum som ele escutava. Um êxtase tomava conta da sua mente. Era isso. Ele estava feliz! Pegou a mão de Catarina, beijou e, aproximando-se, beijou-a na boca. Nunca sentira tanto prazer em um beijo, como agora.

Foram informados pelo garçom que, logo mais à noite, haveria ali música ao vivo. Um cantor local interpretaria Djavan, e perguntou se eles gostavam. Alcides disse que gostavam sim, e que, além de gostar da música, eram conterrâneos. Foi quando o garçom, surpreso, falou que eles não tinham cara de baianos. Alcides e Catarina sorriram e o garçom não entendeu nada! Só depois Catarina, muito delicadamente, explicou que Djavan nem eles eram baianos e sim alagoanos.

Quando voltaram para a pousada, sentaram em uma mesinha em baixo de uma árvore, no pátio em frente ao quarto deles. Como era domingo a maioria dos hóspedes já havia indo embora ou estavam de saída. Alcides perguntou a um casal que arrumava as coisas para partir, se eles se incomodavam que ele acendesse seu charuto. E com a resposta negativa, Alcides começou a fumar, enquanto Catarina fora pegar uma cerveja no quarto. Quando voltou sentou ao seu lado.

— Acho que te devo uma explicação – disse Catarina.

— Você não me deve nada, minha filha!

— Nunca te expliquei o verdadeiro motivo da nossa separação.

— Não importa. O que importa é que estamos aqui e nada neste mundo vai me fazer te perder novamente. Encontrar-te reacendeu em mim o desejo de te desejar, poder sentir o que a imaturidade não me permitia, mas tu voltaste, e tudo agora é diferente, meu olhar e o teu, tua vida e a minha. Não vou te perder!

— Eu te amo, Alcides! E nunca deixei de te amar, mas preciso te falar uma coisa.

— É óbvio que o motivo dado, à época, não era a verdade.

— Em parte, sim!

— Você lembra que chegou a dizer que não era justo eu ter que recomeçar cada vez que precisasse mudar?

— Não era justo você não ter uma vida normal por minha causa.

— Mas como assim, normal? Não existe vida normal quando...

— Vou te contar o que realmente aconteceu. Lembra que você deixou o seu celular com o Henry? E se caso eu precisasse mandar algum recado pra você, poderia confiar nele?

$\frac{3}{4}$ Claro!

— Então, um dia liguei para ele, e ele disse que estava indo para o seu apartamento fazer a faxina e se eu não queria ligar lá.

Nesse momento, Alcides baixou a cabeça, e, quando a ergueu novamente, voltou a olhar para ela, que prosseguiu:

— E eu liguei. Quem atendeu foi Maria Clara. Ela ficou nervosa e disse que era sua faxineira, mas era evidente que pela forma como atendeu, toda alegre, talvez estivesse pensando que fosse você. Afinal quem ligaria pra sua casa estando você em Cuba? E também pelo jeito de falar, não era uma faxineira. Sempre soube que você tinha outras mulheres quando fui morar em Minas. Compreendo que era difícil pra você não tê-las, mas Alcides, eu senti duas coisas na hora: primeiro, ciúme por ela estar no seu apartamento, ou seja, não era um simples caso, para ela ter a chave; segundo, e aí eu não menti; ela pareceu ser culta e novinha, e estava apaixonada por você. Estava nervosa e tratava você por Dr. Alcides, e sei que ninguém te chama assim, só quem sabia que você havia deixado a faculdade de medicina no 5.º ano, seus colegas de faculdade e Henry. Vocês tinham intimidade, e realmente achei que era melhor você ficar com ela, já que pretendia recomeçar, e não comigo.

— Não existe nada que eu possa falar que mude o que fiz. Pedir desculpa seria até ridículo.

— Nem precisa! Eu te amo e entendo o que aconteceu. Mas me deixe terminar. Ela sabia da nossa relação, e que éramos namorados, mas não sabia quem eu era. Isto você não falou. Não sabia quem eu era realmente, a promotora que saiu de Maceió para

não ser morta pelo sindicato do crime. Isto você não falou, pois podia ser perigoso para mim. Sabia que você me amava e mesmo assim queria estar com você. Fi-la pensar que não havia notado nada, e a convenci de me dar o celular dela e, conseqüentemente, foi fácil saber quem ela realmente era: estudante de jornalismo de uma família de classe média, o pai professor da UFAL (Universidade Federal de Alagoas).

Alcides foi do mais alto nível de felicidade ao mais alto grau de amargura. Como pudera ter feito Catarina sofrer desse jeito? Que tipo de homem era ele? As lágrimas desciam pelo seu rosto. Ele olhava para Catarina, e como tinha orgulho daquela mulher! Que passando pelo que passou na vida, só tinha em mente uma preocupação, não fazer o homem que amava se sacrificar ou sofrer por ela.

— Não fique triste, esse tempo ruim passou e agora nada mais nos separará. Tenho muito orgulho de você! É um homem honesto, valente, nunca me deixou e sempre esteve ao meu lado, com coragem e amizade. Deixou toda a sua carreira pra recomeçar comigo. Eu fui infantil e medrosa em ter te deixado. Deveria ter conversado com você; afinal você foi a Cuba para a gente ficar juntos, sem ter que depender do meu dinheiro. Admiro muito sua coragem e de ter lutado pelo nosso amor. Agora entendo quando me falou de Cuba, que tem gente que passa a vida inteira e não encontra. Agora vejo tudo claramente e te amo mais ainda. A cada segundo, cada minuto... a cada dia te amarei mais.

— Você é a pessoa mais bondosa que já conheci na minha vida. Eu te amo! Tenho um profundo orgulho de você, tanto como mulher, profissional e amiga. Nunca! Nunca mais deixarei alguma névoa entre nós dois.

— Quero que saiba de uma última coisa. Eu e Clara nos falamos e somos amigas. Nunca nos conhecemos pessoalmente, mas nos falamos sempre. Ela me falou mil vezes para te procurar, que você me amava muito. É uma boa menina. O que ocorreu entre vocês foi muito forte pra ela.

Abraçaram-se por um longo tempo. O choro de ambos era contido, mas um choro de arrependimento e de felicidade por poderem recuperar o tempo perdido.

CAPÍTULO LVI

Quando entraram no quarto, Alcides ligou o som e Catarina entrou no banheiro. Em seguida saiu, pois tinha esquecido sua *nécessaire*. Alcides aproveitou para entrar e usar o banheiro. Quando estava saindo, ela estava entrando nua e o empurrou de volta. E juntos entraram no chuveiro. A água escorria em seus corpos. Eram beijos e toques, que os unia e os deixava livres de tudo. Com as mãos e a boca perseguia a água que explorava aquele lindo corpo de mulher, seu sonho e sua realização. Ela abraçara com as pernas a cintura dele e os braços cruzados por sobre os ombros. Ele apoiava-se nas paredes para não cair, mas não sentia cansaço, nem que estivesse fazendo alguma força, só prazer, amor e felicidade.

Dormiram um pouco e, como combinado, foram para a rua do lazer; porém, quando passavam pela matriz, perceberam que estava começando a missa, e resolveram entrar na igreja. Era um padre velho, já em idade de aposentadoria, mas fazia um belíssimo sermão sobre o perdão, compreensão e graça. A igreja estava cheia e, portanto, eles haviam ficado em pé nos fundos. Lá pelas tantas, Alcides percebeu um homem que discretamente olhava para ele. Mas continuou tranquilo, percebeu quando Catarina, abriu a bolsa e pegou sua arma, colocando-a com discrição na cintura sob a blusa. Ela também percebera o homem.

— Você ainda anda com isto? – perguntou Alcides.

— Depois que a gente se acostuma é difícil sair sem ela, e agora é você quem tem problemas – brincou Catarina e ambos

sorriram.

No momento da "*paz de cristo*", o homem fez menção de se aproximar, mas não o fez. Quando terminou a missa e o padre apenas dava os avisos para os congregados, Alcides e Catarina se retiraram e perceberam que o homem também, e que vinha na direção deles. Alcides afastou Catarina com a mão esquerda, e a direita colocou sobre sua arma em baixo da camisa, e voltou-se para o homem. Catarina também percebeu e levou a mão à arma.

— Se tivermos que atirar, Catarina, mire entre o nariz e a boca: é uma zona mortal – sussurrou Alcides.

— Seu Alcides! Desculpa incomodá-lo, o senhor não se lembra de mim? – perguntou o homem.

— Não, meu amigo, devo estar ficando velho – respondeu Alcides.

— O senhor me prendeu há alguns anos atrás traficando lança-perfume. Agora não faço mais isso. Não tinha noção do risco que corria. Diferente dos meus colegas de cadeia, que só falavam em sair e continuar, só que com mais cuidado para não serem presos de novo. Tive também uma grande ajuda do seu José; sei que é seu amigo, e que me deu muitos conselhos quando eu estava na "tranca".

— Agora me lembro de você – disse Alcides.

— O senhor, quando me prendeu, me disse: "Olhe, rapaz! Chega um momento em nossas vidas que não adianta reclamar que não tivemos oportunidades, e que a "sociedade" é injusta. Quando temos essa consciência, sabemos o que é certo e o que é errado. E cabe a nós optarmos, escolhermos o lado do bem, e não ficarmos reclamando. Vê se aprende e sai desta, o futuro pra traficante é cadeia ou cemitério!" O senhor pode não lembrar, mas eu lembro – e estendeu a mão para Alcides. – Muito obrigado! – Alcides apertou a mão do rapaz, que baixou a cabeça, se virou e foi embora.

Alcides e Catarina ficaram olhando o homem descer as escadarias da igreja e tomar o rumo do seu destino.

— É isto que me faz amá-lo e ter orgulho de você. Você, Alcides, é um homem bom!

Tiveram uma semana inesquecível. Conheceram as diversas cachoeiras, fazendas abertas para turistas e, sobretudo, se divertiram muito na boemia da rua do lazer. Foi uma semana longe de todos os problemas do trabalho. Ambos haviam feito um acordo de manterem os telefones desligados para evitar os aborrecimentos inerentes às suas profissões.

CAPÍTULO LVII

A volta para Brasília foi divertida e inesquecível. Brincavam o tempo todo, e o fluxo de carros era inverso ao que eles faziam. Compraram pequi na estrada, e Alcides prometera fazer uma galinha melhor do que a que eles comeram. Catarina havia adorado aquela! E ele se atreveria a fazer uma melhor ainda, para ela, o que provavelmente seria impossível. Ela pediu para ele dormir no apartamento dela, mas ele se recusara. Então decidiu que passariam lá pra ela pegar roupa e o carro dela, pois passaria o fim de semana com ele e de lá iria para o trabalho. Subiram juntos e, enquanto ele esperava ela arrumar as coisas, ligou o celular. Havia várias ligações dos colegas da equipe. Retornou as ligações, e pelo visto todos estavam preocupados. E o motivo, o mesmo! Sérgio Camaral estava solto! O advogado alegara que algumas compras de drogas haviam sido feitas por policiais disfarçados, e o tribunal concedera a ele o direito de responder em liberdade. Uma das ligações era do juiz, e Alcides retornou.

— Boa noite, Doutor! Aqui é Alcides Teixeira. Desculpe incomodá-lo a essa hora.

— Alcides, o que aconteceu? – perguntou o juiz.

— Como assim, Doutor?

— O seu delegado deu uma declaração que era possível que algumas transações com Sérgio podem ter sido feitas por policiais ou informantes e a defesa alegou flagrante preparado.

— Mas, Doutor, isso não quebra o flagrante...

— Eu sei, mas o tribunal aproveitou para liberá-lo, alegando fato novo! Tudo desculpa. Você sabe que o pai dele é poderoso e infelizmente...

— Nós fizemos nossa parte. E não se preocupe, ele não vai deixar de ser traficante, nem eu de ser policial, eu o pego de novo.

— Assim que soube, falei com o promotor e ele recorreu.

— Ok, Doutor! Muito obrigado!

— Tenha uma boa noite, Alcides. Um abraço!

— Para o senhor também – Catarina entrou na sala, ao voltar do quarto.

— Algum problema, amor?

— Não querida, nada demais.

— E foram direto para o apartamento dele. No caminho Alberto ligou.

— Está onde, Alcides?

— Indo para casa. Na realidade, quase chegando.

— Estou com Pedro, Heitor e Henrique. Estamos chegando aí. Tem um boato forte por aí que o filho da puta contratou uns matadores de Alagoas.

— Que é isso, Alberto? Vocês estão exagerando!

— Fica em casa que estamos chegando.

Realmente Alcides acreditava ser um exagero, e quando os meninos chegassem Catarina com certeza ficaria preocupada. Quando dobrou a esquina da sua rua viu um veículo branco parado

no cruzamento. Achou estranho, e ligou para Catarina pedindo para ela colocar o carro na garagem dele, que ele deixaria o dele no estacionamento externo. Ela passou a sua frente e parou na frente do portão. De dentro do carro ele acionou o controle. E seguiu para o estacionamento de brita em frente ao seu prédio.

Quando percebeu a presença do veículo branco, saltou do banco do seu carro já sacando a arma. Num átimo, viu um clarão e sentiu a bala antes de ouvir o barulho. Parecia que tinha levado uma paulada na perna direita. Mesmo assim conseguiu atirar abaixo do clarão que surgiu da janela de trás do veículo branco. Sentiu a perna fraquejar e algo escorrer por ela. Antes que conseguisse disparar novamente, sentiu outro impacto, desta vez no abdome. Caiu de joelhos, apoiando-se na lateral do carro e disparando na janela do passageiro de onde vinham os tiros. Viu quando o motorista desceu e se abrigou atrás do motor do veículo branco. Começara a ficar tonto e tentou deitar de bruços, mas o peso do corpo fê-lo sentar e encostar-se à porta do seu carro, que ficara aberta. Pressionou o retém do carregador, ao tempo em que com a mão esquerda buscara o segundo carregador. E, assim, ainda conseguiu ver o motorista levantar-se e fazer mira, mas, com a tontura, perdera toda a agilidade. Mesmo assim conseguiu recarregar e acionar a alavanca do retém do ferrolho. Foi quando sentiu outra “paulada” no ombro direito. Sua arma caiu ao lado da sua perna ferida, e ele não conseguia mais levantar o braço direito. Num esforço extremo, deixou o corpo escorregar por sobre o braço atingido e com a mão esquerda pegou sua arma, mas sentiu e viu um pé sobre ela. Olhou de lado e para cima e viu o motorista do carro branco apontar-lhe uma arma:

— Ele mandou te dizer, antes de te matar, pra você lembrar-se da promessa que te fez no fórum – o sotaque foi logo reconhecido por Alcides, que pensou; “Não é possível que eu vá morrer na mão dum peste, de um...”.

— Fala pra ele uma coisa.

— O quê? Seu bexiguento.

— Vá se foder, covarde, filho da puta!

O estampido dessa vez foi o mais alto de todos. O orifício de saída do projétil espalhou massa encefálica e sangue pela brita do estacionamento. Alcides ainda pôde ver o corpo tombar para o lado. Catarina, que ouvira os primeiros disparos, correrá a tempo de acertar um único e certo tiro na têmpora do motorista. O infeliz tombou como um pacote inútil sobre o chão.

Alcides sentia muito frio, e sentia suas forças desaparecerem. Catarina pressionava com as mãos o ferimento do ombro, quando percebeu as demais perfurações pelo corpo do homem amado, mas manteve-se calma. À distância, Alcides escutava uma sirene, um freio no asfalto e ainda viu os meninos da equipe se aproximando.

— Aguenta firme, irmão – disse Pedro.

— Ele está muito pálido, está perdendo muito sangue – constatou Catarina.

— Já pedi uma ambulância – interveio Alberto.

— Não dá tempo, vamos levá-lo – interferiu Catarina. – Precisamos fazer um torniquete na coxa e manter pressionado o ferimento da barriga.

Alberto fez o torniquete com o cinto e cobraram-no no banco de trás da viatura, com a cabeça no colo de Catarina, enquanto ela pressionava o ferimento do ombro. Alberto dirigia e Pedro debruçado sobre o banco dianteiro com o corpo voltado para trás pressionava a ferida do abdome. Alcides ainda estava consciente. Heitor e Henrique ficaram aguardando no local.

— Foi o Sérgio – sussurrou Alcides. – Ele me falou.

— Não fale nada, fique quieto e não durma – disse Catarina.

— Não vou conseguir, meu amor.

— Não fale assim! Vai, sim!

— Lamento não tê-la feito feliz.

— Não fala assim! Não houve um segundo na minha vida, que eu estivesse ao seu lado, que não tenha sido feliz, muito feliz. Todos os momentos em que estivemos juntos foram maravilhosos. Você vai ficar bem!

— Tenho orgulho de você! E te amo muito!

Alberto dirigia desesperadamente, com a sirene ligada, ultrapassando sinais luminosos. O hospital mais próximo era o das Forças Armadas (HFA), e foi para onde eles foram. Na entrada do hospital, o médico foi logo perguntando: “Policial?” Sim, era mais um policial que agonizava vítima do crime e da corrupção.

CAPÍTULO LVIII

O helicóptero fazia voos rasantes, como nunca se tinha visto. A expressão de raiva nos rostos dos policiais era nítida. Alguns dos policiais designados para a salva de tiros não conseguiam conter as lágrimas. Pétalas de rosa eram jogadas do helicóptero da polícia. Catarina trajava vestido e chapéu pretos, mas não usava óculos escuros, apenas portava uma rosa vermelha na mão e um crucifixo de ouro no pescoço. Por um pedido dela, o caixão estava fechado. O sentimento era de muita revolta. Nenhum membro da família dele compareceu ao enterro, apenas Catarina, que não permitiu discursos. Silenciosamente, ela esperou o caixão baixar, jogou a rosa, e não esperou mais nada. Saiu devagar, acompanhada pela equipe de Alcides, enquanto o sepultamento era findo.

EPÍLOGO

Um ano depois do sepultamento de Alcides, um corpo foi encontrado no estacionamento próximo ao bar *Barulho*, e havia recebido dois tiros entre o nariz e a boca, e que fora identificado como o do delegado José Pipoca. A polícia divulgou nota dizendo que o delegado pode ter reagido a um assalto. Só não conseguiram explicar o que ele fazia naquele local, que era um ponto conhecido de encontro de homossexuais.

Um mês depois, Sérgio Camaral foi baleado na saída de uma *rave*. Fora atingido com dois tiros na boca. A polícia acreditava que tinha sido acerto de contas entre traficantes. Resquícios de drogas foram encontrados em seu carro. Mas a polícia não tinha suspeitos.

FIM

[1] Tocaia, técnica de observação feita por policiais.

[2] Expressão policial para algema.

[3] Resumo dos relatórios dos agentes, feito pelo delegado.

[4] Delegacia de Polícia Interestadual. Onde eram feitas as consultas sobre prisões anteriores dos indivíduos.

[5] Ele se desenvolve bem em boca de barra, encontro entre a lagoa e o mar. Peixe de poucas escamas e que não precisa de muitos temperos, apenas sal e limão. É só passar farinha de trigo e fritar em óleo muito quente.

[6] Expressão policial para informante.

[7] Artigo 12 da lei 6368/76

[8] Currais-de-mar são armadilhas feitas de varas fixadas no solo por pescadores artesanais, em locais que apresentam grandes variações de marés; e em função da direção das correntes marítimas que, no caso do Nordeste, chegam a variar em até dois metros. Os peixes são aprisionados e removidos na maré vazante.

[9] Sinalização luminosa portátil, na expressão policial.

[10] Poema INTERVALO, do livro *Canto só* de João Carlos Taveira.

[11] Mandado de Busca e Apreensão

[12] É a fotografia de assuntos inanimados, geralmente grupos de pequenos objetos. Dando ao fotógrafo um controle de manobras dos objetos e da composição da foto.

[13] **Papa & Mary; Prato criado pelo chefe de cozinha, Joaquim Montalvo, que combina carne e frutos do mar preferidos de Hemingway e Mary, sua esposa. O prato consiste de medalhão de lagosta ao molho de frutos do mar e carne ao molho béarnaise. Inspirando no escritor norte-americano.**

[14] Cair. Expressão policial para dizer que vão entrar na casa de bandidos.